

FLÁVIA FERREIRA BARBOSA DA SILVA

**ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA
URBANA DE BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL**

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Eduarda M. Pires

Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Figueiredo Pinto

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO ALMEIDA GARRET

Lisboa

2015

FLÁVIA FERREIRA BARBOSA DA SILVA

**ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA
URBANA DE BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL**

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação Almeida Garret, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Supervisão e Formação de Professores.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eduarda M. Pires
Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Figueiredo Pinto

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO ALMEIDA GARRET

Lisboa

2015

Flávia Ferreira Barbosa da Silva

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

DEDICATÓRIA

Dedico à Deus, pela força e fé que foram desenvolvidas nessa caminhada. Ao meu marido Mauro Silva, que é amigo, meu professor e guerreiro junto a mim nessa batalha. À minha filha Manuela Luz por toda sua energia positiva e sabedoria de criança.

AGRADECIMENTOS

À DEUS, pela força e fé que nos proporcionou nessa caminhada, por me ouvir atentamente em minhas orações. Por se mostrar constantemente presente em cada passo.

Ao meu marido Mauro Silva, amigo, meu professor, meu guerreiro, parceiro de lutas e conquistas, de onde surgiu a iniciativa de “encarar o Mestrado”. À minha filha Manuela Luz por toda sua energia positiva e sabedoria de criança.

À minha mãe Iara Ferreira e irmão Flávio Ferreira, por suas forças espirituais constante. À toda família Ferreira que sempre me acolheu, avós e tios, em especial à tia Dra. Rosana Ferreira, por toda paciência e compreensão com meus erros e acertos, ao meu tio Dr. Paulo Ferreira e esposa, por acreditarem em mim e me apoiarem nos momentos de transições nesta fase do mestrado.

À família de meu esposo, em especial Sr. Arcelino e Dona Clara, Dona Eremita (*in memória*). Estendendo às minhas “cunhadas irmãs”, Doutoranda Ana Cláudia Silva, Dra. Adriana Castelo Branco, Mrs. Ádria Araújo.

Ao meu Prof. Orientador Dr. Ricardo Figueiredo Pinto por sua paciência, compreensão e por acreditar na realização desse sonho.

Ao Prof. Dr. Alcides Scaglia que, por e-mail, me encheu de motivação e esperança de contribuir para a qualidade das aulas de Educação Física.

Ao ex-secretário de Educação Benedito Viana pela credibilidade e incentivo. À todas as minhas alunas de Treino Personalizado, obrigada pela confiança, credibilidade e força moral.

À todos meus colegas de trabalho, professores de Educação Física de Breves, que doaram alguns minutos de seu tempo para responder cordialmente ao questionário, com fundamental participação na pesquisa e construção desse documento, meu respeito e muito obrigada à todos por contribuírem.

A todos os professores de minha vida escolar, Prof. Matheus (*in memória*), e de modo especial os professores do Curso de Mestrado por contribuírem para o meu crescimento pessoal e científico. A todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para esse sonho se tornar realidade.

Flávia Ferreira Barbosa da Silva

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

EPIGRAFE

Ser professor implica saber quem sou, as razões pelas quais faço o que faço e concienzializar-me do lugar que ocupo na sociedade. Numa perspectiva de promoção do estatuto da profissão docente, os professores têm de ser agentes activos do seu próprio desenvolvimento e funcionamento das escolas como organização ao serviço do grande projecto social que é a formação do educando.

Izabel Alarcão

RESUMO

O professor de Educação Física escolar no Brasil não pode ignorar a marcante cultura do brincar de jogar futebol que, conseqüentemente, é levada para dentro das aulas de Educação Física, quando isso ocorre, torna-se um desafio para ele conciliar a paixão dos alunos e o processo ensino-aprendizado necessário, por isso, esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como é desenvolvida a prática docente nas aulas de Educação Física em que o professor utiliza o futebol jogo/brincadeira e futebol jogo/esporte no 2º ciclo do ensino fundamental nas escolas municipais da zona urbana de Breves – Marajó – Pará. Questionando sobre como o professor desenvolve as atividades de futebol jogo/brincadeira e futebol jogo/esporte, afinal, essas atividades estão sendo sistematizadas ou o professor está permitindo somente o jogar pelo jogar bola?Especificamente, os objetivos foram verificar qual a abordagem mais utilizada pelos professores de Educação Física, se é futebol jogo/brincadeira ou futebol jogo/esporte, identificando quais os motivos que levam os professores a escolher tais atividades, e analisar como o professor ministra didaticamente essas atividades aos alunos. Os referenciais utilizados para a pesquisa foram João Batista Freire, Scaglia, Darido e Rangel, Tubino, Alarcão e Nóvoa, que serviram de base para as sustentações teóricas. O estudo é descritivo, quali-quantitativo. Na pesquisa de campo foram entrevistados 10 professores de Educação Física escolar do quadro efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Breves/PA. Foi aplicado questionário fechado, juntamente com a técnica de entrevista semi-estruturada, registrada em áudio e transcrita nesta pesquisa. Os resultados mostraram que os professores utilizam, no 2º ciclo, predominantemente o futebol jogo/brincadeira, ora sistematizando-a pedagogicamente, ora deixando que o próprio aluno a conduza, tornando a atividade semelhante ao lazer em virtude de inúmeras dificuldades discutidas ao longo da pesquisa. Ao final, concluiu-se que a prática docente no trato com o futebol necessita estar voltada às constantes ressignificações e que para isso, há de se ter frequentes momentos de reflexão desta prática, especialmente para o ensino fundamental. Portanto, a importância desta pesquisa mostra-se na possibilidade de levantar novos questionamentos, reflexões e intervenções positivas na tentativa de contribuir para elevar o nível de qualidade do processo ensino-aprendizagem em Educação Física na cidade de Breves – Marajó – Pará – Brasil

Palavras-chave: Educação Física escolar, prática docente, ressignificação, futebol jogo/brincadeira, futebol jogo/esporte.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

ABSTRACT

The teacher of Physical Education in Brazil can't ignore the remarkable culture of play to play football, therefore, it is brought into the physical education classes, when this occurs, it becomes a challenge for him to reconcile the passion of students and the teaching-learning process necessary, therefore, this study aimed to analyze how teaching practice is developed in physical education classes where the teacher uses football game/playfull and football game/sport on the 2nd elementary school cycle in municipal schools in the urban area of Breves - Marajó - Pará. Questioning about how the teacher develops activities the football game/playfull and game/sport, after all, these activities are being systematized or teacher is allowing only the play by play ball? Specifically, the objectives were to verify what approach most commonly used by physical education teachers, if football game/playfull or football game/sport, identifying the reasons why teachers choose such activities, and analyze how the teacher teaches didactically these activities to students. The references used for the research were John the Baptist Freire, Scaglia, Darido and Rangel, Tubino, Alarcão e Nóvoa, which formed the basis for the theoretical supports. The study is descriptive, qualitative and quantitative. In the field research were interviewed 10 teachers of Physical Education of the effective framework of the Municipal Department of Education Breves/ PA. Closed questionnaire was applied along with a semi-structured interview technique, recorded audio and transcribed this search. The results showed that teachers use in the 2nd cycle, predominantly the football game/playfull, sometimes systematizing it pedagogically, sometimes letting the students themselves to drive, making the leisure similar activity because of numerous difficulties discussed during the research . In the end, it was concluded that teaching practices in dealing with football needs to be geared to constant reinterpretation and for this, one has to have frequent moments of reflection of this practice, especially for primary education. Therefore, the importance of this research is shown in the possibility of raising new questions, ideas and positive interventions in an attempt to help to raise the quality level of the teaching-learning process in physical education in the city of Breves - Marajó - Pará - Brazil

Keywords: Physical Education, teaching practice, reframing, football game/playfull, football game/ sport.

Flávia Ferreira Barbosa da Silva

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases.

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

SEMED – Secretaria Municipal de Educação - Breves

TV – Televisor

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	14
PROBLEMA.....	17
1.2. OBJETIVOS	19
1.2.1 Objetivo Geral.....	19
1.2.2 Objetivos Específicos	19
CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA CORPORAL	21
2. FUTEBOL NO BRASIL – PRIMEIROS VESTÍGIOS.....	25
2.1 A brincadeira que evoluiu para jogo, o jogo que evoluiu para esporte.....	29
2.2 O futebol na escola como imagem esportiva. Dimensões do esporte.....	43
2.2.1 Esporte educacional X esporte escolar.	48
2.2.2. Influências da mídia na paixão nacional.	50
3. EDUCAÇÃO FÍSICA – PRÁTICA DOCENTE – FUTEBOL.....	58
3.1 Contextualizando a “tríade”.....	58
3.2 Questões de identidade docente na Educação Física do século XXI no Brasil.	61
3.3 Questões reflexivas ao Professor de Educação Física no Brasil.	67
3.4. Planejamento da prática docente nas aulas de Educação Física do 2º ciclo do ensino fundamental	73
3.4.1 Algumas questões sobre a planejar atividades de jogo/ brincadeira/ esporte.	79
CAPÍTULO II - PERCURSO METODOLÓGICO	82
1. MÉTODO DE PESQUISA	83
1.2. AMOSTRA DA POPULAÇÃO	83
1.3. COLETA DE DADOS	83
1.4 BREVE DESCRIÇÕES SOBRE O LÓCUS DA PESQUISA	84

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	90
1. DADOS GERAIS REGISTRADOS SOBRE OS 10 PROFESSORES ENTREVISTADOS	91
1.2. QUESTIONÁRIOS	92
1.3 ENTREVISTAS.....	94
CONCLUSÃO	112
POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PARA POTENCIALIZAR O TRABALHO DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM QUE SE UTILIZE O FUTEBOL PARA O 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	109
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	117
ANEXOS	

ÍNDICE DE GRÁFICOS E ENTREVISTAS

GRÁFICO 1 – Percentual da Resposta da Questão 01.....	92
GRÁFICO 2 – Percentual da Resposta da Questão 01.....	92
GRÁFICO 3 – Percentual da Resposta da Questão 01.....	93
GRÁFICO 4 – Percentual da Resposta da Questão 01.....	93
GRÁFICO 5 – Percentual da Resposta da Questão 01.....	93
GRÁFICO 6 – Percentual da Resposta da Questão 01.....	94

ÍNDICE DE IMAGEM, TABELAS E FOTOS

FIGURA 1 – Organograma Influência da Mídia na Paixão Nacional.....	50
TABELA 1 – Divisão de Séries e Ciclos Baseados no PCN’s Ed. Física.....	78
TABELA 2 – Divisão de Séries e Ciclos Baseados no PCN’s Ed. Física.....	91
FOTO 1 – Arquipélago do Marajó	86
FOTO 2 – Cidade de Breves, Vista aérea	86
FOTO 3 – Estátua da Padroeira de Breves	87
FOTO 4 – Sementes de Açaí e AçaíGrosso	87
FOTO 5 – Prof. Flávia e Alunos do 2º Ciclo do E. Fundamental	88
FOTO 6 – Alunos na Quadra Brincando de Jogar Futebol	88
FOTO 7 – Alunos Brincando de Jogar Futebol	89

Flávia Ferreira Barbosa da Silva

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

INTRODUÇÃO

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

A pesquisa surgiu a partir de inquietações acerca da prática docente nas aulas de Educação Física escolar na cidade de Breves. Essas inquietações eram críticas ao professor de Educação Física por ele utilizar, constantemente, brincadeiras e jogos de futebol em suas aulas. Por um lado, havia um cenário em que os alunos pediam o futebol e o jogavam com autonomia, brincando sozinhos, ou jogando imitando o esporte futebol dos adultos, por outro, o professor, o qual não se sabia exatamente o papel dele no contexto desta atividade.

A partir dessa observação, surgiu o questionamento sobre de que forma o professor utiliza o futebol jogo/brincadeira e o futebol jogo/esporte para os alunos de 2º ciclo do ensino fundamental nas aulas de Educação Física. Algumas questões serão investigadas, tais como, os motivos que o levam a ter essa prática em suas aulas, e qual a prática mais constante, futebol jogo/ brincadeira ou futebol jogo/esporte. Portanto, objetiva-se com estes questionamentos analisar como é desenvolvida a prática docente na utilização do futebol jogo/ brincadeira e futebol jogo/esporte no 2º ciclo do ensino fundamental nas aulas de Educação Física na zona urbana da cidade de Breves/Pa.

Ao longo da dissertação, mais precisamente no capítulo I, no que diz respeito à pesquisa bibliográfica, é verificado aspectos sobre o surgimento do futebol, desde quando ele se apresentava rústico, passando de brincadeira à jogo, e posteriormente, à esporte. Verifica-se aspectos conceituais sobre futebol jogo/brincadeira e futebol jogo/esporte buscando situar o leitor primeiramente nos termos que serão mencionados ao longo da pesquisa. O futebol é discutido como imagem esportiva, fazendo diferenciações do futebol educacional e futebol escolar. Um ponto muito importante desta pesquisa, refere-se à influência da mídia do futebol nas aulas e toda a força do assédio dos alunos para que o professor libere a prática do futebol durante as aulas de Educação Física. Ainda no capítulo I, é discutido como o professor pode apresentar o futebol na escola para os alunos de 9 a 10 anos sem levá-los à uma prática arbitrária de exigir técnicas, performances atléticas, ou o jogar pelo jogar. Questões reflexivas sobre o trabalho docente onde envolvem planejamento pedagógico, identidade docente e futebol, são discutidas.

O capítulo II trata do percurso metodológico, caracterizado por ser pesquisa descritiva, quali-quantitativa, utilizando questionário fechado com 06 (seis) perguntas objetivas, com duas opções de resposta, e mais 04 (quatro) questionamentos em forma de entrevista semi-estruturada, coletadas em forma de áudio. A entrevista semi-estruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas. A amostra, no período da pesquisa

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

(Novembro de 2014 a Março de 2015), totalizou 10 (dez) professores de Educação Física do 2º ciclo, o qual refere-se à 4º e 5º ano do ensino fundamental. Os professores mostraram-se dispostos a responder aos questionamentos, não apresentaram dificuldades no entendimento da linguagem das perguntas e a pesquisa aconteceu de forma tranquila e satisfatória. No mesmo capítulo, segue a descrição do lócus da pesquisa com descrição sobre particularidades da cidade de Breves.

No capítulo III, apresenta-se os resultados e discussões sobre os mesmos, a transcrição das entrevistas cruzando com as análises das respostas, realizando a reflexão sobre o que foi dito no referencial bibliográfico e o que foi apresentado na realidade, ou seja, como devem ser e como realmente são postas no cotidiano das aulas de Educação Física do 2º ciclo do ensino fundamental na zona urbana de Breves.

Entende-se, ao final da pesquisa, que o futebol pode e deve ser abordado para o 2º ciclo do ensino fundamental, porém, deve existir preocupação com o nível de aprendizado e desenvolvimento do aluno. A forma de ensinar precisa ser adequada, adaptada e ressignificada para esse ciclo de escolaridade, é uma fase da criança em que ela deve aprender brincando ou através de atividades lúdicas, o futebol não pode ser abordado como um fim em si, há de se contextualizá-lo.

A importante relevância desta pesquisa para a comunidade Brevense se mostra na geração de reflexões acerca da prática docente na Educação Física escolar. Os governantes, a comunidade em geral, os pais, os alunos, os professores de Educação Física, os acadêmicos dos cursos de Educação Física, educadores e pesquisadores na área da Educação, são levados a reconhecer que existem adversidades, conhecer algumas delas e que estas estão afetando direta e indiretamente a práxis dos professores, conseqüentemente a educação e formação de cidadãos. A pesquisa pode ter um alcance considerável em analisar tais fatores e direcionar a discussão acerca de todas as problemáticas e possíveis soluções para que o professor de Educação Física escolar assuma um papel contributivo e ativo na formação dos alunos não só do 2º ciclo do ensino fundamental, mas, na Educação Básica como um todo.

PROBLEMA

Como está se desenvolvendo a prática docente nas aulas de Educação Física escolar ao utilizar o futebol jogo/ brincadeira e o futebol jogo/esporte para as crianças do 2º ciclo do ensino fundamental nas escolas municipais de Breves no Marajó – Pará?

Questiona-se nesta pesquisa, todo o procedimento docente no trato com o futebol na forma de jogo, brincadeira e esporte, quais as metodologias aplicadas pelo professor de Educação Física escolar, e a suposta ausência de ação sistematizada na execução das atividades, pois, ‘o professor não pode entrar na escola despido de uma pedagogia, mesmo que ele não saiba qual é’(Freire 2006. p. 3).

Como consequência desta suposta falta de sistematização e de metodologia, a comunidade escolar Brevense critica os professores de Educação Física por suas atividades voltadas ao futebol, são questionamentos feitos por coordenadores pedagógicos, professores das escolas e até mesmo pais e responsáveis pelos alunos, muitas vezes em reuniões pedagógicas, colocando a competência profissional do professor em evidência para discussões, sendo este mais uma das motivações da pesquisa desta temática, por ser um problema presente na vida profissionais de Educação Física escolar de Breves.

As reclamações são, basicamente, devido ao ‘brincar de jogar futebol’ das crianças ministrado pelo professor de Educação Física. A imagem que se percebe durante uma aula é a do professor cercado de alunos, que por sua vez, seguem gritando e correndo atrás de chutar uma bola. O professor algumas vezes mediando o jogo, outras não e outras jogando junto com os alunos, apresentando uma certa impressão de desorganização e falta de objetivo. De qualquer forma, o futebol que o professor ministra aos seus alunos agrada uns e desagrade outros dentro do ambiente escolar, fazendo alguns observadores exclamarem: “Como ele pode ensinar assim?”, “Ele sabe o que está ensinando?”, “Qualquer um pode fazer o que ele faz”. Talvez pela maneira tão descontraída, recreativa e lúdica de ensinar que o professor de Educação Física do ensino fundamental possui, confunda até mesmo os educadores mais experientes.

O brincar de jogar futebol, no olhar empírico daqueles professores do ensino regular, sem analisar a prática docente que cerca esse futebol, seja na forma de brincadeira ou na forma de rendimento, não mostra o potencial educacional que tem quando é devidamente intermediado pelo professor, inclusive o futebol jogado na escola não deve ser

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

o futebol jogado na rua. O futebol da escola é direcionado para educar, e com esta afirmativa pode-se questionar, será que os ensinamentos pedagógicos do “jogo de Bola” estão sendo aproveitados de maneira positiva?

Portanto, a pesquisa mostra uma oportunidade de buscar respostas, fazer reflexões, e pontuar algumas direções, não com a intenção de apontar vilões e mocinhos da Educação, já que a Educação é algo maior e mais complexo, e sim, discutir todo o conjunto de fatores que cercam a prática docente no contexto do futebol jogado na escola, com o intuito maior de enriquecer o processo ensino-aprendizagem na área de Educação Física escolar de Breves/Pa.

Questões a serem investigadas

- a) De que forma o docente desenvolve a prática do futebol jogo/ brincadeira e futebol jogo/esporte nas aulas de Educação Física?
- b) Quais os motivos que levam o docente a utilizar o futebol jogo/ brincadeira e/ ou futebol jogo/esporte nas aulas de Educação Física escolar?
- c) Qual a abordagem o professor mais utiliza em suas aulas: futebol jogo/brincadeira ou futebol jogo/esporte?

1.2. OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar como é desenvolvida a prática docente nas aulas de Educação Física onde o professor utiliza o futebol jogo/ brincadeira e o futebol jogo/ esporte para o 2º ciclo do ensino fundamental na zona urbana do município de Breves – Marajó- Pará.

1.2.2 Objetivos Específicos

Identificar os motivos que levam o docente de Educação Física escolar a utilizar o futebol jogo/brincadeira e o futebol jogo/ esporte para os alunos do 2º ciclo de ensino fundamental;

Verificar qual a abordagem do futebol o professor mais utiliza: futebol jogo/ brincadeira ou futebol jogo/ esporte para o 2º ciclo do ensino fundamental;

Verificar como devem ser feitas as abordagens pedagógicas para o futebol jogo/brincadeira e futebol jogo/esporte pelo professor de Educação Física escolar.

Flávia Ferreira Barbosa da Silva

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

CAPÍTULO I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA CORPORAL

O professor do século XXI na Educação Física escolar do Brasil, está em busca de valorização e de reconhecer-se em sua profissão, remodelando sua identidade docente, ajustando-se à realidade de sociedade atual, a qual se mostra competitiva, desleal, exigente e individualista, talvez o oposto de tudo o que a prática esportiva oferece, como a lealdade, competitividade com resiliência para suportar e aceitar a derrota, o senso de coletividade, etc. Assim como buscar por novas práticas pedagógicas lançando um olhar para além de uma Educação Física escolar restrita ao treinamento de aptidões físicas, práticas mecanicistas esportivas, reducionistas, tecnicistas ou pensamentos predominantemente biomédicos.

A Educação Física no Brasil, sendo direito fundamental ao ser humano e, garantida pela Lei 9.394/96 da Lei de Diretrizes e Bases - LDB, tem se mostrado cada vez mais fundamentada, sólida e independente. Apresenta tendências atuais apontando para um caráter de humanização, considerando o aluno como ser humano numa totalidade multidimensionada, ou seja, em seus aspectos sociais, afetivos, cognitivos, culturais e motores (Gallardo, 2009).

Como podemos perceber a Educação Física é bem maior do que se apresenta aos leigos, ela pode transcender a simples prática esportiva e se tornar uma parcela importante do desenvolvimento integral do aluno. É desta maneira instalar no âmbito escolar, a Educação Física com o propósito de transcender as práticas corporais, ligadas a um estilo de vida ativo e saudável, à ocupação do tempo livre de lazer, habilidades motoras, e sim, desenvolvimento de valores que levam os alunos ao entendimento de posturas responsáveis na sociedade e à busca da cidadania, sem excluir a totalidade das pessoas e, principalmente interagindo com influências culturais e naturais.

A Legislação Brasileira pontua e referencia sobre influências culturais pois nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs de Educação Física, os conteúdos da disciplina devem ser abordados, segundo este documento, como expressão de produções culturais. A ideia de cultura segundo o PCN (Brasil, 1997a), apresenta-se como:

Um conjunto de códigos simbólicos reconhecíveis pelo grupo: neles o indivíduo é formado desde o momento de sua concepção; nesses mesmos códigos, durante a sua infância, aprende os conhecimentos e valores do grupo; ele é mais tarde introduzido nas obrigações da vida adulta,

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

*da maneira como cada grupo social as concebe.
(PCN, 1997, p27).*

A cultura faz parte da constituição do ser humano, e estes símbolos devem ser introduzidos de alguma maneira no repertório comportamental do aluno através de algumas atividades que possam contribuir para o desenvolvimento cultural e emocional deste indivíduo, e nada como expressões culturais para que este ser se identifique como pertencente de um determinado grupo, atuando em contrapartida às mídias que moldam os mesmos a ter um comportamento típico do sistema socioeconômico atual, o egoísmo.

Assim, relacionando cultura, futebol e Educação Física, entende-se esses três fenômenos como cultura corporal, que produzem e reproduzem cultura, pois, cultura é: *“produto da sociedade, da coletividade à qual os indivíduos pertencem, antecedendo-os e transcendendo-os”* (Melhem 2009, p.103).

Os conteúdos da Educação Física são produtos da cultura corporal não somente de nossa sociedade brasileira, mas na humana como um todo, e tem em comum a representação corporal e lúdica. Cabe ao profissional direcionar sua prática aos alunos, ressignificando cada uma das manifestações (jogo, dança, lutas, ginástica e esportes), localizar os benefícios fisiológicos, psicológicos, suas possibilidades de utilização como instrumentos de cultura, comunicação, expressão, dentro das atividades, formulando então, propostas para a Educação Física escolar (Coletivo de autores, 2012)

*É tarefa da Educação Física escolar garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de exercê-las e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente.
(Melhem, 2009, p. 104).*

O professor de Educação Física escolar, portanto, deve atentar à sua prática para não se restringir a meras repetições de movimentos e atividades para gastar o tempo, e sim acrescentar algo a mais na capacidade dos alunos de refletir sobre sua atuação no mundo, tanto na cultura corporal, quanto reflexões de sua existência perante a sociedade. Podemos citar, não por acaso, atividades em que os professores possam transversalizar objetivos que transcendem o ensinar, como exemplo, nos jogos, no momento em que os alunos interagem uns com os outros como adversários eles podem ser induzidos ao respeito mútuo, participando de forma leal e não agressiva; aceitando os resultados adversos do jogo; o aprender a ganhar de maneira digna e humilde sem provocar ou humilhar o adversário; por ser adversário e não inimigo; saber reconhecer seus erros a fim de os corrigir e tentar

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

novamente; ampliando o senso de justiça; o de trabalho em equipe; a solidariedade; dignidade e etc.

Na Educação Física escolar, o futebol tem suas várias formas de abordagem, pode-se reconhecê-lo como esporte, jogo, e até mesmo brincadeira (Scaglia 2003), dependendo do contexto em que se vai trabalhar. Ele forma um ambiente propício para o aprendizado, principalmente se for associado e sistematizado a contextos da Educação Física escolar, e por que percebemos uma falha na utilização deste instrumento de aprendizagem.

Frente a este questionamento, faz-se necessário, portanto, identificar qual futebol está se tratando nesta pesquisa, se é futebol em abordagens esportivas, recreativas, abordagens de jogo, ou até mesmo em moldes de brincadeira. Entretanto, é necessário realizar o embasamento teórico sobre pressupostos conceituais e procedimentais de todas essas abordagens, para entender a prática docente de forma ampla e criar uma linha de percepção sobre qual é mais utilizado, como está sendo utilizado e por que não surte o efeito pedagógico e de aprendizagem esperado.

Analisando a obra Coletivo de autores (2012), ele mostra que “o estudo do futebol na escola pode ser feito mediante uma análise que abarque diferentes aspectos”, tais como:

O futebol enquanto jogo com suas normas, regras e exigências físicas, técnicas e táticas; o futebol enquanto espetáculo esportivo; o futebol enquanto processo de trabalho que se diversifica e gera mercados específicos de atuação profissional; o futebol enquanto jogo popularmente praticado; o futebol enquanto fenômeno cultural que inebria milhões e milhões de pessoas em todo o mundo e, em especial, no Brasil. (Coletivo de Autores, 2012, p 72).

Como pode-se perceber, a partir deste recorte teórico o futebol apresenta-se de várias formas, trazendo várias características da dinâmica social humana, como a exigência física, tática e técnicas, sendo estes preceitos do alicerce da formação do indivíduo e da preparação do mesmo para o mundo adulto, então porque não vem surtindo efeito em nosso município? Por que não vem ajudando na formação de cidadãos?

A prática do futebol na escola é uma herança cultural. Ignorá-la é negligenciar o passado. É uma prática apaixonante pelos alunos. ‘A paixão não filtra o que temos de bom ou mal, impulsionando o sujeito a tirar do seu íntimo o que tem de melhor. Sai tudo em enxurradas.’ (Freire, 2006, p27). A brincadeira de futebol no Brasil, seja ele em forma de

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

travinha improvisada, bobinho ou bem estruturado dentro de uma quadra na escola, ou seja, como jogo/brincadeira ou jogo/esporte, é uma atividade lúdica e com grande potencial educacional, inclusive com sua complexidade, merecedor de estudo e pesquisa. Além de tudo, há muito de se utiliza desse futebol, desde séculos passados em contextos escolares. Levando-nos a pensar se há tanto tempo está presente nas atividades escolares alguma coisa de bom ele vem acrescentando no aprendizado dos alunos, talvez estes conhecimentos não venham sendo sistematizado e repassado aos profissionais para serem utilizadas de maneiras pedagógicas.

Máximo (1999), afirma que, desde 1840, na Inglaterra, o futebol, já era obrigatório nos recreios escolares (marcando presença na escola), sob liberação da Rainha Vitória orientada pelo pedagogo Thomas Arnold. O futebol, nascido na Inglaterra, difundido pelo mundo e adotado como paixão nacional pelos brasileiros, hoje é o esporte mais praticado no Brasil, país também conhecido como 'Pátria de chuteiras' ou 'País do futebol', como diz Freire (2006). Essa paixão naturalmente invade a escola de hoje, visto que a escola hoje continua sendo exímia reprodutora da cultura da sociedade.

Mesmo quando não se tem a estrutura ideal para prática dessa atividade, é comum vermos, dentro da aula de Educação Física, a reprodução do cenário da rua. Com o consentimento do professor, num espaço mais aberto, num campo ou salão, um grupo de alunos(as), providenciam objetos o qual serão as traves, podem ser gravetos, cadeiras, chinelos, mesas ou cones; duas crianças, naturalmente com mais espírito de liderança, dividem em par ou ímpar os dois times, quem "sobra" marca grade, um deles inicia o jogo chutando o objeto mais cobiçado: a bola. Não, necessariamente, esta bola precisa ser nova ou adequada, pode ser pequena ou grande, simples ou requintada, leve ou pesada, pode ser até de meia, contanto que seja simplesmente, uma bola.

"A bola é um brinquedo barato. Ao alcance de qualquer menino, seja o mais afortunado que a tem de couro, grande e redonda, seja do menos favorecido, que a faz de meia, murcha e pequena, ela, mais do que qualquer brinquedo caro, faz a alegria da criança brasileira. À sua falta, chutam-se pedra, chapinha, laranja, lata, caixa de fósforos, qualquer coisa que, mesmo de longe, lembre o pé de um jogador de verdade a mandar uma bola de verdade à rede adversária." (PORTO & MÁXIMO, 1968b, p. 399 apud SCAGLIA,2003,p. 36)

Pode-se perceber nos dois parágrafos acima a riqueza que é a prática do futebol, quantos aspectos do ser humano surgem com esta prática, a criatividade ao improvisar o

jogo, a organização do grupo para que o jogo aconteça, a formulação de regras para dinamizar o jogo, e principalmente como a diferença de classe se dissolve perante este jogo, quanto à riqueza, cita-se novamente na utilização do futebol, e quantas possibilidades de utilizar pedagogicamente este instrumento de ensino.

Porém, desde quando exatamente surgiu a prática do futebol? Teria nascido com toda a complexidade de modalidade esportiva? Ou teria originado de brincadeiras com bola nos pés (Scaglia 2003). Veremos a seguir como toda a complexidade do futebol vem se desenvolvendo no Brasil até nossa contemporaneidade.

2. FUTEBOL NO BRASIL – PRIMEIROS VESTÍGIOS

O que há de importante em lançar um olhar para o contexto histórico do futebol, é tentar compreendê-lo como fenômeno social, como produto da cultura historicamente construída por nossa sociedade, motivo de confraternização, de expressão de paixão, etc. É necessário observar a dialógica que há entre fatos passados e os da atualidade.

Os primeiros escritos sobre o futebol brasileiro relatam pessoas interagindo em forma de jogo, ora com bola nos pés, outrora utilizando a cabeça, de forma rústica ou já bem caracterizada, datam muito antes do aparecimento de nomes como Charles Miller.

Com respeito aos documentos oficiais, resga-se os enfoques de pesquisas recentes, como neste capítulo, sendo base, a obra de Laércio Becker, 2012, “Do fundo do Baú – pioneirismos do futebol brasileiro” e a do historiador José Moraes dos Santos Neto (2000) no livro “Visão de jogo”, fazendo importantes referenciais que induzem o leitor a pensar que a atribuição de “pai do futebol” a Charles Miller é a única verdade, o que na realidade é uma invenção socialmente construída por historiadores como Eric Hobsbawm e Terence Ranger. Sem dúvidas Miller teve sua devida importância para a legitimação. Entretanto, o “*football*” chegou ao Brasil a partir de iniciativas de religiosos estrangeiros, com intuito de atender à reforma educacional promovida pelo Estado, ainda em 1882, então devemos passar a considerar este fato.

O futebol não foi inventado ao acaso e nem já nasceu pronto, no produto final que hoje conhecemos, ele surgiu do resultado de inúmeras brincadeiras e ações de “chutar bola”. Scaglia 2003 p.23. Em 1816, o naturalista, botânico, viajante e francês Auguste Saint-Hilaire avistou brasileiros brincando com bola e registrou em seu livro publicado em Paris “De São Paulo à Santa Catarina” em 1851.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Há confirmação na história de que os padres Jesuítas trouxeram bolas e uniformes e ensinaram um futebol rústico aos alunos desde a fundação da Escola Anchieta, em 12/04/1886. No Brasil, de acordo com Scaglia (2003), os professores Jesuítas incorporaram o discurso sobre os benefícios da prática de atividades físicas, mais precisamente sobre os esportes, com destaque ao futebol.

Segundo Becker (2012), Marechal Cândido Rondon desbravava Rondônia enquanto descrevia sua visão onde mais tarde foi relatada por Roquette-Pinto em 1917, sobre “*Índios Parecis jogando uma bola fabricada com borracha da Mangabeira. Os índios chamavam a atividades de Mataná-Arití*”. Os rapazes dividiam-se em dois campos e cada qual procurava repassar a bola com cabeceadas, daí a razão de Rondon chamar a atividade de Headball (inglês: head=cabeça; Ball= bola) por oposição de *football*. Não se sabe desde quando o Mataná-Arití era jogado, mas por ser uma tradição indígena, pode-se prever a existência bem antes da chegada de Cabral.

Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala, de 1933, afirma a prática de jogos com bola confeccionada de material semelhante a um pau muito leve. Seria, segundo ele, “uma contribuição dos meninos Ameríndios para os jogos infantis Europeus”, rebatida com as costas ou deitando-se de “borco” para repassá-la, na qual Laércio Becker 2012 afirma ser “um movimento precursor do fundamento *peixinho*”.

Tais relatos não podem ser considerados como esporte ou mesmo futebol propriamente dito, são ensaios, mas que revelam a construção de uma cultura que só se fortaleceu ao longo dos tempos, revelam a intimidade do brasileiro com a bola e muito explicam sobre a paixão por jogos com a mesma.

No Estado do Pará, ainda de acordo com Becker (2012 p.7), pesquisadores paraenses tomam pra si a introdução do futebol no Brasil através deste Estado, pois segundo o geógrafo Gilmar Mascarenhas de Jesus, o Pará era porta de entrada para a Amazônia, época da borracha, portanto tinha um imediato contato com tudo o que era trazido do exterior, supõe-se ser verdade que já se praticava futebol na Praça Batista Campos, provavelmente essa modalidade já existia bem antes, pois necessitaria de tempo para o aprimoramento da prática, mas segundo o autor, mesmo que as empresas internacionais em 1890 tivessem trazido e praticado o futebol no Pará, o fato é que essa novidade não se enraizou.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Segundo o escritor João Máximo, no livro *Memórias do futebol*, 1999, o esporte na Inglaterra já era obrigatório nos recreios escolares, sob liberação da Rainha Vitória orientada pelo pedagogo Thomas Arnold, desde 1840. Arnold criou o chamado “Esporte moderno” numa perspectiva pedagógica (Tubino p. 11. 2011). O *Mass Football*, na Inglaterra, era até então, um jogo de rua, violento e fatal, “disputado por dois times de 50 pessoas em cada lado, utilizando uma bola de bexiga de boi cheia de terra, envolvida em couro, que objetivava passar tal bola pela porta da cidade, ‘o goal’, defendido pelo time adversário”, nem que para isso fossem necessários socos, pontapés, cotoveladas, gravatas ou golpes sujos.

Máximo (1999) relata as justificativas do pedagogo Arnold para aplicação do *Mass football* dentro das escolas, que mesmo sendo um esporte bárbaro e primitivo, os jovens ingleses poderiam praticá-lo e seria conveniente para aquele momento.

Como as escolas oficiais inglesas começavam a ser frequentadas por meninos de uma classe média em ascensão, os nobres de verdade se misturando com os que tinham dinheiro para comprar nobreza, o pedagogo previu que ideias novas, reformistas, revolucionárias mesmo, poderiam contaminar os futuros homens do Império britânico. Com o futebol, os meninos não perderiam tempo conversando nos recreios, trocando ideias; os nobres poderiam ser influenciados pelos plebeus, cabeças se fazendo, segundo Arnold, na direção errada. Além disso, o que haveria de mais eficaz e menos perigoso para canalizar as energias dos jovens, 11 de um lado, 11 de outro, correndo atrás de uma bola, brigando por ela durante a hora do recreio?(João Máximo em *Memórias do Futebol Brasileiro*, 1999, p. 180)

De qualquer forma, o mundo reconhece o Charles Miller como fundador de um futebol estruturado, clubista, de prática com regras, de cunho socializador, difundindo aos poucos entre escolas, universidades, de maneira sistematizada, difundindo o *associacionismo* e o *profissionalismo*. Aos nove anos, Miller foi estudar em Southampton, na Inglaterra, e teve por lá seu primeiro contato com o futebol, ao retornar ao Brasil, em 1894. “Trouxe consigo: um livro com regras, duas bolas usadas, uma bomba de encher bolas e dois jogos de camisas”. Estava consolidada então, uma nova forma de lazer que se transformou em manifestação cultural hegemônica chamada: Futebol brasileiro.

Um dos primeiros ensaios documentados ou chamados documentos oficiais, referente a jogos de futebol no Brasil, também diz respeito às práticas de Miller, em

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

14 de Abril de 1895. Máximo (1999) descreve a preparação de uma partida, que não precisava de muitos recursos, onde Miller “plantou a semente” num campo de várzea no Carmo – SP, instruindo regras e fundamentos aos seus amigos “de boas famílias” descendentes de europeus. Dividiu-os em dois times, fez escalações: juiz, bandeirinha, jogadores, e foram construir a história. As partidas posteriores foram em campos mais nobres, e os times mais estruturados sempre derivaram de grupos e famílias de renome e origens europeias.

O primeiro time a se formar no Brasil foi o São Paulo Athletic, fundado em Maio de 1888. Mas, somente em 15 de Abril de 1895, em São Paulo, aconteceu o primeiro grande jogo de futebol. A competição era entre funcionários ingleses de empresas inglesas que atuavam em São Paulo. Os times eram: Funcionários da Companhia de gás X Cia. Ferroviária São Paulo Railway. No início, o futebol era praticado apenas por pessoas da elite, sendo vedada a participação de negros em times”.

Em 1919, o Brasil ganha seu primeiro campeonato sul-americano. Foi o início do que atualmente chamamos de a "Paixão Nacional" do esporte brasileiro.

Em torno de 1895, o Brasil era um país em construção, *“tínhamos menos de oito décadas de Independência, apenas seis de República e não mais que sete de Abolição, portanto, o país ainda estava todo por fazer.”* A elite estava associada com pessoas de origens nobres Europeias, de cor clara, e os plebeus ou povo com a raça negra e trabalhadora. Foi dentro da Elite que foram surgindo os grandes times de renome, futebol definitivamente era *“um brinquedo de menino rico”*, ou pelo menos naquela época.

Curiosamente, o Uruguai, país Latino-Americano, utilizava a filosofia do pedagogo Thomas Arnold da Inglaterra, precursor do esporte ideológico-político (antecede a Hitler), mencionado anteriormente. Com a intenção de um futebol alienante e difusor de ideais (Tubino 2011). Justamente os ingleses que gerenciavam as empresas de Montevideu utilizavam o futebol nas horas vagas dos funcionários e alegavam que *“Enquanto os operários, em seus dias e horas de folga, gastassem suas energias correndo atrás da bola, não pensariam em reivindicar maiores salários e melhores condições de trabalho.”*(Máximo, 1999).

No universo do futebol, em seu surgimento, existiram lutas de classes, conflitos em busca de superioridade etno-raciais, discriminação de mulheres que ensaiaram adentrar no futebol. Pode-se perceber, na história do surgimento do futebol, que as classes

marginalizadas foram se impondo e exigindo um espaço na sociedade, deixando sua marca cultural, se firmando e buscando liberdade para praticar futebol.

A história mostra que a massa popular, embora discriminada, se faz mais forte no futebol porque é a que mais toma seu tempo na prática, se apropria do futebol todas as vezes que improvisa um jogo, que improvisa traves, bola, e se divide em times, que traduz sua história de vida, de lutas pela sobrevivência, mostra através da manifestação corporal de movimento, traduzindo em habilidades e aptidões. O futebol mostra seu caráter socializador, integrador, reflete o que ele vem representando ao longo do tempo na sociedade brasileira, ora como passatempo, ora como esporte da elite, como paixão popular, profissão, meio de afirmação nacional, instrumento político, como arte e finalmente como negócio milionário e global dentro do qual o Brasil se destaca e representa importante papel.

Witter (1996) apud Scaglia (2003), chama esses ensaios de futebol, antes do surgimento de Miller, de “Jogos de bola”, coincidentemente ao que muito se ouve os alunos denominarem suas brincadeiras de futebol na escola. Para Witter esses jogos de bola eram jogos oriundos do futebol e não seguiam à risca as regras oficiais. Ele veio bem conveniente à condição político/econômica/social da sociedade inglesa. E rapidamente começou-se a utilizar o futebol como forma de “educar”, controlar, disciplinar pela obediência incondicional às regras, as novas aristocratas gerações.

Mais adiante, portanto, a pesquisa mostra algumas formas que o futebol se apresenta, principalmente no que concerne o pedagógico, sempre embasando-o como manifestação da cultura corporal brasileira.

2.1 A brincadeira que evoluiu para jogo, o jogo que evoluiu para esporte.

É importante, neste momento, conceituar termos que serão usados ao longo da dissertação, são eles: futebol jogo/brincadeira, futebol jogo/esporte, jogos/ brincadeiras de bola com os pés. São práticas de futebol que, segundo Scaglia (2003), incluem toda brincadeira ou jogo de bola com os pés, engloba todos numa mesma esfera perfazendo um mesmo “ecossistema”, a qual ele chama de “a Família de jogo de bola com os pés” (p.6).

De fato, existe uma coexistência entre eles, é o que Darido e Rangel (2005) chama de jogo transformado, Freire (1994) e Galvão (1996) também defendem a ideia de uma readaptação e ressignificação do jogo.

O professor tanto pode sugerir a transformação do jogo futebol, como esta sugestão pode vir do aluno, ele pode transformar o jogo com o interesse de evitar a exclusão dos menos habilidosos ou dos alunos que não se identificam com o jogo.

Observa-se abaixo, o sistema de transição que existe entre os processos que envolve o futebol em questão:

Brincadeira → Jogo → Esporte.

A conceituação de **brincadeira**, segundo Teixeira (2001), é uma atividade lúdica, espontânea, voluntária, sem regras fixas, proporcionam o prazer e diversão, não tem finalidade ou sentido fora de si, sem relações mercantilistas, ou seja, sem recompensas extrínsecas como fama ou dinheiro. Em português, se utiliza expressão brincar para brincadeiras funcionais, sensorio-motoras, brincadeiras simbólicas e de faz de conta (Oliveira, ISolé, Fortuna 2010).

Como podemos perceber, a brincadeira ou o brincar tem várias conotações, mais uma das mais importante é o aluno experimentar a experiência adulta, o fazer do adulto, o fazer de conta que está atuando como um adulto, é a função do lúdico na brincadeira. Machado (2005) reforça em conjunto com o conceito acima citado por Oliveira (2010) a importância do brincar de maneira lúdica, e proporcionar a experimentação toda esta gama experiências através do brincar, o brincar direcionado.

“O brincar é também raciocinar, descobrir, persistir e perseverar; aprender a perder percebendo que haverá novas oportunidades para ganhar, esforçar-se ter paciência não desistindo facilmente. Brincar é viver criativamente no mundo. Ter prazer em brincar é ter prazer em viver”. (Machado 2005, p.27 et al Gonçalves 2012, p. 16).

Desta maneira o professor deve ver o brincar de um ponto de vista mais crítico, com muitas propriedades e principalmente como um instrumento de desenvolvimento do aprendizado, pois as crianças são grandes manipuladoras de brincadeiras. Os indígenas, os padres Jesuítas e ingleses ajudaram a difundir e construir o futebol, mas as crianças é que

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

são as grandes ressignificadoras dessa prática, elas improvisam, inventam, reinventam, num faz de conta infundável. Scaglia (2003), os chama de jogadores/inventores (p.37), Kisshimoto (1993), destaca o futebol reinventado como principal brincadeira dos meninos do século XX, emergencialmente usado para saciar o desejo de jogar futebol.

Os meninos do século XX, então, buscam saciar dois desejos numa atividade só, o desejo de brincar e de jogar futebol, suprindo uma necessidade, a de ser feliz.

João Batista Freire (1989), defende que a criança não deve ter seu desenvolvimento somente em atividades com gestos pré-definidos, mas devem vivenciar também brinquedos e brincadeiras que são de origem cultural de cada região, agregando um melhor aproveitamento das habilidades motoras, estando em um universo próprio e, a partir deste contexto, extrai-se o melhor aproveitamento dessas crianças. Ou seja, pode-se reinventar o futebol a partir de jogos tradicionais, o professor deve permitir que as crianças vivenciem o futebol da maneira que as convém e da maneira possível à elas, faz com que elas desenvolvam criatividade e autonomia, entre outros valores.

O brincar, recreativo, psicomotor ou livre, manifesta-se em caráter lúdico e oferece inúmeras possibilidades educativas. Por meio do brincar e em meios às emoções, ocorrem experiências reflexivas. Brincar é uma atividade voluntária, imaginativa, e interpretativa. Através do brincar a criança pode ser capaz de manipular os sentimentos e as emoções. O brincar não tem compromisso com verdades, é repetir o imaginário e o que já é conhecido, para compreendê-lo de volta e readaptar-se. Brincar é sentir-se “o mais” e “o maior”, num universo próprio e único.

O lúdico é um componente do brincar e do jogar. Segundo Oliveira, I Solé, Fortuna(2010), o termo lúdico vem do latim *ludus* e deriva de *jocus* (latim). Lúdico nos remete ao prazer, liberdade, espontaneidade, envolvimento. As atividades lúdicas concentram dosagens de prazer e tensão, alegria e choro, ordem e desordem, previsível e imprevisível, num misto de razão e emoção.

A imitação é uma das palavras de ordem do brincar da criança. As brincadeiras se constituem num ambiente de simulação, de situação imaginária, de imitação e até regras. Em Moll (1996), analisando os estudos de Vygotsky, a criança, sempre que brinca assume um papel que pode ser a imitação de um adulto observado. Ela passa a levar consigo regras de comportamento que estão implícitas e são culturalmente constituídas. Num momento posterior, a criança se afasta da imitação e passa a construir novas combinações e,

também, novas regras. Vygotsky define a brincadeira como criadora de uma “zona de desenvolvimento proximal” a ZDP, que seria o caminho que a criança percorre para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e serão consolidadas em um nível de desenvolvimento real. A criança age como se fosse mais velha do que é realmente, ela se comporta além do habitual da sua idade, além do seu comportamento diário, é como se ela fosse maior do que é na realidade.

Toda esta gama de conhecimento posto aqui provoca o questionamento cada vez mais sobre que tipo de futebol é aplicado nas aulas de Educação Física, e principalmente se for no sentido do brincar de futebol, pergunta-se: mesmo o brincar tendo potencial educacional, o que os professores estão tirando como resultado disto ou simplesmente se estão ocupando tempo dos alunos sem um objetivo a se alcançar?

Elkonin (1998) apud Scaglia (2003), afirma que as brincadeiras das crianças nascem do desejo de representar o mundo que as cercam e seus vários ambientes relacionáveis, ou seja, as atividades delas acabam sendo, desde cedo, influenciadas pelas atividades dos adultos; quer sejam elas produtivas, conectadas à esfera do trabalho, ou então, estéticas e ligadas à ordem do lazer e da ludicidade.

Embora as abordagens conceituais sobre brincadeira sejam voltadas às práticas livres ou mediada, neste subcapítulo iremos defender, especialmente, a prática da brincadeira mediada pelo professor, ele deve contextualizar os processos cognitivos experienciados pelos alunos, sem cair no erro de infantilizar ou subestimar os alunos.

Brougère (1998)apud Freire (2005), afirma que a brincadeira apresenta características de grande importância educacional, tais como não ser vazia de significados; ser cultural; as regras podem existir, mas são geradas pelas circunstâncias; tais regras são flexíveis e construídas coletivamente; incentiva criatividade e liberdade nas ações; pode a criança inventar e criar sem riscos; apresenta trocas constantes; tem dimensão aleatória.

O papel do professor de Educação Física escolar nas brincadeiras, é justamente de engrandecer mais o potencial do brincar, mediando, sendo discreto e cauteloso, deixando as crianças exercerem o papel de agentes do próprio desenvolvimento e aprendizagem, porém, sem perder as rédeas e o controle sobre sua discreta sistematização, haja vista que pode ocorrer o risco dos alunos ditarem totalmente o percurso das aulas, anulando o professor, sabotando o sucesso do aprendizado.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

A prática docente no trato com futebol/brincadeira pode vir a ter traços de uma concepção recreacionista dentro das aulas de Educação Física, direcionando atividades nos final das aulas ou no início como preparação para outras atividades. O professor deve intervir na brincadeira de futebol de maneira que incentive a criatividade, a autonomia, o senso-crítico, de forma que o aluno possa refletir novas possibilidades do brincar de futebol, portanto, adaptar, modificar, criar movimentos são as palavras de ordem. “O social é entendido como uma extensão do individual, ou seja, trata-se de desenvolver atitudes de cooperação e solidariedade a fim de inserir-se de maneira positiva no meio social já dado, jamais questionado.” (BRANCHT, 1989, p 16).

Analisando as observações de Darido e Rangel (2005) acerca do Recreacionismo, surgido nas primeiras décadas do século XX, veio com propostas de promover a autonomia dos alunos, então acabou gerando interpretações inadequadas, pois veio de uma época com poucas condições de formação e de trabalho do professor, portanto, comumente se vê no contexto escolar, uma aula de Educação Física onde os alunos decidem o que vão fazer na aula, escolhem o jogo e a forma de jogar, o papel do professor se limita a fornecer a bola e marcar tempo, sem intervir ou intervindo de maneira inadequada.

A prática de “dar a bola” ainda parece comum ao professor de Educação Física escolar no Brasil, e é considerado um equívoco cometido pelo professor, tornando-se uma prática condenável, pois se desconsidera a importância dos procedimentos pedagógicos dos professores. Pode-se pensar que esse equívoco conceitual, procedimental e atitudinal se justifica devido ao discurso acadêmico ter passado muitos anos discutindo o que não fazer nas aulas de Educação Física, e deixaram de apresentar propostas viáveis e exequíveis para a prática, outro fator que busca justificar, diz respeito à falta de políticas públicas para facilitar a prática docente, como condições de trabalho, espaço, material adequado, políticas salariais e, principalmente, apoio às ações de formação continuada. Esse ato de “dar a bola” também pode se justificar, resumidamente, nos dias de hoje, na desmotivação do professor, por um conjunto de motivos ele entrega a sua aula ao aluno, em forma de uma brincadeira de futebol. Certamente não se pode desconsiderar estas variáveis socioeconômicas do contexto escolar atual como um motivador ou desmotivador do professor levando-o a se eximir de conduzir de maneira profissional sua atividade de Educação Física escolar.

Entretanto, embora haja muitas adversidades, deve-se partir de pressupostos pedagógicos de intervenção do docente, pode-se aplicar uma atividade futebol/brincadeira onde os alunos participem aprendendo através de variações e diversificações do futebol

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

feitas por eles mesmos, onde o professor possa deixá-los realizar livremente a atividade e ao final propor momentos de reflexão, na busca de consolidar aprendizados

Jogo, segundo Teixeira (2001), é uma atividade que surge da brincadeira, proporciona prazer e diversão, mas existe sistematização, existem regras estabelecidas, portanto, é a evolução da brincadeira, deixando a espontaneidade, podendo ser cooperativos ou competitivos. Na conceituação de Huizinga (1999), observa-se que:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentido de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana” (HUIZINGA, 1999, p. 33)

A abordagem do jogo nesta pesquisa será focada no trabalho docente voltado ao futebol jogo/brincadeira e futebol jogo/esporte, deixando nas entrelinhas todas as demais características e particularidades que compõe o jogo em si.

Para Caillois (1990), o jogo possui características ou desperta nos praticantes, elementos tais como: apresentar prazer através do desafio; apresenta perigo; evoca igualmente ideias de facilidade, risco ou habilidade; brinca com a realidade; desenvolve destreza, inteligência; leva o praticante ao limite entre a prudência e a audácia; o jogo vive a mercê do acaso; possui regras arbitrarias, imperativas e inapeláveis; desenvolve noções de totalidade, de regras e liberdade; jogo é ocasião de escape total de tempo, de energia, de engenho e destreza; livre, voluntário, fonte de energia e divertimento; ideia de que depois do jogo tudo volta ao normal; o jogo é o sentido dele próprio, embora analise os conceitos e âmbitos procedimentais do jogo baseado em Caillois, propõe que o jogo passe a ser tratado de forma contextualizada, e não discutido apenas como fenômeno em si. (Freire 2005).

Sobre as ressignificações que o futebol pode sofrer, vale ressaltar, que elas ocorrem naturalmente na sociedade, assim como a reprodução de qualquer jogo pode e deve ser feita pelos professores, sem receio de limitar o aluno e de não encaminhá-lo num pensamento crítico e reflexivo. Kishimoto (1993), atenta para a importância de se conservar a “tradição cultural”, afirmando que o jogo guarda a produção espiritual de um povo num certo período histórico. Há de se respeitar as tradições e apresentar os jogos no seu formato original para depois modificá-lo, conscientemente.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

O futebol deve, portanto, ser manipulado livremente por um grupo de alunos, eles podem manipular com autonomia qualquer jogo da família de jogos/brincadeiras de bola com os pés, como por exemplo, chute ao gol, jogador e goleiro se revezando em suas posições; bobinho ou peru, quando há drible entre dois jogadores com ou sem goleiro, ou a travinha, que seria entre duas equipes com 2 ou mais jogadores em cada. Mas, o professor não pode negligenciar o fato de precisar apresentar aos alunos, num certo momento, a modalidade futebol como ela é nos moldes esportivos, no padrão que o mundo conhece, na forma “esporte”. O futebol chamado travinha¹, com reprodução dos moldes televisivos, existente nas dependências da escola (salão, campo de areia, quadra, corredor, área desocupada) usado pelas crianças possui características de jogo/ brincadeira. Visto que os jogadores estabelecem regras adaptadas às suas condições de jogo (tempo e espaço), delimitações de espaço e principalmente possuem uma meta o gol. Essa atividade que eles estruturam possuem caráter competitivo e emoções a flor da pele.

Ao se estabelecer a transição de brincadeira para jogo e haver a junção dos dois, estabelecendo uma ressignificação do futebol, os jogos/brincadeiras passam de processo, para produto. E como produto, desencadeia um novo processo, passando a servir como conteúdo para futuras ressignificações.

O professor de Educação Física escolar no Brasil, precisa reunir competências e habilidades docentes para administrar a tentativa dos alunos de ressignificarem o futebol, reproduzir o futebol de rua (Freire 2006). Precisa aprender a controlar o ímpeto emocional dos alunos. Todos, alunos e professor, devem estar atento aos objetivos pedagógicos que escola e professor possui, há de se utilizar metodologias para com essa prática de futebol jogo/brincadeira, pois há compromisso, metas e objetivos a serem cumpridos no contexto escolar.

Scaglia (2003), textualiza brevemente, o ritual de formação de um futebol jogo/brincadeira, embora o contexto seja extra-escolar, observa-se grande semelhança com a formação de equipes e início de jogo em contextos escolares, mais precisamente quando, num determinado momento da aula de Educação Física, o professor permite que os alunos “joguem bola”. Resumidamente ele descreve:

¹travinha é um termo do lócus da pesquisa e refere-se ao futebol jogo/brincadeira. Scaglia (2003) o chama de Pelada e, uma variação do que Teixeira (2003) chama de Rebatida.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Lembro-me da minha infância, quando jogávamos Pelada (Futebol adaptado, ou rachinha), se um time começava o jogo fazendo dois ou três gols logo de início, o jogo parava e os times eram escolhidos novamente, ou então, para não se perder mais tempo, um dos jogadores já gritava: “- *Eu, fulano e beltrano, contra rapa*”. A desigualdade numérica - proibida pelas regras do jogo/esporte -, trazia o desafio ao nosso jogo/brincadeira. No jogo só se tem prazer se existe o risco, se se estabelece um ambiente ao mesmo tempo desafiador, desequilibrador, imprevisível e lúdico. A dificuldade colocada livremente em meu jogo/brincadeira de bola com os pés – na verdade eu e meus amigos estávamos ressignificando o futebol -, evidenciava mais a vontade da turma jogar (prazer do jogo, da tentativa de superação, aliada ao teste de nossas habilidades sem o peso da coação), do que a necessidade de vencer o jogo. (Scaglia 2003, p. 18)

O que percebe-se em Scaglia (2003), é que o futebol jogo/esporte e o futebol jogo/brincadeira, apesar das visíveis diferenças, ainda possuem as seguintes similaridades, ambos existem regras, desafios, prazer e o lúdico, sempre direcionados a desafiar nossas habilidades diante do outro; está similaridade ou simetria, talvez seja um dos fatores limítrofes que não impulsionem os professores a evoluir no decorrer de suas aulas de um futebol jogo/brincadeira para o futebol jogo/esporte e assim aplicar um dos objetivos de qualquer atividade pedagógica, a de desenvolver cada vez mais as habilidades de seus alunos.

As crianças, sem distinção de gênero, não regram suas emoções durante o futebol jogo/ brincadeira, o professor não deve privá-lo de algo assim, tão natural do ser humano. Darido e Rangel(2005), considera o sentimento de ilusão que se tem durante a prática de um jogo ou de uma brincadeira, o estudo diz que se cria essa sensação. A palavra ilusão derivada do latim ‘lúdico’ é um termo usado para situações fantasiosas em que está vivendo algo fora da realidade, mas que dá prazer e alegria. De fato, pode-se observar o ânimo das crianças, meninos ou meninas, num futebol jogo/ brincadeira, onde perdem a noção de tempo e se imaginam grandes campeões, achando seus dribles e jogadas equivalentes aos de seus ídolos. Neste sentido pode-se dizer que o jogo /brincadeira deve ser utilizado para muito sutilmente motivar os alunos a experimentarem de maneira espontânea suas habilidades físicas, habilidades cooperativas, habilidades de liderança, certas habilidades que por mais que estes não se tornem jogadores de futebol acrescentará na sua formação como cidadão.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Outra particularidade existente no universo dos jogos é a existência de duas formas de estilo: competitivo e cooperativo. No estilo competitivo, segundo Darido e Rangel (2005), a competição não deve ser vista pelo professor de Educação Física como algo exclusivamente negativo. Então, conclui-se que deve sim, ser administrada, discutida e contextualizada pela prática docente com os alunos. No jogo competitivo, geralmente surgem questionamentos sobre o “outro”, surgem conflitos, discordâncias e agressões. Esse comportamento está presente no ser humano de forma que se torna difícil tentar eliminá-los do cotidiano. No ambiente escolar ou durante as aulas, cabe ao docente ser mediador desses conflitos, instigando o diálogo e o respeito, a tolerância e buscando consenso.

Darido e Rangel(2005), pontuam que a competição não deve ser vista pelo professor de Educação Física como algo exclusivamente negativo, e de fato não deve, pois os educadores tem que ter uma percepção de que a competição vem impulsionando a humanidade a se desenvolver, e esta competição tem que ter esse caráter de evolução de preparação para o futuro do aluno já adulto para um futuro de exigências, e não alunos no futuro com sérios problemas de auto-imagem, e de motivação por não acreditarem em seus potenciais enquanto pessoa, pessoas desorganizadas e sem objetivos definidos na vida, acredita-se que o jogo e a competição instala indiretamente este espírito de busca aguerrido nos futuros adultos, e por estas percepções é que se deve olhar a competição de maneira positiva e de algo a se acrescentar na vida destes alunos, sendo tudo estes benefícios reafirmados abaixo.

Ainda sobre jogos competitivos para crianças do ensino fundamental, PCN (1997) afirma que as crianças devem interagir com adversários, desenvolvendo respeito mútuo, lealdade e sem violência, devem confrontar-se com o resultado de um jogo e com a presença de um árbitro permite a vivência e o desenvolvimento da capacidade de julgamento de justiça e de injustiça. Devem entender o ganhar e o perder como acontecimentos naturais e rotineiros na vida, e que a postura do vencedor não pode ser de provocador e o perdedor precisa reconhecer a vitória do outro sem se sentir humilhado.

Le Boulch (1987), posiciona o professor frente aos jogos competitivos e cooperativos, e explana que os jogos competitivos com regras suscitam nas crianças o desejo de se firmar individualmente. A criança resiste em cooperar e apresenta uma necessidade de impor seu próprio valor aos demais. Podem acontecer alguns equívocos na prática docente, o professor pode ter uma postura autoritária e exigir comportamentos que não são próprios das idades das crianças, como por exemplo, num jogo de futebol exigir que

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

os alunos não façam barulho, não gritem comemorando um gol, ou, determinar exatamente o que ele quer que faça no jogo, sem aceitar as modificações feitas pelos alunos, sem novas possibilidades, tolhendo o aluno de fazer suas descobertas. Já nos jogos cooperativos, Le Bouch afirma:

A cooperação exige que a criança possa colocar-se sob o ponto de vista do colega, que descubra suas possibilidades com relação à situação e que capte suas intenções. Concretamente, o jogador deve ter a capacidade de detectar se o colega está melhor colocado do que ele para explorar a situação e decidir, eventualmente, passar-lhe a bola. (Le Boulch, p. 305. 1987)

Essa percepção do 'momento certo' da ação, e o 'passar a bola' caracteriza trabalhos de atitude, divisão, cooperação, coletividade, importantes atributos a serem evidenciados à uma criança de 2º ciclo do ensino fundamental, adequando-as para vida em sociedade. Devendo ser apresentada pelo professor ao aluno e discutidas em âmbito reflexivo com a turma.

Percebe-se que há muitos benefícios inerentes ao futebol jogo/esporte e ao futebol/brincadeira, seja na competição ou na cooperação, mais o momento reflexivo tem que se apresentar constantemente para que a atividade tenha o alcance e os benefícios esperados para uma atividade pedagógica.

Esporte é jogo, entretanto possui características que vão além do jogo ou algumas que nem se encontram no jogo. Características como: a organização em grande escala, disputa física, a organização burocrática, e a regulamentação. O esporte ainda compreende o lúdico, o agonístico² e é um meio de educação. Todo esporte um dia foi uma brincadeira (FREIRE & SCAGLIA, 2003, p. 146).

O esporte é um jogo/brincadeira que se emancipou, é um brincar de jogar futebol que se regulamentou a partir de regras rígidas; é complexo em sua sistematização e organização, alcança padrões de universalização de regras, performance, auto-superação, vitórias sobre oponente, consequências posteriores e/ou ganhos financeiros. O esporte possui acentuada competitividade, porém, o inverso acontece, assim como há competição no jogo/brincadeira, há lúdico no esporte. E toda esta gama de elementos que são acrescentados no acontecimento de uma competição, os pré e pós da competição recriam situações do cotidiano, situações que podem ser presenciadas em nossa vida adulta como a

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

burocracia, organização e regulamentação de normas, pressupostos básicos que devem ser compreendidos por um indivíduo que deve funcionar equilibradamente na sociedade.

Darido e Rangel (2005), faz distinções na relação brincadeira-jogo-esporte. Brincadeira e jogo são categorias vinculadas às culturas humanas locais e o esporte, um fenômeno globalizado pertencente à uma cultura mundial.

Scaglia (2003) difere os dois: *jogo/ brincadeira* e *jogo/esporte*, onde o primeiro teria sua essência no lúdico e o segundo seria focado na competição acirrada e preocupação com aprimoramento de técnicas, seria o próprio esporte de rendimento.

O que há de semelhante entre o futebol jogo/brincadeira e o jogo/ esporte é justamente a presença de regras, o prazer e a liberdade, a sensação de se realizar, se auto-afirmar, de se fazer presente no meio de um grupo.

Percebe-se que, o futebol se utiliza de todas estas manifestações (brincadeira/ jogo/ esporte), dependendo do contexto em que será abordado. Está presente em cada uma dessas formas. Vale ressaltar, que podemos ver suas formas, qualquer uma, no cotidiano escolar.

Analisando o enfoque psicomotor, visando formação integral, que é um modelo pedagógico fundamentado na interdependência do desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo, Le Boulch (1987) e (2008), provoca reflexão sobre a sistematização na abordagem dos jogos com regras e esportes coletivos para crianças em idade escolar de 7 a 12 anos. Sendo que, no trato com os jogos coletivos com regras é importante respeitar a cronologia, a evolução da criança, o aprendizado de base deve ser com jogos para depois evoluir ao esporte, os jogos com regras equivalem, no plano da socialização, ao aprendizado por erros e acertos durante o desenvolvimento da função de ajuste.

Os educadores devem ir contra a tendência de igualar os jogos com regras das crianças aos esportes coletivos adultos, mostra a importância de garantir o caráter espontâneo e infantil nas atividades para as crianças, não devendo o educador incitar a concepção de um “corpo instrumento”, o adestramento, às condutas egocêntricas e o competitivismo exacerbado.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Nos jogos com regras e nas tentativas de imitação dos esportes coletivos adultos as crianças se corrompem numa rivalidade e na necessidade de auto-afirmação. A esse respeito, Le Boulch ressalta:

Wallon sublinha este perigo do mau uso da competição. O espírito de equipe ou melhor, o espírito de grupo, pode ser explorado de maneira desagradável por certos educadores. Ouvimos falar em escolas onde alunos de uma mesma aula foram divididos em dois grupos, tendo estes se tornado rivais um do outro. Acreditamos que seja nocivo aproveitar-se desta idade da criança para desenvolver nos alunos o espírito de concorrência e de antagonismo coletivo. (Le Boulch, p. 303. 1987).

A prática docente mostra sua razão de ser nas intervenções pedagógicas que faz. Como num jogo de futebol/brincadeira, praticado por crianças de 2º ciclo, ou seja, 3º e 4ªsérie (4º e 5ºano) 'brincando' à vontade, imitando jogo de futebol adulto, então cabe ao professor conduzir esta atividade para manifestar critérios de organização, de comunicação, de cooperação, otimizando o poder das virtudes que o jogo possui.

A análise da prática docente embasada nos preceitos da psicomotricidade, mostra-se de grande relevância nesta pesquisa, investigando-a no trato com o futebol jogo/ brincadeira e equiparando-o com os jogos com regras.O professor deve deixar de lado o papel de conselheiro técnico do jogo ou do esporte, não praticar o abuso da tecnicidade e buscar o conhecimento e domínio dos problemas que cercam as crianças de 9 a 10 anos em jogos coletivos com regras.

Para que o professor execute suas ações pedagógicas de forma coerente com série/ idade, deverá atentar para algumas características da faixa etária entre 9 e 10 anos dos alunos de 2º ciclo do ensino fundamental. Segundo Almeida (2003), a criança encontra-se na fase da operação concreta, que estende-se dos 6 aos 11 anos, onde ela irá compreender conhecimentos mais sistematizados, já reflete suas atitudes e, começa a perceber a importância do outro para o sucesso do trabalho coletivo.

A criança de 9 e 10 anos, gosta de participar da organização de atividades, gosta de se sentir útil e inserida nas práticas, está mais disposta a trabalhar em conjunto, ela coopera e vive em socialização,ela começa a se liberar do egocentrismo próprio da idade infantil, aumenta a confiança em si mesma e aprende a considerar o ponto de vista do outro.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Em suma, é o momento propício para trabalhar os jogos na forma cooperativa. Nessa idade, a criança começa a pensar com raciocínio, lógica e a ter muita criatividade.

O lúdico se faz imprescindível na formação da criança nessa idade, pois possibilita uma nova roupagem para atividades consideradas maçantes, possibilitando aprender divertindo-se de forma democrática, disfarçando um compromisso sério com o aprender.

Em nível cognitivo, a criança em idades de 9 e 10 anos consegue estabelecer corretamente relações de causa e efeito e de meio e fim, realiza sequência de ideias ou eventos, trabalha com ideias sob pontos de vista diferentes, forma o conceito de número (quantidade). Novos sentimentos são compreendidos como, respeito mútuo, a honestidade, o companheirismo e a noção de justiça. Estar inserida em grupos de amigos satisfaz necessidades de afeto e proteção, isso a faz deixar de lado a subordinação ao adulto, passando a enfrentá-lo, é o surgimento do ímpeto da vontade (FURTADO E TEIXEIRA).

O papel do professor, segundo Le Boulch (1987), deve ser:

- Papel de arbitragem: ajudar o grupo a realizar os objetivos da tarefa a nível dos procedimentos; poderá até transpor a função de líder e arbitragem à um aluno, porém, intervindo quando necessário.
- Papel de regulador: facilitar que o grupo tome consciência de elementos sócio afetivos que podem ser determinantes do sucesso ou fracasso da atividade (conflitos por regras, agressividade, competições entre bandos) conflitos de egos, permitir auto regulação do grupo perante as dificuldades do jogo;
- Papel de animador: mais do que de instrutor, tentar mediar e manter níveis emocionais das crianças; deverá realizar reflexões da prática a fim de detectar falhas e corrigi-las posteriormente.

As crianças, nesta faixa etária podem apresentar algumas características peculiares como dificuldades em desenvolver alteridade; dificuldades em elevar-se do nível emocional para o nível racional. O docente deve ter paciência de deixar os alunos conhecerem e compreenderem os problemas no jogo, respeitar o tempo de entendimento das crianças, eles passarão da fase egocêntrica para a cooperação, os docentes devem deixar de incentivar as crianças a imitar coisas de adultos.

O conhecimento do nível de desenvolvimento do aluno para o docente já se apresenta como um dos instrumentos necessários para que ele tenha sucesso na sua

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

atuação profissional e saber mediar e equalizar estes momentos sincronizando atividade física, neste caso o futebol, com o nível de desenvolvimento psicomotor certamente ajudará de maneira mais eficiente seu aluno a absorver tudo o que há de objetivo e positivo no futebol jogo/brincadeira.

A intervenção do professor frente ao futebol jogo/ brincadeira nas aulas de Educação Física para o 2º ciclo do ensino fundamental, segundo parâmetros da psicomotricidade é, em linhas gerais, de participar da escolha do jogo junto aos alunos, deixá-los improvisar, regular/ garantir bom andamento e convivência com as regras, constituir as equipes respeitando os grupos já estabelecidos por afinidades, organizar as equipes de modo a amenizar disparates em relação à alguns fatores como idade e altura, a fim de harmonizar condições de jogo.

As demais linhas, que são: Desenvolvimentista, Construtivista, Crítico-superadora, Crítico-emancipatória, Saúde renovada e as dos PCNs, são novas abordagens da Educação Física, todas vem a bater de frente com as abordagens Tradicionais.

A principal característica das novas abordagens da Educação Física é justamente o elo de ação-reflexão que deve existir, o aluno não faz por fazer. Nas novas abordagens procura-se adequar as atividades às necessidades, o foco não é só o corpo, deve-se ter cuidados com a higiene e estímulos para desenvolver o gosto pelo movimento. A prática docente não deve ser restrita a um conteúdo ou à um tipo de atividade somente, ela tem que respeitar o leque de cinco conteúdos que possui a Educação Física. Deve haver *diversidade* nas atividades. As atividades em quadra devem ser complementadas com conhecimentos teóricos, pesquisas, projetos, palestras, filmes, estudos de campo.

Justamente neste ponto há de se levantar um questionamento, será que os docentes diversificam as formas de abordar o futebol, eles ressignificam-as, e se o fazem é de maneira estanque ou de maneira dinâmica e em consonância com a realidade local, nacional e mundial? Pois, é necessário sintonizar um ser em desenvolvimento no que está acontecendo no mundo, nesse caso, no mundo do esporte, contribuindo com seu desenvolvimento global.

Nas abordagens pedagógicas da Educação Física escolar do século XXI, as atividades propostas não permitem sexismo, meninos e meninas fazem aulas juntos, professores e alunos constroem juntos as aulas e o conhecimento, dividem o poder de decisão, todos participam, o professor conduz de modo flexível articulando-o com as

realidades. O caráter competitivo dos jogos vem na mesma proporção dos cooperativos, há jogos criativos, expressivos, pedagógicos e etc. O senso de solidariedade, cooperação, respeito mútuo, cidadania e outros valores devem ser ressaltados nas aulas.

O futebol jogo/brincadeira e o futebol jogo/ esporte em contextos escolares, com suas diferenças e semelhanças, devem refletir os objetivos das novas abordagens, e a prática docente devem ser coerente com a realidade e necessidades dos alunos. Segundo Da Matta (2001), qualquer atividade, portanto, poderá ser ou não responsável por uma transformação, dependendo da forma como o professor realiza. Estão nas mãos do professor, não unicamente dele, as ferramentas necessárias para consolidar positivamente o processo ensino-aprendizagem, transcendendo os paradigmas ultrapassados.

É importante analisar a capacidade de vencer as dificuldades físicas e de raciocínio, modificando a sua atuação para promover uma alternativa de Educação Integral do ser Humano' (Da Matta, 2001, p33).

Esta afirmação de Da Matta reafirma nossa percepção de como o docente de Educação Física escolar deve se posicionar e atuar na execução de suas atividades e auxiliar e/ou contribuir na educação integral do Ser Humano.

2.20 futebol na escola como imagem esportiva. Dimensões do esporte.

O esporte é o fenômeno sócio-cultural mais importante de nossa época. É uma atividade cultural rica e ampla que não se limita a uma experiência corpo e espírito, é uma convergência de todas as tentativas educativas e visa o homem na sua totalidade, segundo Georges Belbenoit apud Betti (2004),

O esporte é, inclusive, instrumento de libertação do homem moderno, fruto da sociedade moderna, e não é um fenômeno natural, segundo KUNZ (1991), ele promove intervenções biológicas, de saúde e possui função social, de comunicação, de participação e expressão de uma sociedade. Ainda de acordo com o autor, os códigos do esporte, tais como o rendimento atlético-desportivo, a competição, comparação de rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas são utilizados pela Educação Física Escolar, e condicionam-se mutuamente, acabando a escola por desempenhar o papel de fornecer a "base" de uma pirâmide para o esporte de rendimento. O professor passa a professor-treinador e o aluno a aluno-atleta, uma vez que falta uma definição do papel do professor de Educação Física.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Não é o esporte que educa por si só, e sim o educador que conduz este esporte. Significa dizer que a intervenção da prática docente é o que realmente constrói a relação ensino-aprendizagem sistematizado. É o educador físico dentro da escola que precisa moldar, aparar as arestas e adequar circunstâncias às realidades. Eis o elo que deve ser compreendido pelo educador, que a atividade física apresenta inerentemente características que ajudam no desenvolvimento psicomotor e que o educador deve lançar mão deste conhecimento para moldar e construir a relação ensino-aprendizagem.

O professor de Educação Física, assim como toda escola, precisa aprender a aceitar o seu tempo, não somente no que diz respeito à inserção da tecnologia, dos recursos audiovisuais, e/ ou informática, mas simplesmente aceitar o esporte atual. Aceitar o universo do esporte do século XXI é, inclusive, não negar a prática da iniciação desportiva que desenvolve e destaca talentos esportivos no cenário escolar, destaca futuros atletas capazes de “assegurar o prestígio esportivo do país. Eis um dos grandes dilemas do educador físico na sua prática docente, pois cabe à ele, antes de mais nada, colocar o esporte como instrumento e meio de educação (Betti, 2004).

A influência do esporte por si só é forte, portanto, o educador e a escola devem buscar forças, aliar competências profissionais para nunca perder as rédeas de ‘controle’ do ensino-aprendizado, nem se pode negar ao esporte as funções básicas do lazer. O recreio, o divertimento e o desenvolvimento da personalidade, são imprescindíveis, mas deve-se atentar para que, num ambiente escolar, a criança praticando o brincar, o jogo e o esporte de maneira equivocada, não desenvolva um estado de consciência alienado, teme-se que o esporte usurpe o lugar do pensamento, de fato, há de se temer tal situação. Lembrando o texto de introdução desta pesquisa, o qual remete aos objetivos pedagógicos ligados ao passado, quando no século XIX, o Pedagogo Thomas Arnold orientava a Rainha Vitória a liberar o futebol nas escolas com o único intuito de distração alienante aos alunos e como objeto de manipulação, enquanto os alunos estavam jogando, não estavam pensando (Máximo, 1999).

Ratificando, a prática docente do professor de Educação Física é de fundamental importância nesse momento de intervenção na prática do futebol dentro da escola, justamente para articular a vivência da atividade com um bom aprendizado de fato. E não o que é questionado hoje pela comunidade escolar, pela percepção de que o futebol é apenas utilizado para ocupar o tempo ou que dizer “atividade alienante”, como também foi pontuado acima, portanto o educador deve estar atento e fazer desta sua intervenção uma prática

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

consciente e de constante reflexão, inclusive em conjunto com os alunos. Ele deve saber a finalidade do que faz e possuir discernimento.

Tanto o educador como a escola devem manter-se no controle da abordagem do esporte, devem impor condições, exigir respeito pela sua ordem de valores e nunca abrir mão da influência que podem exercer nesse campo, orienta Betti (2004).

O professor de Educação Física e a escola devem supervisionar a prática do esporte realizada pelos alunos, visto que possuem objetivos muito semelhantes, não só de formar corpos, mas sim, colocar homens na sociedade em condições de enfrentar a vida em toda sua complexidade e de humanizá-la em todos os seus domínios.

O educador e a escola não podem mergulhar somente na teoria, analisando os escritos documentais que o norteiam, ele deve, acima de tudo, vivenciar e avaliar aquilo que prega, posicionando-se como supervisor em excelência sobre a *ardilosa* prática do futebol na escola, ele tem possibilidades de dominá-la num amplo sentido, seja ela competitiva, ou lúdica, aceitando-a como expressão de uma sociedade, vivenciando como riqueza educativa, cultural e higiênica.

A luta do professor diante da força que possui o esporte é histórica, o Brasil é um país que vem apresentando uma característica nas aulas de Educação Física que levam a refletir uma *esportivização* da prática em Escolas. [...] “É fácil de perceber essa afirmação, basta fazer uma visita a alguma escola no horário de Educação Física, mesmo que ela não tenha estrutura necessária para isso.”(Barbosa 2009).

“Esportivização”, segundo Gueriero e Araújo (2004) é utilizar o esporte como única estratégia de ensino. É levar todas as manifestações culturais de movimento à uma abordagem esportiva.

O esporte no século XXI precisa ser interpretado pelo professor de Educação Física como um campo sócio-cultural de estruturas complexas, ele necessita saber decodificar os significados sociais do esporte às suas três dimensões. São elas, segundo Tubino (2011): esporte-participação; esporte-performance; esporte-educação.

O **esporte-participação** ou também chamado esporte-popular, subdivide-se em esporte-lazer ou comunitário e segue dois princípios: de inclusão e do prazer. Tem o lúdico como sua essência, tem finalidades de bem-estar social, recreação, esporte e lazer para

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

todos, diversão, descontração, relações intra e inter-pessoais, acontecem em espaços populares, democráticos, com participações voluntárias dos praticantes, e esses são a própria comunidade ou grupos. Podem advir de iniciativas da comunidade que são responsáveis por suas próprias atividades.

O esporte participação pode ser visto sendo praticado por idosos, crianças, jovens, adultos, portadores de necessidades especiais, homens e mulheres, se organizando em espaços públicos de lazer e esporte, clubes, praias, nas ruas e também em algumas instituições de ensino que cedem espaço aos fins de semana ou em períodos de ociosidade para que essa comunidade pratique seus esportes, Darido e Rangel (2005).

O **esporte-performance** ou de rendimento, é a dimensão que se refere ao esporte puramente competitivo, inclusive voltado aos vínculos capitalistas. Propicia grandes espetáculos, daí a razão de ser utilizado o termo em Betti (2004) de “espetacularização do esporte” ou “futebol espetáculo”. Para Tubino, é nessa dimensão que o esporte passa a: ser responsabilidade de iniciativa privada; ter propósitos de destaque de novos êxitos esportivos; ter a vitória sobre adversários nos mesmos códigos; ser exercido sob regras pré-estabelecidas pelos organismos internacionais específicos; ter tendência a ser praticados, principalmente, pelos chamados talentos esportivos. Há de se considerar aspectos positivos e negativos que podem acontecer com esta dimensão. Positivos na visão de Tubino, e contrapostos em Teixeira (2001). São os positivos:

- O reconhecimento do esporte como atividade cultural resultará em progresso para o país e em intercâmbios internacionais;
- A organização esportiva comunitária, legitimada, fortalece sociedade;
- A existência de várias profissões de especialistas esportivos provocada pelo envolvimento de diversos tipos de recursos humanos qualificados;
- Fator gerador de turismo;
- Influência sobre o esporte-popular devido ao efeito-imitação.

Supostos aspectos contrapostos por Teixeira (2001 p.91), tendo o capitalismo como grande articulador de aspectos negativos:

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

- Campeões são utilizados como instrumentos de reprodução das violências nos espetáculos esportivos;
- O esporte, ao condensar ‘as expressões típicas das categorias e das estruturas capitalistas’, se torna fator determinante para o reforço dos ideais burgueses;
- O esportista se torna um proletário do esporte, aprisionando-se a um processo que não controla e não são mais que reflexos da ideologia burguesa.

O **esporte-educação**, é a dimensão da manifestação educacional, possui conteúdo educativo, visa integração social, oferece a possibilidade de aprendizagem motora contextualizadas. Vinculada à três áreas da atuação pedagógica: integração social; desenvolvimento psicomotor e atividades físicas educativas.

“Focalizado na escola, tem por finalidade democratizar e gerar cultura pelo movimento de expressão do indivíduo em ação com a manifestação social e de exercício crítico da cidadania, evitando exclusão e a competitividade exacerbada” (Darido e Rangel p.180. 2005).

A integração social ↔ desenvolvimento psicomotor ↔ atividades físicas educativas deve sempre ser o suporte ou o tripé de toda atividade física praticada na escola e na comunidade, e só com a triangulação entre as três de maneira dinâmica é que surtirá o efeito e/ou objetivo esperado na execução desta atividade educativa.

O professor de Educação Física escolar deve trabalhar as modalidades e diversidade de atividades, levando os alunos a refletirem de forma crítica. Precisa não só abordar problemas do esporte como a questão do doping para a melhoria da performance, ou a violência no esporte ou mesmo a corrupção. Ele deve apresentar pontos positivos como a geração de empregos, a presença da tecnologia no esporte e os avanços nas pesquisas científicas, assim como provocar discussões acerca do desenvolvimento da medicina esportiva.

2.2.1 Esporte educacional X esporte escolar.

Vejam que essas duas denominações são derivadas da dimensão social do esporte-educação, na visão de Tubino (2001). **O Esporte Educacional** tem finalidade de formar cidadãos, *não* tem responsabilidades com o desenvolvimento de atletas. É baseado nos princípios de inclusão e democratização. Possui regras adaptadas.

Mas não se pode deixar de pontuar que em nossa atualidade o esportista é cobrado no sentido de ser um cidadão de respeito e com responsabilidade social, um exemplo para a sociedade por estar em evidência nas mídias de comunicação e massa, então será que o esporte em si, mesmo o não educacional tem sua contribuição do cidadão pelo contexto atual apresentado em nossa contemporaneidade, do esportista de auto rendimento como exemplo de boa conduta, motivação, auto-estima, etc.

O professor de Educação Física precisa criar situações em que possibilite às crianças vivenciarem sua relação com o movimento, sua relação com o outro, sua relação com o movimento do outro, sua relação com a utilização de outros recursos materiais, não se limitando a apenas um, como a bola, por exemplo, mesmo que essa lhe ofereça uma gama de variações em sua utilização.

Scarpato et al (2007), textualiza a divisão sistemática (periodização) da forma como o esporte educacional será abordado no Ensino Fundamental pelo professor. A divisão/características do trabalho se faz da seguinte forma:

- a) Pré-iniciação Esportiva - crianças de 1^o e 2^a séries, (6 e 7 anos). *Diversidade* de movimentos básicos/ fundamentais; Aprendizagem perceptivo-motora; noção espaço-tempo; coordenação motora; imagem corporal e simbólica.Ex: correr, saltar, pular, equilibrar, rolar. Fase motora fundamental (Gallahue,Ozmun 2005)
- b) Iniciação Esportiva I- crianças de 3^a e 4^a séries, (9 e10 anos). *Diversidade* de esportes em forma de atividades recreativas formativas, forte apelo ao movimento e pelo esporte; técnicas básicas dentro de uma coordenação mais grosseira deverão ser aperfeiçoadas;
- c) Iniciação Esportiva II – crianças de 5^a a 7^a série, (11 a 12 anos); Oferecer diversidade no contato dos alunos com o esporte para que desenvolva o gosto pelo mesmo.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

- d) Iniciação Esportiva III – crianças de 8ª a 9ª série, (13 a 14 anos); Ação motoras complexas; Utilizar jogos de estratégias; aumento do peso e altura, conseqüente perda de coordenação motora; aproximar a diversidade de esportes da configuração formal do mesmo.

O esporte-educacional é, legitimamente, o esporte da Educação física escolar, da escola e do professor do século XXI.

O Esporte Escolar difere-se, oportuniza os talentos desportivos no cenário escolar. Não significa dizer que está totalmente eximido dos valores educativos para a cidadania, mas que seu foco é promover talentos. Esse é o próprio esporte de rendimento ou alto nível inserido na escola, incentivando a prática da cidadania, com princípios, como por exemplo, o respeito às regras, aos adversários, aos códigos, aos árbitros, aos dirigentes, à disciplina e a boa conduta esportiva.

Para Herdeiro (2013), compreende-se que os conceitos e as interpretações sobre o esporte são construções teóricas, podendo não se traduzir na realidade concreta. O esporte de alto rendimento exige especificações, preparo e desempenho que não necessariamente se alinham com os objetivos da escola e do próprio esporte educacional nas aulas de Educação Física, pois os objetivos são outros. Logo essa relação do esporte de rendimento com o esporte escolar merece destaque e estudo mais aprofundado, sendo embasado inclusive por áreas como sociologia do esporte.

Ressalta Herdeiro que, na escola, existem ações opostas no âmbito pedagógico, como por exemplo, duas linhas de atuação, uma rígida, que propõe aos alunos a abordagem de características do esporte de rendimento desde cedo para crianças, e outra atuação mais flexível, que preocupa-se com lúdico, o brincar, o jogar, com cunho didático, sem perder traços de treinamento desportivo.

Entende-se que deveria haver uma terceira linha de atuação, a de facilitar o acesso dos alunos talentosos, ou com habilidades corporais especificar à desenvolvê-las em atividades esportivas que potencializariam mais o desenvolvimento psicomotor destes alunos.

Tais embasamentos apresentam-se bem definidos e cheios de possibilidades. Nas atuações práticas do professor de Educação Física quando deparado com as adversidades

do cotidiano de suas aulas, a prática docente torna-se arte e desafio. O campo escolar acaba sendo um espaço de contraposições, entre o que se quer, o que se diz, e o que se faz.

Tratar o futebol/esporte na escola com intuito maior de formar atletas, destacar talentos e/ou imitar o futebol-espetáculo, é ter uma visão reducionista, inclusive é estar fora dos parâmetros de eficácia da qualidade ensino-aprendizagem, o aluno é muito mais do que um imitador de campeões e a escola É e DEVE SER um espaço de ensino reflexivo.

“A escola – é – deve ser, uma comunidade educativa, e pensante, conduzindo um sistema de aprendizagem e formação...”. (Alarcão2003).

Certamente, tem-se uma grande caminhada até aproximar o nosso real escolar ao ideal escolar apresentado acima, tem sim vários fatores que impedem a escola de ser “uma comunidade educativa, e pensante, condutora de um sistema de aprendizagem e formação”, sendo estes fatores não citados ou abordar aqui, mas se configuram como empecilho para o desenvolvimento de qualquer atividade educacional.

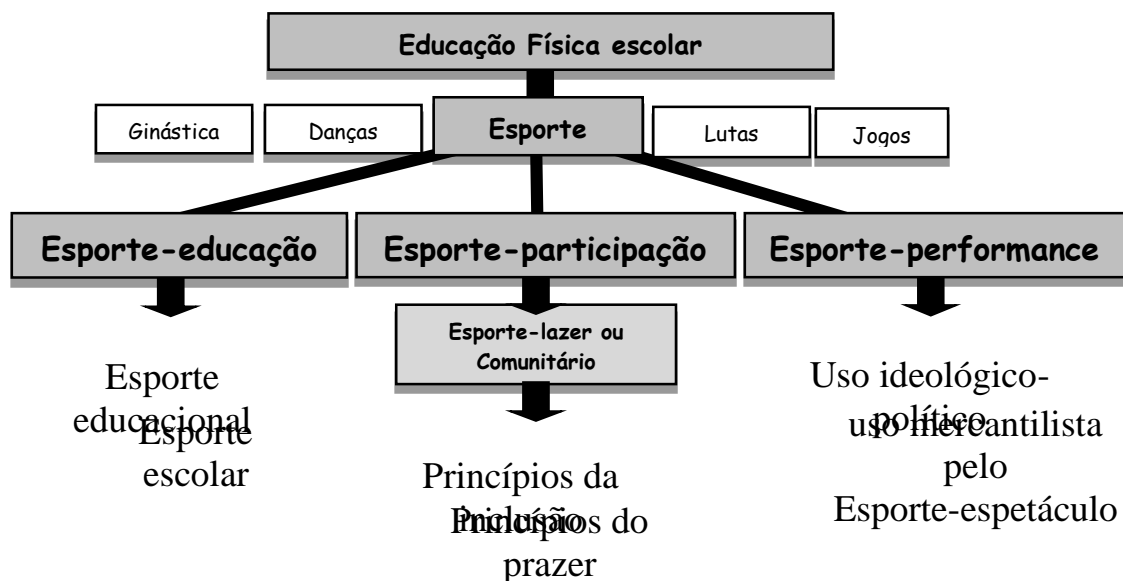


Figura 1: **Organograma sobre Dimensões dos Esportes**. Baseado nas Dimensões do Esporte segundo Tubino (2011). Fonte: própria.

2.2.2. Influências da mídia na paixão nacional. Um olhar crítico.

O fanatismo pelo futebol se traduz na imagem dos alunos instigando o professor pela prática excessiva desta modalidade, não somente praticado nas ruas, mas levado às escolas, às aulas de Educação Física. As crianças, meninos e meninas, não escondem sua

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

paixão por uma 'travinha', qualquer área em que se possa improvisar duas, ou mesmo uma trave e uma bola que pode ser de papel, borracha, plástico, uma lata, garrafa, etc. O importante e prazeroso é poder chutar. Barbosa (2009) utilizando-se dos estudos de Guedes e Guedes (1997) nos complementa explicando o fato de que, quando questiona-se aos alunos sobre sua preferência de atividades dentro das aulas de Educação Física, eles respondem quase sempre apontando para algum esporte.

O fenômeno da 'esportivização' da Educação Física escolar, a faz ser confundida exclusivamente com prática esportiva, negligenciando o compromisso com aspectos de formação como o lúdico, o aspecto cognitivo e social.

De acordo com Tubino (2011), a complexidade das dimensões do esporte e a falta de esclarecimento teórico sobre o assunto, faz com que ocorram alguns equívocos observados na prática. O *esporte-participação* se confunde com *esporte-educação* e *esporte-performance* dentro do contexto escolar, independente de qualquer influência social, o sensato seria compreender o futebol como *esporte-educação*.

A autoestima do brasileiro em relação ao futebol vem sendo construída ao longo do tempo, desenhando uma parábola entre as décadas de 50 até datas atuais de 2015 com a derrota na Copa de 2014, percorrendo histórias de ascensão e declínio, entretanto sem abalar a paixão pelo futebol

“O sucesso da Seleção Brasileira de Futebol em duas Copas do Mundo (1958 e 1962) levou à associação da Educação Física escolar com o Esporte, especialmente, o futebol...],[...o terceiro título, em 70, contribuiu para manter o predomínio dos conteúdos esportivos nas aulas de Educação Física” (DARIDO E RANGEL, 2005 p 3).

Os meios de comunicação e informação dos dias de hoje se apropriam do fanatismo pelo futebol e aproximam as crianças do esporte-rendimento, colocando-o numa vitrine à venda, mostrando uma imagem distorcida sobre a prática do esporte e o todo o contexto futebolístico.

Dentre os diversos meios de comunicação que difundiram a espetacularização do esporte, destacamos um em especial: a televisão, a qual Hesling (1986) chama de “Janela de vidro” e Betti (2004) chama de “mídia”. O crescimento da imagem do futebol espetáculo foi paralelo à popularização da “TV”, e está muito se utilizou do esporte numa relação de

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

simbiose, a televisão modificou a imagem do esporte e o esporte alavancou o prestígio da televisão.

A paixão do brasileiro pelo futebol, inabalada, tornou-se identidade cultural. Uma nação seguidora fiel do chamado “esporte espetáculo” criado pelo 4º poder, a televisão, se mostra em ascensão, entranhado no cotidiano, nos lares, nas escolas, no trabalho, nas ruas, enfim, nos espaços sociais, influenciando as pessoas até mesmo nos mais íntimos aspectos da vida do cidadão, como afirma Tomazett (2009).

A criação da TV em 1936 coincide com os jogos Olímpicos de Berlim-Alemanha, e foram televisionados para a população local, sob a concepção de supremacia da raça Ariana de Hitler, utilizando então o esporte como meio *ideológico-político*, porém, derrotado pelo sucesso e vitórias do negro norte-americano Jesse Owens, (Tubino 2011, p.51).

O aspecto mais relevante no uso do esporte pelas mídias foi passar de instrumento “ideológico-político” à “preponderância da lógica do mercantilismo”. Textualiza Tubino:

A chegada definitiva da televisão, encurtando as distâncias no mundo e modificando radicalmente o elenco de hábitos dos habitantes do planeta, também provocou profundas mudanças no processo esportivo. Uma das mudanças mais visíveis foi a substituição gradual do uso ideológico-político do esporte pela utilização do fenômeno esportivo como meio de divulgação comercial. Esta nova situação aconteceu principalmente nas manifestações de esporte-performance, embora também tenha chegado de forma tímida às demais dimensões sociais do esporte”. (Tubino, p. 53, 2011).

Na década de 50, os eventos esportivos tomaram, de uma vez por todas, um lugar especial na programação televisiva, tendo o futebol sua grande estreia na Copa do Mundo de 66, que de acordo com Betti (2004), foi o primeiro evento internacionalmente explorado pela televisão. Interessante compreender o texto de Gastaldo (2003) que nos atenta a observar a devoção do povo, que se intitula Pátria de chuteiras, no momento de um jogo de Copa do Mundo, se transforma numa unidade nacional, e fica em estado de devoção, nos surpreendendo ao saber posteriormente que 94% dos televisores estavam ligados no jogo, quer dizer que, seria mais de 100 milhões de pessoas assistindo ao mesmo jogo de futebol, isso caracteriza um fato cujas dimensões sociais são expressivas, gigantescas e dignas de um olhar mais analítico.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Esse dado em si mostra ou provoca nossa percepção a afirmar, será que o esporte ainda tem um cunho “ideológico-político” ou realmente modificou-se para “preponderância da lógica do mercantilismo”? Mas, 100 milhões de telespectadores assistindo um evento esportivo nos mostra que os dois aspectos estão presentes na sociedade quando nos referimos ao esporte e especificamente no futebol. Pois volta a atenção e a atividade produtiva de um povo para uma determinada dinâmica, a dinâmica da necessidade de se frear uma nação para a contemplação de um esporte tido como “humanidade nacional”.

Pierre Bourdieu, em sua obra Sociologia do esporte, reflete sobre o fenômeno esportivo numa abordagem epistemológica, pensando sobre o papel sócio-histórico do esporte e finalmente, discute o assunto: a orientação do consumo esportivo no sentido de consolidação de um espaço social. Influenciando, como consequência direta a área educacional. Inclusive alimentando o aparecimento e crescimento do *Homo Sportivus* (Tubino 2011).

Portanto, compreende-se que a televisão oferece um esporte fascinante às pessoas, ela confunde realidade e fantasia, provoca desejos, emoções, o imaginário. Entende-se que a mídia utiliza o esporte, o futebol, fenômeno aqui em destaque, para convencer pela emoção, para sucumbir ao capitalismo, provocando o consumo de produtos esportivos, equipamentos, roupas, sapatos, etc. A mídia propõe uma fantástica associação imagem & linguagem, capaz de influenciar as ações de atletas e espectadores, altera a maneira como se percebe o esporte. A TV molda o esporte, o atleta e o telespectador. Repleta de estereótipos, ela desperta e representa as imagens do inconsciente do telespectador e, assim demonstra como devem se comportar de acordo com os desejos do sistema. De acordo, Gusdorf (1982) em Betti (2004), observou que:

A civilização moderna promove uma desnaturação do corpo que, no caso da cultura física, é agravada pela mitologia do esporte e pelo culto ao herói olímpico, organizado com a colaboração da mídia. O interesse desloca-se para o corpo idealizado, e não para o próprio corpo; o 'esportista' é um apaixonado que se contenta em participar pela pessoa interposta de seus ídolos; e a transmissão das atividades esportivas não tem relação com a prática real da cultura física. (BETTI, p.38. 2004).

O futebol, herança cultural, encanta meninos e meninas que sonham em fazer parte deste esporte espetáculo. Ao ver seu(s) ídolo(s) do futebol, em destaque, usufruindo de uma vida de sucesso, bem sucedida financeiramente e tão sonhada, influenciados pelo

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

bombardeio de imagem & linguagem que a TV oferece, faz com que estes pequenos cidadãos ainda em formação, pratiquem futebol, com ou sem regras bem definidas, seja na escola, na rua ou qualquer lugar possível, de forma fanática, idealizada, fantasiada, cheios de esperança de dias de sucesso, propriedade e auto-estima em se tornar, como seu ídolo, um famoso jogador de futebol.

Autores como Eurasquim, Matilla e Vásquez (1983), realizaram um estudo referente ao impacto da televisão sobre crianças e destacaram o incentivo ao consumo; imposição de valores ideológicos e culturais; exercício do controle sobre elas; passividade como espectador.

O professor de Educação Física de escolares de 2º ciclo (indivíduos em processo de formação), à luz da sugestão dos pesquisadores citados acima (BETTI 2004, p.40), poderia reunir esforços em suas metodologias no intuito de combater a passividade de modo crítico frente a programação da TV e suas várias façanhas na utilização do esporte; debater conteúdos culturais voltados à infância, como por exemplo, apresentar opções de vivências lúdicas; estimular a refletir as imagens, não deixando se dominar por estereótipos e mitificações; incentivar nas crianças a abertura de novos estímulos, utilização de brinquedos e brincadeiras.

Há de se reconhecer a força atrativa e manipuladora do “futebol espetáculo” para o brasileiro fanático por futebol aliada a “teledependência”. Seria inútil mencionar que pode-se esquivar dessa realidade. Como professores cientes de recursos metodológicos, deve-se enfrentar esse obstáculo que impede o desenrolar de aulas com qualidade, atentar às crianças, protegê-las, não privá-las da realidade, mas ensiná-las a tornarem-se telespectadores críticos, analíticos e conscientes. É preciso aprender a ler o texto televisivo e filtrá-lo no que tem de bom e de ruim (Betti 2004).

Numa **abordagem cultural**, o futebol está enraizado na cultura brasileira, interferindo e modificando maneiras de pensar e viver, conseqüentemente, aparecerá sistematizado pelos docentes nas aulas de Educação Física, enfatizando valores de formação aos alunos, como por exemplo, cooperação, socialização, autoconfiança e respeito, portanto, não podemos propiciar um futebol apenas pelas ações motoras. As numerosas turmas de alunos para a realização da aula de Educação Física se mostram heterogêneas, ou seja, cada aluno tem seu universo, sua maneira de pensar, seu ritmo,

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

seus princípios, sua maneira de sentir, e estão em constantes transformações (Souza, Araújo, 2007.p.2).

Se observarmos, os garotos ainda com idade recente, começam a sentir o prazer em jogar futebol, o primeiro presente é sempre uma bola e por ação da gravidade ela, a bola, fica no solo, talvez por comodidade ou facilidade acharam melhor impulsioná-la com o pé e, construí-la é o mais fácil. Geralmente uma meia, cheia de papel, pano, costurada à mão, sim é a bola utilizada pelos garotos mais humildes. Eis aí o primeiro fator a favorecer a prática do futebol, a bola é o artigo mais fácil de ser produzido e adaptado. Todo terreno baldio, praça, ruas, calçadas, pátios, servem de espaço para que ocorra a iniciação ao futebol. Observamos que não é preciso muito apoio logístico para praticá-lo". (Souza, Araújo, 2007.p.2).

Ao considerar esse fato, entende-se que o papel do professor é complexo e delicado, visto que ele também é dotado de uma bagagem cultural, não devendo despir-se dela para que faça seu trabalho. É necessário que ele desenvolva competências e habilidades que adapte o aluno às novas realidades propostas, evite a exclusão que muitas vezes o futebol proporciona, e não se prenda somente a pressupostos teóricos, mas que se faça acontecer a práxis transformadora.

Dentro das propostas de Scarpatto et al. (2011), visualiza-se particularmente, os **esportes coletivos com bola** nas aulas de Educação Física. A essência da abordagem dessas atividades foi baseada num misto de perspectivas *humanista, tecnicista, e de Iniciação Esportiva universal*, levando em consideração aspectos positivos desenvolvimentistas e de aprendizagem motora. A prática docente proposta nessa perspectiva, deve buscar suprir uma carência de movimentos por qual passam as crianças e jovens de hoje, que vivem a falta de espaços em seus lares e momentos de lazer nos centros urbanos, ou seja, crianças e jovens que já não brincam na rua, não criam seus próprios jogos e que são reféns dos brinquedos eletrônicos e da tecnologia, e sofrem carências de estímulos para seu desenvolvimento motor.

Há 3 aspectos evidenciados nessa proposta, etapas a serem seguidas na aplicação das atividades: etapa de aquisição (de repertório motor), estabilização e aperfeiçoamento das ações motoras, sempre se referindo aos esportes coletivos com bola, em razão da

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

intenção do esporte ser visto como instrumento de socialização, formação e recreação, até mesmo profissionalização.

Propostas e diretrizes para utilização de esportes coletivos com bola, segundo (Alves e Scarpatoet al. 2011, p 85), para:

Ensino Fundamental I – 6 a 8 anos→

- Utilização de movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos;
- Despertar da competitividade, então deve se ter cautela ao utilizar competições;
- Utilizar atividades em equipe, incentivando cooperação;
- Utilizar tarefas individuais inicialmente, evoluindo para coletivos;
- Aumentar gradativamente o grau de dificuldades das atividades, propondo desafios.

Ensino Fundamental I – 8 a 9 anos→

- Utilização de movimentos combinados individuais ou em grupos;
- Trabalho coletivo por meio de pequenos e grandes jogos;
- Melhora na aceitação de regras e trabalho em grupos;
- Atividades pré-desportivas, podem ser trabalhados o passar, receber, quicar, conduzir com os pés;
- Trabalhar a tática (decisões, estratégias, atitudes, planejamento de ações);
- O importante não é a solução concreta do problema de jogo, e sim a criação de possibilidades no jogo;

Gallahue e Ozmun (1995), apontam para uma fase de aprendizagem aberta²sendo de 7 a 10 anos; 11 a 12 anos seria ensino parcialmente aberto; 13 a 14 anos parcialmente fechado e 14 anos totalmente fechado.

Alves e Scarpatoet al. (2011) defende que o professor deve realizar a “popularização da cultura do jogo” e deixar as crianças jogarem livremente no cotidiano das aulas, jogar com liberdade os grandes e pequenos jogos e/ ou jogos pré-desportivos. Ainda acrescenta que este jogo pode ser oferecido no início, na parte principal ou no final da aula, o aprendiz deve solucionar os problemas do jogo com autonomia, sem intervenção do professor.

² Aprendizagem aberta, segundo Scarpato, refere-se a não intervenção, correção do professor, o aluno resolve seus questionamentos; Aprendizagem fechada refere-se quando há total intervenção do professor.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Analisando essas características, nota-se que Alves respalda a prática docente nas aulas de Educação Física ao utilizar como atividade uma partida de futebol com regras oficiais, somente dos 12 aos 14 anos, e não de 6 a 11, à esta última faixa etária, caberiam atividades com bola nos pés (futebol jogo/brincadeira), mas de forma pré-desportivas, com regras adaptadas e formas modificadas.

Ensino Fundamental II – 10 anos → (5ª e 6ª série)

- Movimentos automatizados, facilitando ao professor realizar correções técnicas NÃO exigindo perfeição;
- Nível de competitividade maior;
- Sexismo por parte dos alunos;
- Menos interesse por brincadeiras e mais por campeonatos;

Ensino Fundamental II – 12 a 14 anos →

- Fase de especialização do movimento;
- Alunos prontos para aperfeiçoamento de gestos técnicos;
- Os jogos pré-desportivos finalmente poderão ser substituídos pela própria modalidade, com regras e formatos originais.
- A estrutura da aula passa por alterações: a parte inicial volta-se ao aperfeiçoamento da técnica, seguido do trabalho tático e dos sistemas defesa-ataque. O sistema defensivo-ofensivo será abordado durante o ensino-médio.

Ao teorizar e estruturar o trabalho com esportes, os autores contribuem para a sistematização da prática docente, visto a complexidade no trato com esportes coletivos com bola, o professor não se limita a trabalhar unicamente as técnicas, e sim, pode voltar sua atividade à abordagem lúdica, adequando sua prática aos pressupostos desenvolvimentistas, favorecendo o aprendizado dos alunos.

3. EDUCAÇÃO FÍSICA – PRÁTICA DOCENTE – FUTEBOL

3.1 Contextualizando a “triáde”.

Observando o panorama histórico-social compreende-se a disciplina Educação Física escolar como uma prática pedagógica que surgiu das necessidades sociais concretas de diferentes épocas, dando origem à diferentes significados sobre ela (Coletivo de autores 2012). Embora sempre estivesse atrelada à concepção de atividade física, mas especificamente à execução de atividades motoras.

Na Europa do século XVIII e início do século XIX, num momento de construção de uma nova sociedade, a capitalista, surge um novo papel para os exercícios físicos, a função de construção de um “novo homem” condizente com as necessidades dessa sociedade. Homens mais fortes, ágeis, resistentes, com força e energia física, voltados para execução do trabalho.

A introdução da Educação Física na escola no Brasil ocorreu em 1851, segundo Darido e Rangel (2005), com a Reforma Couto Ferraz realizada por Rui Barbosa em 1882, havendo a obrigatoriedade no ensino secundário da Ginástica para ambos os sexos, fazendo com que todos os estados fossem aderindo a prática da Educação Física escolar com o nome de Ginástica.

À Educação física foi dada a função Higienista, buscando modificar os hábitos de saúde e higiene da população, favorecia a educação do corpo, tendo como meta a constituição de um físico saudável e equilibrado, principalmente, prevenido de doenças. Havia um pensamento ideológico-político que buscava ‘eugenia’, a qual, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1997), visava o melhoramento da raça humana através da responsabilidade de não se misturar raça branca com raça negra, mantendo a ‘pureza’ da raça branca, existindo atos de ‘esterilização de deficientes, exames pré-nupciais e proibição de casamentos consanguíneos’.

É interessante ressaltar que, os exercícios eram vistos como “receita & remédio”, acreditava-se que somente através deles poderiam adquirir condições saudáveis para o trabalho, mesmo sem levar em conta outros fatores pelo qual hoje se conhece como importantes para a qualidade de vida. Nesta época, muitos médicos assumiram a função higienista. A prática docente estava voltada a desenvolver nos cidadãos os hábitos de higiene e saúde, valorizando o “físico e moral” a partir do exercício.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Em relação à formação de professores nesta época, Arantes (2008), afirma que, além de médicos, os primeiros instrutores foram homens com patentes militares. A prática docente destes, portanto, era vinculada a “formação de uma geração capaz de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra; por isso, era importante selecionar os indivíduos ‘perfeitos’ fisicamente e excluir os incapacitados” (Darido e Rangel. 2005, p 3).

Tanto nas concepções Higienista e militaristas, a Educação física chamada Ginástica, era voltada à prática, não era repassada através de uma fundamentação teórica. Para ser professor só bastaria ser ou ter sido um praticante de atividades físicas.

A prática docente se baseava em princípios anátomo-fisiológicos, porém, resumia-se em métodos calistênicos, exercícios de coordenação motora, flexões, marchas, corridas, saltos, exercícios de lutas, saltos, exercícios intensos, sem distinção entre Educação Física, ginástica, instrução física militar, utilizando outrora, pesos, cordas, barras fixas, paus, argolas, buscando criar modelos de cidadãos obedientes, submisso, alienado à realidade de guerra por qual passava o Brasil. Segundo Soares (2012), era orientada por princípios, buscando a criação de um homem obediente, submisso e acrítico à realidade brasileira.

Podemos entender a descrição do trabalho que o professor de Educação Física exercia, numa tentativa de buscar formação, conhecimentos para garantir qualidade de ensino. Ainda em Arantes (2008).

O Capitão Ataliba imbuído de vigor defendeu que os docentes mesmo para o ensino elementar deveriam possuir processo, método, linguagem concisa e clara, dedicação ao trabalho, certo grau de energia e tenacidade; gente idônea. Portanto, as aulas de Educação Física não poderiam ser ministradas por qualquer pessoa como defendiam os diretores. Criava-se a necessidade de formação adequada dos docentes, a realização de exames que dessem conta das atividades motoras das crianças e que propusessem conteúdos mais complexos a serem desenvolvidos posteriormente (PAIVA e PAIVA, 2001 apud Arantes 2008).

De Escolas Alemãs, Suecas e Francesas, surgiram métodos gymnicos que deram uma perspectiva eugênica, higienista e militarista, à Educação Física.

Já se discutia, para a formação e trabalho docente, competência técnica, remuneração, horário, intervalos e pormenores, inclusive que as atividades físicas seriam no intervalo entre duas sessões; podendo servir como diversão, recreio ou uma estratégia para

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

amenizar cansaços entre das aulas. Finalmente em 1846, surge a primeira formação profissional no curso de formação de professores ou Escola de Educação Física para civis, baseado ainda em métodos militares.

Em seguida, 1937, na elaboração da Constituição Federal Brasileira, se fez a primeira referência à Educação Física em textos constitucionais. Incluiu-se no currículo como prática obrigatória, e não como disciplina, impondo-a o papel de adestrar fisicamente o jovem para a defesa da nação e cumprimento dos deveres com a economia.

No Brasil contemporâneo (1846 - 1980), por volta de 1964, os militares tomaram o poder e direcionamento do país, nessa época já havia um grande investimento no esporte. Foi época em que ocorreu um crescimento no sistema educacional, e o governo planejou usar as escolas públicas e privadas como fonte de programa do Regime militar (Darido e Rangel, 2005). Visava-se também, fortalecer o espírito de cooperação e coletividade. O esporte favorecia os dois e muito mais.

O processo de **Esportivização** (também chamado de modelo tecnicista, tradicional, e mecanicista) da Educação Física dava todos os créditos ao esporte, visto que este era ideal para adequação aos objetivos das práticas pedagógicas naquele tempo, para isso, iniciou com a introdução do Método Desportivo Generalizado. Porém, devido ao contexto político, o esporte passou a sofrer tendências tecnicistas. Era um período em que o Brasil difundia as Escolas Profissionalizantes.

Há, portanto, um estreitamento de vínculos entre o esporte, o nacionalismo e a Educação Física, pôde-se perceber, nitidamente, o uso do futebol influenciando a prática docente, conseqüentemente o processo ensino-aprendizagem, com o uso que o Governo fez da campanha da seleção brasileira de Futebol, na vitória da Copa do Mundo de 1958, 1962, 1970, resultando no fortalecimento da esportivização. Mais uma vez a Educação Física estava sendo usada como mecanismo do Governo para manipulação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física(1997), nos remete a década de 70, na criação da LDB- 5.692/71, que em seu conteúdo promove a Educação Física à funções importantes para manutenção da ordem e progresso, pautada no nacionalismo, na integração e segurança nacional, formação de um exército jovem e saudável, e principalmente na tentativa de desmobilização de forças políticas opositoristas. (PCN, 1997).

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

A interpretação de ênfase na aptidão física veio de uma falta de especificidade no decreto 69.450/71, que considerava a Educação física uma atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando (p.22). Por ordem, os professores buscavam, a partir de 5ª série, a descoberta de novos talentos no cenário desportivo escolar, inclusive para representar a pátria.

Significa que, nessa fase, a prática docente se mostra centralizadora, voltada ao rendimento, à seleção dos mais habilidosos.

Ainda em relação à esta época, Tubino (2011), nos apresenta o aparecimento do *“Homo Sportivus”*, uma denominação referente a uma geração envolvida com esportes, que engloba usuários-praticante, usuários-passivos, e usuários que tem uma relação de trabalho com o esporte, podem ser chamados de “produtores esportivos”, são treinadores, administradores, atletas, jornalistas, trabalhadores de construções esportivas, enfim, participações diretas, indiretas ou esporádicas.

Em todas as transformações por qual passou a Educação Física, pode-se perceber que houve a intenção do Governo de manipulação de massa através da prática de exercícios físicos. E, percebe-se também, que a Educação Física sempre fadou-se ao ‘saber-fazer’, ou seja, sempre se reconheceu numa dimensão procedimental, de forma que, após algumas expectativas (vitórias, ascensões etc.) não correspondidas da nação pelo esporte, começou-se a repensar novas práticas e, a cogitar uma nova tendência. Passou-se a discutir Educação Física e sociedade, questionou-se seu papel, dimensão política, mudaram-se os enfoques, fizeram revisão de objetivos, de conteúdo, de aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais, até chegarmos à Educação física que possuímos hoje e ao professor brasileiro com perfil para o século XXI.

3.2 Questões de identidade docente na Educação Física do século XXI no Brasil.

O Educador Físico brasileiro vive um drama. Como se não bastasse suas dificuldades vividas pelo simples fato do ofício de ser professor, muito discutido, inclusive em *Vida de Professores* (Nóvoa 2009), ele ainda possui um desafio profissional a mais, o de ser professor de Educação Física, convivendo com as especificidades e adversidades próprias da profissão.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Outras áreas da educação passaram por momentos críticos no século XX, chamados por (Moreira 1992) de 'períodos de obscurantismo, onde foram marcados por mecanicismos, assistencialismos, acritismo, passividade, da neutralidade, da perda do humano no homem', vendo o aluno como objeto, porém, por volta de 1940, essas outras áreas tiveram seus momentos de reflexões, inconformismos e mudanças. Em contrapartida a Educação Física só veio a ter suas primeiras reflexões a partir dos anos 70.

'O profissional da saúde', 'O promotor do lazer', 'O professor da brincadeira', 'o treinador' das práticas esportivas e das aptidões físicas, entre outros, são algumas das rotulações criadas pela sociedade com muitas definições, mas sem nenhuma posição bem esclarecida, principalmente sem muitos esclarecimentos no que diz respeito ao ambiente da comunidade escolar. Estas indefinições caracterizam uma crise de identidade.

Faz-se urgente na Educação Física, a discussão em busca da identidade profissional, numa tentativa de compreender o que é Educação Física. Se é uma ciência, uma disciplina, se é atividade, cultura ou prática pedagógica.

Necessitamos lembrar, sem a intenção de estender ao máximo as informações, a introdução da Educação Física nos contextos escolares, onde teve início com o parecer 224 de Rui Barbosa de 12/09/1882, desencadeando lutas em busca de sua consolidação.

Segundo Grespan (2002), observamos alguns registros que relatam histórias de lutas, por exemplo, a história de lutas pela legitimidade da profissão no processo educacional em 1970; A obrigatoriedade como disciplina no ensino escolar através da lei 5692/71 e, a luta para assumir a mesma importância que as demais disciplinas, a qual observamos até os dias de hoje, encontramos escolas que a julgam como disciplina sem importância, jogando suas aulas para o contra turno, sucateando o material da disciplina, impossibilitando ou dificultando o trabalho do professor de Educação Física, inclusive, não incluindo o mesmo em planejamentos interdisciplinares, não dando devido espaço de discussão no PPP – Projeto Político Pedagógico ao professor de Educação Física.

São alguns exemplos de lutas históricas sempre subordinadas à interesses sócio-políticos da época, privilegiando posicionamentos da institucionalização e da legalidade, nos deixando um legado profissional de uma Educação Física que vive de mãos atadas para legitimar suas próprias diretrizes pedagógicas. Reféns de práticas manipuladas pelo Estado, por exemplo, quando impomos modelos, não condizentes com a realidade, de adestramento de corpos aos nossos alunos.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Até finais da década de 70, a disciplina era voltada para a prática esportiva, aptidão física e desenvolvimento motor, hoje busca sua identidade nas diversificações das capacidades, condutas motoras, tais como lateralidade, coordenação, equilíbrio, percepções e nas possibilidades motoras dos alunos, deixando de lado a ênfase aos conhecimentos anátomo-fisiológicos e técnicos, passando a acompanhar o aluno integral em seus aprendizados, numa perspectiva de desenvolvimento da cultura corporal, nas dimensões plurais do aluno, que são cultural, social, política e afetiva. Segundo a concepção dos PCNs, são formas de abordagem que animam o corpo vivo, fazendo-o interagir e mover-se como sujeito social e como cidadão. A respeito do cotidiano da Educação Física escolar no Brasil, ainda hoje, Grespan (2002), afirma:

Ora adotamos métodos franceses, alemães e etc..., ora militarizamos nossas crianças ou mesmo forjamos pequenos atletas. Temos sim, que buscar nossa própria identidade, pois até o momento não conseguimos fazer com que a Educação Física se mantenha como uma disciplina a não ser pela imposição da Lei.” (Grespan, 2002. p.14).

Desde a década de 80 iniciou-se um período de reflexão sobre os objetivos da Educação Física. Os professores tem se questionado sobre o que estão fazendo, para quem estão fazendo, por que estão fazendo, com quem estão fazendo, quais as consequências desse ‘fazer’(OLIVEIRA,1992).

Percebe-se que esses questionamentos geram discussão de raízes histórico-social da profissão porque remetem à situações de contextos históricos e apresenta-se de forma epistemológica, portanto, não se pode ter a pretensão de definir a identidade da Educação Física de uma vez por todas e/ ou resolver tais questionamentos de forma definitiva, deve-se compreender e buscar reconstruir a Educação Física, coerente com as necessidades atuais e condizentes com o contexto histórico-social atual.

Silva e Durks(2011), entende como o professor de Educação Física deve se posicionar frente às questões de definições epistemológicas, ele seria, portanto, um mediador que se utiliza de várias ciências, responsável por criar e desenvolver programa de atividades que satisfazem as demandas do grupo com o qual trabalha, portanto, entende que o profissional de Educação Física assume o papel de mediador de cinco tipos de práticas: as vinculadas à saúde, as estéticas, as atividades corporais no tempo livre, as esportivas e as vinculadas à educação formal e contextos escolares.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

De qualquer forma, em qualquer que seja sua prática, o professor de Educação Física no Brasil, precisa se munir de conhecimento sobre sua profissão, necessita ler se instruir, estudar e evoluir no que diz respeito à tudo o que concerne a área de Educação Física. Praticar reflexão, planejar, discutir, pesquisar, inovar, etc., devem fazer parte de seu cotidiano. Quando o professor de Educação física escolar busca compreender a relação histórico-social e epistemológica da Educação Física, se engrandece a construção identitária do 'Eu' profissional.

Considera-se ainda que, na literatura, há um equívoco na terminologia Educação Física, no Brasil, afetando o professor e seus campos de atuação, onde o professor licenciado pleno toma para si o direito de atuação e domínio de todas as manifestações culturais de movimento, como desporto, dança, ginástica, confundindo origens, surgimentos, bases dos fundamentos e até no que diz respeito às abordagens pedagógicas. Ele busca controlar toda a esfera que envolve questões de movimento corporal, e isso gera o caos conceitual, dificultando a comunicação científica e a reflexão teórica.

A respeito disto, Brancht (1989), faz referência à Educação Física no sentido amplo e restrito. "Amplio" quando refere-se às manifestações culturais ligadas à ludomotricidade humana, quando se diz a Educação Física ser um termo que se entremeia e abrange o próprio desporto, a dança, as modalidades da cultura corporal, até mesmo com modalidades de fitness. "Restrito" quando faz referência às atividades no âmbito pedagógico, quando reflete o movimento humano com um significado, com contextualização. Sendo assim, pensa-se: a Educação Física apoderou-se de todas as manifestações ou ela foi instrumentalizada por elas? O fato é que, isso causa crises identitárias que permeiam entre professor e profissão.

Nóvoa (2009) afirma que, o processo identitário perpassa pela capacidade de exercermos de forma autônoma a nossa atividade profissional pelo sentimento de controlarmos o nosso trabalho. Esse falso sentimento de autonomia para gerir o conhecimento em aula e ao mesmo tempo promover autonomia ao seu aluno, mas sem se desatrelar dos interesses Estatais, acabam, entre outras consequências, por sectar o 'Eu profissional' do 'Eu pessoal' do docente, gerando crise de identidade. Pois, somos seres humanos antes de sermos professores. Temos vontades, experiências, gostos, gestos, temos nossa própria postura para conduzir nossas aulas, de nos direcionar aos alunos, de conduzir a metodologia, um modo que constitui uma segunda pele profissional.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Em tempos de Pedagogia tradicional, muito se ouvia que tanto alunos como professores deveriam se despir de suas opiniões, concepções e dotes, antes de adentrar nas aulas e na escola. Coordenações pedagógicas que não aceitavam que professores ousassem ou inovassem um pouco mais nas aulas. Se um professor soubesse tocar violão e quisesse inserir música e dança para facilitar o entendimento do assunto abordado, ele não poderia sob o argumento de que essa metodologia não estava escrita nos livros e nas diretrizes e nos ideais da escola. O professor de Educação Física escolar que ousasse dar uma aula mais divertida e brincasse junto com os alunos, eram chamado pela coordenação para conter seus ânimos e dos alunos. Nos dias atuais, o conhecimento profundo do próprio 'Eu' pessoal, visando novas possibilidades de práticas pedagógicas, acaba por tirar as amarras que prendem o professor, mas ainda há muito o que lutar para que os demais profissionais que compõem o corpo escolar tenham essa compreensão, de que há necessidade de desenvolver capacidades intra-pessoais de cada um.

O profissional e a profissão, em meios aos conflitos de profissão, foram construindo suas trajetórias a promovendo a típica construção da identidade, no seu legítimo processo de criação, onde pôr fim o professor tomou pra si o legado da profissão somando às suas vivências. Afirmo João Batista Freire no prefácio de Scarpatto et al. (2007). Diz que a construção de identidades passa sempre por processos complexos ao qual cada um se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional. E ainda sobre identidade docente, Nóvoa 2009, afirma:

A crise de identidade, objeto de inúmeros debates ao longo dos últimos vinte anos, não é alheia à esta evolução que foi impondo uma separação entre o Eu pessoal e o Eu profissional. A transposição desta atitude do plano científico para o plano Institucional contribuiu para intensificar o controlo sobre os professores favorecendo seu processo de desprofissionalização" (Nóvoa, 2009, p.15).

O professor precisa se adequar à instituição, seguir padrões, receitas prontas e normas da escola, se abster de sua autonomia, se é que esta existe em sua plenitude, caso contrário, será comunicada a sua remoção para outra escola, geralmente transferido para escolas de menor qualidade. Mas também podemos entender que esta realidade encobre a falta de atitude de alguns profissionais, que não tem uma postura proativa, pois autonomia sempre irá existir mesmo dentro de normas rígidas como pontuamos a pouco, basta este profissional sair um pouco da alienação imposta pela sociedade.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Grespan (2002) textualiza que a Educação Física tem perdido muito espaço na escola para atividades fora do contexto escolar, pois os alunos preferem frequentar outras instituições acadêmicas, cursos de dança ou escolinhas de desportos substituindo a Educação Física, principalmente quando o ambiente 'rival' mostra-se repleto de tecnologias. Então há aceitação por parte dos professores numa convivência que acabe por reforçar a Educação Física como 'produto de consumo', voltada à espetacularização do esporte, ao culto à estética, ou seja, contrário aos propósitos dos contextos escolares.

Essa forma de perda de espaço também pode se configurar como reflexo da falta de atitude de alguns profissionais, pois a própria mídia quando mostra ações de superação de dificuldades por profissionais da Educação, conseguimos ver profissionais que, com seu próprio esforço e "atitude proativa", mudam uma realidade até então adversa e agregam valores positivos à Educação Física.

Sabe-se que é na crise que o ser humano se transforma e se readapta. A Educação Física precisa de uma crise para analisar seus valores, precisa ser capaz de justificar-se a si mesma, precisa procurar sua identidade. É preciso distinguir o educativo do alienante, é necessário que se retire as atividades em que se utilize o movimento pelo movimento, o fazer pelo fazer, o jogar pelo jogar, como por exemplo um futebol-travinha repetidas vezes e sem intervenção do professor.

O reconhecimento da Identidade docente do profissional de Educação Física, especialmente no contexto escolar, pode ser um processo lento e contínuo, um processo que necessita de tempo. "Um tempo para refazer identidades, para acomodar inovações, para assimilar mudanças" (Nóvoa, 2007, p16).

Nesses termos, Grespan (2007), complementa:

Entretanto, a Educação Física escolar no Brasil, desde a década de 80, vem apresentando reflexões em termos de objetivos, conteúdos, metodologias, estendendo-se à todos os aspectos da área, encarando o aluno como um ser integral, global, nas diversas dimensões, cognitivas, afetivas, sociais, motora, e psicológicas, ou seja, há um esforço para mudança da situação, parece haver a tentativa de uma epistemologia para Educação Física Revelando diferentes paradigmas, num quadro onde todas as definições são simultâneas, paralelas, divergentes a desorientação caracteriza não somente a definição

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

do que é isso, a Educação Física, como também e sobretudo sua prática. (Grespan, 2007, p 15).

Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996), já emitia a ideia de que o docente praticasse a reflexão crítica em suas ações, e que isso seria imprescindível para o reconhecimento da identidade docente.

Seria necessário assumir-se, aceitar-se, reconhecer-se como ser que somos e como profissional, 'Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto' (Freire 1996, p. 23).

O professor de Educação Física precisa compreender-se como ser social, histórico, ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, com sentimentos conflitantes, com experiências, vivências e aprendizados, marcas subcutâneas de sua própria existência, inseridas na alma, escrita na sua história e entremeada com a história da Educação Física.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não se pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos. É isso que o puro treinamento do professor não faz. Perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. (Freire, 1996, p.24).

Em pleno século XXI, o Professor de Educação Física escolar no Brasil, baseado em discussões científicas, se encontra ciente desses desafios, há tendência crítico-social nas suas práticas, há busca por práticas reflexivas. Há um esforço na busca pela ascensão da profissão e valorização profissional.

3.3 Questões reflexivas ao Professor de Educação Física no Brasil.

Para reconhecer-se em sua identidade profissional, para realizar um trabalho escolar consistente ou acompanhar o progresso e andamento das propostas educacionais, o professor terá que repensar suas práticas. É imprescindível que o docente pratique dia após dia a ação-reflexão-ação no cotidiano escolar, isso se ele estiver em sintonia com o momento atual. Como a proposta desta pesquisa perpassa por contextualizar o professor do século XXI, não se pode deixar de mencionar o movimento atual de ser professor reflexivo, aquele que pensa e repensa sua prática.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Acredita-se estar em tempos de crises e crises podem levar o professor a parar e refletir. Muitos bombardeios de acusações sobre suas metodologias que são, por natureza, diferenciadas, o 'dar a bola' que assombra a profissão na área escolar, o ensinar 'brincando' tão incompreendido pela comunidade escolar, a marginalização da Educação Física em vários enfoques, incluindo todas as adversidades já mencionadas nesta pesquisa e muitas outras próprias da área, são fatores que acabam por influenciar na necessidade de repensar a prática da Educação Física escolar.

Ser professor reflexivo, praticar ação-reflexão-ação, ensinar brincando, podem ser condutas que levem o professor a melhorar sua atuação ou podem ser apenas clichês de uma contemporaneidade que exige mas não dá suporte e a devida importância à esta atividade na educação, o que de fato será.

O professor encontra-se em tempos de utilizar o pensamento como atribuidor de sentido, tempos de reaprender a pensar, de aprender a aprender, de investigar e de questionar. Ele precisa se ajustar a Era da informação e do conhecimento, inclusive ter que aprender a lidar com a tecnologia e com a complexidade social e a diversidade cultural existente dentro da escola de hoje.

Os professores de séculos passados, dentre tantas características, eram anulados pela obrigação de ser essencialmente técnicos e mecanicistas, não podiam dar sentido personalizado às suas aulas, criando um bloqueio no ato de refletir sua prática, fazendo separação do 'Eu' profissional em detrimento do seu toque pessoal na aula, gerando frustração profissional e, muitas vezes, fracasso no processo ensino-aprendizagem da Educação Física escolar. Eram professores que fadados às repetições dos mesmos planos de aulas, que reproduziam apenas o que lhes era designado: repassar o conteúdo. Não havia feedback, não havia ressignificação do aprendizado.

Alarcão (1996), textualiza sobre o que é ser professor reflexivo:

Ser professor implica saber quem sou, as razões pelas quais faço o que faço e concienzializar-me do lugar que ocupo na sociedade. Numa perspectiva de promoção do estatuto da profissão docente, os professores têm de ser agentes activos do seu próprio desenvolvimento e funcionamento das escolas como organização ao serviço do grande projecto social que é a formação do educando. (Alarcão 1996 p 5)

Entretanto, como se dá o processo de repensar as práticas pedagógicas? Ele não se restringe somente na reflexão após uma aula, no momento em que os professores de Educação Física chamam: volta à calma, naquele típico momento em que os mesmos dispõem a turma em círculos para iniciar uma roda de conversa sobre o que acharam da aula. O processo de reflexão vai mais além, e como Alarcão cita, perpassa em saber as razões de fazer o que faço para saber quem eu sou, para que permaneça em movimento, dinâmico no sentido de evoluir em sua prática.

Em seus estudos sobre professores reflexivos, Donald Schön formula três aspectos do ato de reflexão na profissão: *reflexão da prática*, quando o professor problematiza ações cotidianas, ao mesmo tempo que as vivencia paralelamente; *reflexão sobre a prática*, quando tem caráter retrospectivo, reflete após a ação; e a *reflexão sobre a reflexão da prática*, quando o professor interpreta-a, compreende a ação e a ressignifica, sendo este um processo mais elaborado (Wünsh, 2008). Portanto, Schön (1983) descreve seu ponto de vista sobre profissional reflexivo:

Quando um praticante reflete 'na' e 'sobre' a sua prática, os possíveis objetos de sua reflexão são tão variados como os tipos de fenômenos antes dele e os sistemas de sabendo-in-prática que ele traz para eles. Ele pode refletir sobre as normas tácitas e apreciações que está na base de uma sentença, ou nas estratégias e teorias implícitas um padrão de comportamento. Ele pode refletir sobre a percepção de uma situação que o levou a adotar um determinado curso de ação, sobre a maneira em que ele moldou o problema que ele está tentando resolver, ou sobre o papel que ele construiu para si mesmo dentro de um institucional maior contexto... Então, o praticante podem vir à tona e criticar seu entendimento inicial do fenômeno, construir uma nova descrição do mesmo, e testar a nova descrição por uma experiência on-the-spot. Às vezes, ele chega a uma nova teoria do fenômeno, articulando um feeling que ele tem sobre ele. (SHÖN, 1983, p 2. Tradução Google)

O papel do professor é desempenhado na sistematização do conhecimento porque reflete NA e SOBRE a interação do conhecimento para com o aluno, na interação do aluno e professor, e escola com a sociedade em geral.

Para refletir, ou para consolidar de fato, uma reflexão embasada, que faça sentido e seja eficaz ao trabalho do professor e ao aprendizado do aluno, necessita que ela seja bem referenciada, respaldada e linkada com saberes empíricos e/ou científicos em prol da

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

compreensão da prática em questão. Para Alarcão (1996), essa relação entre teoria e prática, entre o saber documental e experiencial, é a legítima relação de práxis educacional, é o que a autora chama de formação contínua, onde o professor vai investigar e estudar sua ação, e, complementa sob a perspectiva de Dewey que não se pode ter conhecimento sem ter ação e não se pode ter ação sem gerir conhecimento.

O que há de mais nocivo para a vida de um professor do que não repensar sua prática? Entende-se, portanto, que a reflexão-ação-reflexão é também um processo de formação continuada, pois, sendo a pesquisa uma excelente ferramenta para consolidar o aprendizado, o professor de Educação Física ao questionar suas ações e investigá-las estará construindo bases sólidas para o seu conhecimento consequentemente o do aluno.

O que se conhecia sobre formação docente há alguns anos atrás, restringia-se na vida universitária do professor, depois disso ele devia procurar por conta própria cursos que lhe garantisse retomar os estudos e pesquisas sobre seu trabalho. Hoje, entende-se formação continuada como peça indispensável ao professor que está em exercício. A respeito disso, Nóvoa (2008) afirma em entrevista:

Durante muito tempo, quando nós falávamos em formação de professores, falávamos essencialmente da formação inicial do professor. Essa era a referência principal: preparavam-se os professores que, depois, iam durante 30, 40 anos exercer essa profissão. Hoje em dia, é impensável imaginar esta situação. Isto é, a formação de professores é algo, como eu costumo dizer, que se estabelece num continuum. Que começa nas escolas de formação inicial, que continua nos primeiros anos de exercício profissional. Os primeiros anos do professor – que, a meu ver, são absolutamente decisivos para o futuro de cada um dos professores e para a sua integração harmoniosa na profissão – continuam ao longo de toda a vida profissional, através de práticas de formação continuada. Estas práticas de formação continuada devem ter como polo de referência as escolas. São as escolas e os professores organizados nas suas escolas que podem decidir quais são os melhores meios, os melhores métodos e as melhores formas de assegurar esta formação continuada. (NÓVOA, 2008, www.blogdesafiopio).

É papel da escola e dos professores gerirem esse momento e meios de formação continuada. Algumas vezes o professor busca realizar seus cursos por iniciativa própria, outras vezes o governo promove esses cursos, mas, nem sempre acessível para todos.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

O momento de construção do plano de aula é um autêntico momento de formação contínua e pode ser um momento de reflexão em potencial e precisa ser assegurado ao professor. A carga horária para planejamento das aulas de Educação Física precisa ser incluída no horário do professor, caso contrário, há grande risco de comprometimento de ações repensadas, ressignificadas, refletidas e inovadoras, há grande probabilidade de comprometimento da práxis pedagógica do professor. Como poderá o professor pensar, pesquisar, questionar embasadamente sua prática, ou seja, realizar um processo melhor elaborado de reflexão sobre a reflexão da prática, na perspectiva de Shön, se não é destinado tempo hábil ao professor?

Como podem ser professores reflexivos os professores de Educação Física escolar de Breves e do Brasil, se esses professores possuem cargas horárias extensas, não restando tempo hábil para reflexão-ação-reflexão?

No Brasil, ainda há muito trabalho a se fazer para que a concepção de professores reflexivos numa escola reflexiva seja realmente garantida e praticada. A começar por aumentar os incentivos do governo para essa realização.

A prática docente nas aulas em que se utilize o futebol jogo/brincadeira e o futebol jogo/esporte devem conter fortes traços de abordagens reflexivas, não somente ao final das aulas, em rodas de conversas caracterizando *reflexão sobre a prática,mas sim, durante as atividades, caracterizando reflexão da prática, questionando os alunos, propondo novas formas de realizar o jogo em questão, ou reflexão sobre a reflexão da prática, onde o professor sozinho ou com os alunos irão investigar questões sobre a aula, contestando a prática realizada, em processos metodológicos mais complexos.*

Vale ressaltar uma característica importante típica do professor reflexivo no século XXI, a busca por desenvolver competências, a fim de engrandecer o seu trabalho pedagógico. Há diversas competências como saber utilizar, manipular e inserir as novas tecnologias em suas aulas, como por exemplo, o professor de Educação Física pode utilizar recursos audiovisuais para mostrar vídeos sobre o futebol jogo/esporte aos alunos, diversificando portanto sua aula.

Outra competência a ser abordada diz respeito ao trabalho colaborativo. Shon (1983, 1987) destaca que na reflexão-na-ação existe um diálogo com a realidade e que numa reflexão solitária deixa elementos ocultos, ao passo que fazendo um diálogo com outros professores elementos passariam a serem vistos, é o que se denomina: colaboração.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

A respeito destas afirmações, Wünsch (2008) em sua pesquisa realizada em Portugal, percebe o trabalho colaborativo como:

No que diz respeito ao desenvolvimento e actuação profissional do professor, temos dois caminhos a seguir: o primeiro é o individualista, considerado como trabalho solitário, sem análises em equipa, sem trocas de opiniões. O segundo é colaborativo, no qual se tenta casar as virtudes da iniciativa individual com o trabalho em rede e a discussão de diferentes perspectivas (Wünsch 2008, p 34).

Este modelo de trabalho, muito pesquisado em Portugal, tem apresentado bons resultados em trabalhos docentes, e consiste em professores estruturarem em conjunto uma temática do que será ensinado e incluem várias opções de atividades, fazendo com que se forme um elo de ligação entre os professores. Esse modelo se faz importante tanto para a aprendizagem auto-regulada como para motivação docente.

O trabalho entre pares não é método nem processo, os pares aprendem não só porque duas cabeças pensam mais que uma, e sim, porque convertem a informação em mecanismos mais específicos de aprendizagem. Eles praticam reflexão juntos, trocam informações e desenvolvem inúmeras aptidões. As interações promovem um desenvolvimento profissional preparando-os para trabalhos em grupos.

Que fique claro que o trabalho colaborativo não se restringe a juntar um conjunto de pessoas numa tarefa coletiva. Roldão (2005), afirma que ele se estrutura em sua essência como um trabalho articulado e pensado em conjunto que permite alcançar melhores resultados. O potencial do trabalho colaborativo está na montagem de estratégias que orientam as tarefas, alcançar com mais sucesso o que se pretende, ativar potencialidades dos participantes, ampliar o conhecimento construído por cada um.

Não significa que este modelo será somente de execução todos juntos, fisicamente, ao mesmo tempo, trabalho colaborativo significa que todos darão seu contributo. A construção desse contributo deve ser individual e singular para depois ser compartilhado.

Mesmo em trabalho individual ou colaborativo, o fato é que os professores de Educação Física escolar no Brasil precisam refletir novas práticas docentes na profissão. É necessário leitura e iniciativa, para que o professor saia de sua zona de conforto e ouse mais.

Por conseguinte, é dado que se coloca a ênfase no papel do aprendente. Ao professor cabe desenvolver competências para criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e estimular a auto-confiança nas capacidades individuais para aprender. (Alarcão, 2003, p 30).

3.4. Planejamento da prática docente nas aulas de Educação Física do 2º ciclo do ensino fundamental

Ao longo desta pesquisa, até aqui, foi abordado, em vários momentos, questões relacionadas ao planejamento docente de Educação Física. Discutiu-se itens a serem abordados em planejamentos sobre o esporte, jogo e brincadeira, portanto, este capítulo apresenta-se com aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais envolvendo planejamento do trabalho pedagógico.

O natural e ideal seria que todo professor tivesse como principal objetivo do seu trabalho conseguir que seus alunos aprendessem da melhor forma possível, para isso, devendo ele ser conhecedor de diversas formas didáticas, lançaria mão de recursos didáticos, de forma consciente e estruturada buscando eficácia no processo ensino-aprendizado. Planejar se mostra uma necessidade na área de Educação, evitar o imprevisto e o acaso exacerbado no cotidiano da Educação Física escolar, se faz urgente. Antes de adentrar especificamente no assunto do ato de planejar, será preciso iniciar com pressupostos de didática e retratar diversos tipos de professores no ensino fundamental, como os mais **tradicionais**, que contentam-se em transmitir a matéria tal qual como o produto que lhe foi determinado, não ousam diferenciar suas aulas, tem práticas mecanicistas e tecnicistas, utilizam provas, não promove reflexão do aprendizado e cobram do aluno a padronização.

Os progressistas, segundo Libâneo (2001), são professores atualizados, que diferenciam suas aulas, propõem trabalhos em grupos, pesquisas, estudo dirigido. Pedem assimilação de técnicas e memorização do conteúdo segundo o ponto de vista deles; propõem atividades que não levam o aluno a adquirir métodos de pensamentos, habilidades e capacidades mentais para poderem estruturarem o aprendizado.

Na perspectiva **histórico-social**, os professores buscam desenvolver capacidades mentais e subjetividade dos alunos, através das atividades e conteúdo, ele ajuda a desenvolver competências e habilidades nos alunos frente às realidades destes, o aluno é

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

incentivado a formar seus próprios conceitos, promovendo assimilação consciente e ativa dos conteúdos, enquanto que na **histórico-cultural**, o professor é um experiente mediador do conhecimento, o aluno é incentivado pelo professor a buscar e construir seu aprendizado, elaborar seus conhecimentos, construir seus métodos de estudo, sempre interagindo com o professor.

O momento de aula é a hora de compartilhar o conhecimento numa perspectiva **sócio-contrutivista**, é o momento das dúvidas, dos questionamentos, das trocas de significados, das reflexões, entre aluno-professor e alunos-alunos. O professor é o portador de conhecimentos elaborados socialmente, ele ajuda os alunos, porém, o aluno desenvolve autonomia do pensamento nas atividades compartilhadas com os outros alunos.

O professor deve identificar-se nas tendências pedagógicas, apontar na teoria os traços de seus procedimentos, correlacionar sua prática, a fim de que saiba esclarecer pra si e para os envolvidos com seu trabalho todo o processo de ensino que engloba suas ações, respaldando assim suas ações pedagógicas.

Observando a cena: O professor de Educação Física, no pátio ou salão da escola, cercado de alunos brincando de jogar futebol, imbuídos de notável empolgação e entrosamento. Há quem questione este professor, julgando que ele esteja ganhando dinheiro somente para brincar com os alunos. Porém, a atividade é bem mais complexa do que se pensa e, se este professor apresentar-se embasado, devidamente planejado, consciente das ações e coerente com os objetivos propostos para a aula, poderá certamente obter sucesso no seu propósito docente, difundindo inclusive, aos demais educadores da escola, uma Educação Física fundamentada e sólida.

Libâneo (1994), promove a reflexão de que, por mais simples que possa parecer, à primeira vista, o ensino é uma atividade complexa. O autor analisa uma cena em que o professor está frente à sua turma, sentados ordenadamente e propõe refletir que tradicionalmente, consideramos componentes da ação didática o professor – aluno – matéria e que se acentuar mais um do que o outro tem-se uma tendência pedagógica, uma forma de prática docente que fará toda diferença, para êxito ou fracasso. Sobre isso, Libâneo(1994), textualiza:

Entretanto, o ensino, por mais simples que possa parecer à primeira vista, é uma atividade complexa: envolve tanto condições externas como condições internas das situações didáticas.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Conhecer essas condições e lidar acertadamente com elas é uma das tarefas básicas do professor para a condução do trabalho docente” (Libâneo, 1994, p 55).

O que se mostra fundamental entender na didática, segundo Libâneo(1994), são os objetivos sócio-políticos, objetivos pedagógicos, os conteúdos, os princípios didáticos, os métodos de ensino-aprendizagem, o planejamento e avaliação.

Portanto, neste sub-capítulo, pretende-se analisar questões sobre planejamento docente, visto que ele é uma atividade que orienta a tomada de decisões da escola e dos professores, referente ao ensino-aprendizado.

Como o professor de Educação Física planeja suas aulas? Ele, de fato, planeja? Ou perpetua modelos? Planeja ou improvisa suas ações pedagógicas? O futebol jogo/brincadeira que ele utiliza em suas aulas, está inserido e seu planejamento? Como o planeja?

É imprescindível que o professor realize planejamento de suas atividades independente de dificuldades de o fazê-lo. LOPES, 2005; VASCONCELOS, 2002; FUSARI 1984 APUD SCARPATO 2007, aponta estudos voltados à professores que tem apresentado descrença e incompreensão no ato de planejar o ensino, gerando mecanicismos nas ações docentes e nos cumprimentos de normas da coordenação pedagógica.

Abre-se um parêntese para ressaltar que, embora na literatura, se tenha um acervo sobre planejamento disponível, o assunto em linhas gerais, encontra-se escasso, ou ainda em construção, quando se volta o planejamento para a área de Educação Física. Bossle(2002), retrata esse quadro em seu artigo, afirmando ter encontrado em torno de 6 produções acerca de planejamento, em várias abordagens, pesquisando em 15 das maiores e mais conceituadas revistas da área de Educação Física, no período de 1994 a 2000. Entretanto, nos dias atuais, Eleonor Kunz em destaque, mostra-se como um grande referencial no assunto, dedicando aos estudos de reflexão do fazer pedagógico na Educação Física, derivando, conseqüentemente, muitas produções científicas sobre o assunto.

A ação de planejar é uma atividade que deve ser realizada com consciência, e racionalidade. Libâneo(2001), afirma:

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Por mais limitações que um professor possa ter (falta de tempo para preparar aulas, falta de material de consulta, insuficiente domínio da matéria e dos métodos de ensino, desânimo por causa da desvalorização profissional, etc.), quando entra na sua classe, ele tem consciência de sua responsabilidade em proporcionar aos alunos um bom ensino. Apesar disso, saberá ele fazer um bom ensino, de modo que os alunos aprendam melhor? (Libâneo 2001. P. 02).

Muitos professores ainda associam o planejamento de suas atividades como algo unicamente burocrático. Scarpatto 2007, aprofunda seus estudos sobre planejamento docente, dando um importante contributo ao docente, listando os níveis do planejamento. São eles:

Planejamento do Sistema de Educação Nacional; Planejamento da escola ou Projeto Político Pedagógico (Proposta pedagógica ou plano escolar); Planejamento curricular; Plano de ensino e Plano de aula.

Os níveis se correlacionam, os objetivos precisam estar em sintonia, os professores precisam incorporá-los em sua prática. Elementos do planejamento escolar tais como objetivos, conteúdos e métodos, estão correlacionados e impregnados de traços sociais, o professor deve manipular esse fator, propondo ressignificações em suas aulas.

Planejar é pensar refletindo, Scarpatto et al. (2007) aponta que os professores de Educação Física precisam se planejar não apenas sobre o que vão ensinar, mas, por que, para que, onde e como vão ensinar. Não esquecendo o 'para quem' vão ensinar, referente à qual concepção de homem ele vai dirigir seu plano.

Inicia-se a menção sobre as etapas do planejamento docente, segundo Scarpatto et al. (2007). Alguns questionamentos a serem feitos, ajuda bastante a esclarecer os rumos a serem seguidos. 'Para que vou ensinar?' Refere-se aos objetivos que podem ser geral ou específico. 'O que vou ensinar?' Refere-se à quais os conteúdos de ensino. 'Como vou ensinar?' Que procedimentos de ensino usar. 'Com o que vou ensinar?' Quais os materiais. 'O que, como e para que avaliar?' São, portanto, questões norteadoras que ajudam o professor de Educação Física a elaborar um plano de aula, por exemplo, mais criterioso, mais estruturado.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Por tratar-se de uma disciplina predominantemente prática e voltada à cultura corporal de movimento, o professor pode prender-se ao fazer, há uma liberdade/flexibilidade maior de ações em relação aos professores do ensino regular, sala de aula, ou alguma displicência do coordenador pedagógico em motivar, incentivar e instruir o professor a planejar.

Bossle(2002), retrata bem essas questões quando afirma que há uma resistência ao se colocar as ideias no papel, onde o professor se defende atrás de um discurso de que os planos, além de serem copiados de livros, de colegas, são entregues e engavetados. Os planos podem ser repetições de ano após ano de um mesmo professor, tornando-se práticas viciosas, alegando o professor ter experiência suficiente para substituir o planejamento e que fica para os mais novos e menos experientes o ato de planejar. De fato, a experiência conta muito na hora de pensar a aula e no momento que o professor se depara com o inesperado, porém, mesmo havendo o improviso, este deve ser utilizado de maneira sistematizada, consciente e contextualizado. Há de se considerar o ato de planejar inserido e de imprescindibilidade daqueles professores, de fato, experientes e comprometidos com os objetivos educacionais, ou seja, se o professor se considera experiente, tem que se mostrar maduro o suficiente reunindo competências e habilidades para ser capaz de planejar sistematizadamente suas ações docentes.

O planejamento do professor deve conter, segundo o PCN (1997):

O trabalho em duplas e grupos, em que a cooperação seja fundamental e haja coordenação de diferentes competências é algo valioso para se perceber que todos, sem exceção, tem algum tipo de conhecimento (PCN, 1997, p.42).

Ao elaborar seus planejamentos, o professor ainda deve ter atenção aos níveis de complexidade das tarefas, obedecendo as faixas etárias, as particularidades do desenvolvimento dos alunos e, conseqüentemente os ciclos de escolarização, respeitando critérios de adequação idade/complexidade da tarefa.

De acordo com PCN – Educação Física (1997) e Coletivo de autores (2012), construiu-se um esquema (tabela 2) que organiza e permite uma melhor visualização dos ciclos de escolaridade, facilitando que iniciemos uma discussão acerca de como tratar os jogos de acordo com a faixa etária e nível de desenvolvimento psicomotor do aluno.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

DIVISÃO DE CICLOS DE ESCOLARIZAÇÃO

Idade	Série	Ano – ensino de 9 anos	PCNs- CICLOS	COLETIVO DE AUTORES- CICLOS
6 anos	Alfa	1º ano	1º ciclo	1º Ciclo - organização da Identidade dos dados da realidade Alfa, 1ª, 2ª, 3ª séries
7 anos	1ª série	2º ano		
8 anos	2ª série	3º ano		
9 anos	3ª série	4º ano	2º ciclo	2º Ciclo - iniciação à Sistematização do conhecimento 4º, 5º e 6º série
10 anos	4ª série	5º ano		
11 anos	5ª série	6º ano	3º ciclo	3º Ciclo - ampliação da sistematização do conhecimento 7ª e 8ª série
12 anos	6ª série	7º ano		
13 anos	7ª série	8º ano	4º ciclo	
14 anos	8ª série	9º ano		

TABELA1. Divisão de séries e ciclos baseada no PCNs – Ed. Física, Coletivo de autores (2012). Evidenciando a faixa etária e os ciclos que estão sendo pesquisados.
Fonte: Própria.

A pesquisa trata de analisar a prática docente no 2º ciclo do ensino fundamental, o qual de acordo com PCN – Educação Física corresponde à 3ª e 4ª série, alunos com idades entre 9 e 10 anos possuem características, segundo PCN 1997, da seguinte forma:

- compreender regras do jogo;
- começar a perceber estratégias e a resolver os eventuais problemas de jogo;
- gostam de desafios;
- tem controle e conhecimentos sobre o corpo;

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

- começam a sofrer alterações físicas e psicológicas devido á puberdade e início da adolescência;
- convivem com a necessidade de se exibir corporalmente e simultaneamente possuem vergonha de expor seu corpo e seu desempenho;
- contemplam desafios corporais mais complexos, combinam 2 ou mais movimentos;
- já possuem noções de espaço e tempo, porém estão a se desenvolver em conjunto com as aquisições feitas no plano motor;
- já não são tão egocêntricos e passam a incluir o ponto de vista do outro;
- conseguem fazer antecipações mentais no jogo, analisando e calculando trajetória, analisando o deslocamento das pessoas;

Ao longo do 2º ciclo, os alunos, ainda segundo PCN 1997, os alunos deverão:

- participar em atividades competitivas, sobretudo vivenciar em larga escala os jogos cooperativos;
- observar e analisar o trabalho desempenho dos colegas, de esportistas, de outras crianças;
- Expressar opiniões pessoais quanto às atitudes e estratégias a serem utilizadas no jogo, brincadeira e esportes;
- apreciar esportes e lutas considerando alguns aspectos técnicos, táticos e estéticos;
- reflexão e avaliação de seu próprio desempenho e dos demais, tendo como referencia o esforço em si, prescindível em alguns casos do auxílio do professor;
- ser capazes de resolver problemas corporais individualmente ou em grupo.
- ter percepção do próprio corpo e busca de posturas e movimento não prejudiciais nas situações do cotidiano.

3.4.1 Algumas questões sobre a planejar atividades de jogo/ brincadeira/ esporte.

Pode-se pensar que não há necessidade de planejar uma brincadeira, um jogo e até mesmo o futebol. Porém, o professor de Educação Física, ao planejar suas atividades inerentes ao jogo e a brincadeira, deve ter em mente que necessita voltar sua prática ao ensino reflexivo (ação-reflexão-ação) e que deve buscar incluir todos os alunos, nas atividades práticas e nas discussões.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

É imprescindível que o professor aborde questões conceituais, procedimentais e atitudinais referentes aos jogos, às brincadeiras e aos esportes (Darido e Rangel 2005), deixando claras as semelhanças e diferenças entre eles, e que todos são passíveis de sofrer ressignificações, embora o esporte tenha suas regras fixadas a nível mundial.

Scarpato et al (2007), estabelece um conjunto de 8 estratégias para o ensino com brincadeiras e jogos, que são a de o professor formar grupos operacionais e coeducação com maior observância nos procedimentos e atitudes dos alunos; realizar atividades paralelas; realizar registro de conceitos; estabelecer critérios para avaliação nas próprias estratégias; realizar planejamento participativo; relacionar atividades com temas e projetos da escola (ênfase nos conceitos); propor elaboração de conceitos a partir da realidade; propor autodisciplina e coordenação consensual de condutas com ênfase nas atitudes. (Neto, 2007, apud Scarpato).

É interessante o professor inserir em seu planejamento as atividades sendo desenvolvidas em grupos, não apenas enxergar os alunos aos montes, misturados no futebol jogo/brincadeira, com propósitos individuais, mas sim, propor pares avançados, ou seja, alunos com diferentes níveis de habilidade interagindo e trocando experiências no jogo ou na brincadeira. O planejamento participativo na construção e escolha das atividades faz com que os alunos criem hábitos de responsabilidade, criatividade, que envolvam-se, desenvolvam senso crítico, opinem sobre as brincadeiras e os jogos.

Propor autodisciplina aos alunos significa dizer que, em meio às situações conflitantes e problemas de jogo, os alunos são incentivados a perceber e reconhecer suas atitudes, seus equívocos Scarpatoapud Neto (2007), as agressões feitas ao colega, os palavrões ditos. O professor deve incluir atividades alternativas ou flexíveis em seu planejamento, para em caso de improvisos ele saber como agir.

Na idade entre 9 e 10 anos, os alunos já compreendem melhor as regras do jogo entendendo as funções que essas regras possuem, podem sugerir as modificações nos jogos e brincadeiras, possuem autonomia para se organizarem, entendem estratégias e problemas procurando resolvê-los. Nesse sentido é importante a intervenção docente, como afirma PCN (1997):

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

O professor pode interromper os jogos em determinados momentos, solicitando uma reflexão e uma conversa sobre qual estratégia mais adequada para cada situação, auxiliando assim para que novos aspectos tornem-se observáveis” (PCN-7, 1997,p 69).

Flávia Ferreira Barbosa da Silva

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

CAPÍTULO II - PERCURSO METODOLÓGICO

1. MÉTODO DE PESQUISA

Durante a elaboração do percurso teórico procurou-se evidenciar a prática docente no trato com o futebol jogo/brincadeira e futebol jogo/esporte nas aulas de Educação Física do 2º ciclo do ensino fundamental.

A pesquisa caracteriza-se como descritiva, do tipo quali-quantitativa, utilizando questionário fechado com 06 (seis) perguntas objetivas, com duas opções de resposta, e mais 04 (quatro) questionamentos em forma de entrevista semi-estruturada coletadas em forma de áudio. A entrevista semiestruturada tem como característica um roteiro com perguntas abertas, ou seja, que se pode discursar sobre o assunto. De acordo com Manzini (2012), esse tipo de entrevista é indicada para estudar um fenômeno com uma população específica, por exemplo, grupo de professores ou grupo de alunos. Deve existir flexibilidade na sequência da apresentação das perguntas ao entrevistado e o entrevistador pode realizar perguntas complementares para entender melhor o assunto em pauta.

1.2. AMOSTRA DA POPULAÇÃO

Amostra do tipo intencional. Baseando-se nos dados fornecidos pela Secretaria de Educação Municipal de Breves – SEMED/ PA (Anexo), a zona urbana do município de Breves tem o total de 21 Escolas de ensino Fundamental, divididos em ensino fundamental I (1º ao 5º ano) e fundamental II (6º ao 9º ano). A amostra, no período da pesquisa (Novembro de 2014 a Março de 2015), com intervalo de 23/12/2014 a 15/01/2015 (recesso escolar), totalizou 10 (dez) professores de Educação Física do 2º ciclo, o qual refere-se à 3ª e 4ª série ou 4º e 5º ano do ensino fundamental.

1.3. COLETA DE DADOS

Os dados quantitativos e detalhamento referentes ao número de professores que trabalham no ensino fundamental na zona urbana de Breves, foram solicitados via documento para a Secretaria Municipal de Educação – SEMED e cedidos gentilmente pela mesma. Atenta-se a perceber que, de acordo com esses dados, existem 15 escolas que atendem ensino fundamental de 1º ao 5º ano e, portanto, 15 professores de Educação Física lotados nessas escolas.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

No período da pesquisa, 4 professores estavam ausentes da cidade e 1 necessitava ficar imparcial por estar realizando a pesquisa, portanto, isso justifica a amostra ser de 10 professores. Ratifica-se, no período da pesquisa, registrou-se 10 (dez) professores de Educação Física ministrando aulas para o 2º ciclo do ensino fundamental.

O início da pesquisa de campo aconteceu na segunda quinzena do mês de Novembro de 2014. Realizou-se o pré-teste dos instrumentos, no qual, segundo GIL (2008), não se deve descuidar dessa tarefa, ao ficar pronto o questionário e o roteiro da entrevista, deve-se realizar a aplicação na perspectiva de avaliação dos mesmos para verificar se eles realmente estão aptos a medir o que se pretende.

Foi feita uma relação de professores e seus respectivos endereços e contatos, e chegou-se até a residência deles para responderem ao questionário e fazer a pesquisa. Pediu-se à eles a permissão para a pesquisa e os mesmos responderam gentilmente, muitos mostrando satisfação em fazê-lo.

Os professores não apresentaram dificuldades no entendimento da linguagem das perguntas e a pesquisa aconteceu de forma tranquila e satisfatória.

1.4 BREVE DESCRIÇÕES SOBRE O LÓCUS DA PESQUISA

Os locais da pesquisa são as escolas da Educação Básica, mais precisamente as escolas de ensino fundamental I da zona urbana da cidade de Breves, localizada no Arquipélago do Marajó, no Estado do Pará, em terras brasileiras.

Com dados baseados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE (2014), os primeiros habitantes foram índios da Tribo dos Bocas. Breves era o nome de uma família de origem Portuguesa que, em meados do século XVII residiram na localidade, dando o nome de Missão dos Bocas. Manuel Breves Fernandes e Ângelo Fernandes Breves, eram irmãos e fundaram um pequeno engenho e fizeram plantações de roças. Outros parentes foram se juntando e a localidade ficou conhecida como o lugar dos Breves.

Em 30 de Novembro de 1850, pela resolução provincial nº 172, cria-se a Freguesia com denominação de Nossa senhora Santana dos Breves e, havendo alteração toponímica municipal para definitivamente: Breves, =em 1909.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Hoje, Breves possui, segundo IBGE, a população estimada de 97.351 habitantes, distribuídos numa área territorial de 9.550,513 km². Localiza-se ao sudoeste da Ilha do Marajó. O acesso à cidade de Breves é comumente feito por navio e a viagem até a capital Belém dura aproximadamente 12 horas. Outra opção é de lancha Catamarã, viagem com duração de 6 horas, ou de avião, com 45 minutos de viagem até a capital Belém.

Sua Flora é a característica da Amazônia, com predominância de floresta tropical, a Fauna marcada pela presença de inúmeras espécies ameaçadas de extinção como preguiças, jacarés e macacos. A fonte de renda, foi por muito tempo, extrativismo da madeira, porém, devido a políticas de preservação ambiental hoje não é mais, dando lugar ao extrativismo de Açaí. Na agricultura passou-se pelo período de extração do arroz, segundo Wikipédia. Hoje, a maior fonte de renda é o comércio de estivas e o funcionalismo público.

Breves possui como fonte de renda, o funcionalismo público. Aponta o IBGE, que a cidade possui maior predominância de funcionários do quadro da Educação. Atualmente, Breves possui uma quantidade superior em docentes do ensino fundamental em detrimento ao número de docentes do ensino médio e infantil.

A cidade de Breves está situada no Arquipélago do Marajó. A Ilha de Marajó, é uma ilha brasileira do estado do Pará, localizada na foz do rio Amazonas no arquipélago do Marajó. Com uma área de aproximadamente 40 100 km², é a maior ilha do Brasil e também a maior ilha fluviomárítima do mundo. A cidade de Belém situa-se à sudeste do canal que separa a ilha do continente.

A Ilha de Marajó foi habitada antes da chegada dos portugueses por nações indígenas com sociedades bem avançadas, de cultura comparada à pré-colombiana, e que produziram uma arte de considerável beleza plástica e certo renome, chamada Arte Marajoara. Acredita-se que a ilha de Marajó foi explorada pelo navegador lusitano Duarte Pacheco Pereira em 1498, antes mesmo do resto do Brasil. Por pensar estar pisando em território espanhol, sua exploração teria permanecido em segredo. Os indígenas locais a chamavam Marinatambal, mas já estava desocupada ao tempo da exploração europeia. **(Férias Brasil, 2012).**

A ilha destaca-se pela beleza diferenciada de sua paisagem, mesmo dentro da região amazônica, é marcada por praias, igarapés e búfalos. O clima é de chuvas constantes e de muito calor, e devido ao imenso volume, todo o seu terreno permanece

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

alagado. Grande variedade de peixes e pássaros se fazem presentes no seu ecossistema, com destaque para o guará, uma ave típica de penas vermelhas. Em determinada época do ano é possível observar em seu litoral o fenômeno da "pororoca", que é o encontro das águas fluviais e marítimas. A população local é receptiva e preparada para o turismo.



Foto 1: Arquipélago do Marajó.
Fonte: <http://www.encantocaboclo.com.br>

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.



Foto 2: Cidade de Breves vista aérea, de frente para o Rio Parauahu



Foto 3: Foto de Estátua da padroeira de Breves N. Sra. Santana com Menino Jesus no colo, foto da frente da cidade à beira do rio Parauahu.



Foto 4: Sementes de açaí e Açaí grosso com farinha.
Fonte: www.turismoparaenseblogspot.com.br



Foto:5 Professora Flávia Silva e seus alunos de 2º ciclo do ensino fundamental.
Fonte: próprio autor.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.



Foto 6: Alunos na quadra brincando de jogar futebol na aula de Educação Física escolar. Fonte: próprio autor



Foto 7: alunos brincando de jogar futebol na aula de Educação Física
Fonte: próprio autor

Flávia Ferreira Barbosa da Silva

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1. DADOS GERAIS REGISTRADOS SOBRE OS 10 PROFESSORES ENTREVISTADOS

GÊNERO	04 mulheres, 06 homens;
IDADE	O mais novo tem 27 anos e o mais velho 48 anos.
TEMPO DE FORMAÇÃO	Varia de 2 anos a 18 anos de formado.
FORMAÇÃO CONTÍNUA	7 fizeram cursos de formação nos últimos 2 anos, 3 fizeram nenhum curso
CARGA HORÁRIA DE TRABALHO	Entre 200 horas e 240 horas;
QUANTIDADES DE TURMAS	20 turmas a 24 turmas.
QUANTIDADE DE ALUNOS POR TURMA	Em torno de 25 a 45 alunos por turma.

TABELA 2: Dados pessoais e profissionais dos entrevistados.

Os dados foram coletados com objetivo de melhorar a visualização dos entrevistados, elaborando um sucinto conjunto de dados para situar quanto à gênero, idade, formação, carga horária, quantidades de turmas, quantidades de alunos por turma e etc, sem o objetivo de realizar análises mais aprofundadas.

Observou-se que a maioria dos professores entrevistados são do sexo masculino, com idades entre 27 anos e 48 anos, sendo que dentre a amostra de 10 professores, 6 possuem idades com mais de 40 anos. Esses mesmos 6 professores possuem tempo de graduação em Educação Física entre 10 a 18 anos, 1 professor com 2 anos de formado, 3 professores possuem entre 7 e 10 anos de formação acadêmica.

Nos últimos 2 anos, 7 professores fizeram algum curso de formação ligado à área de Educação Física escolar, buscando atualização dos conhecimentos.

Os professores possuem uma carga horária extensa, caracterizando que não há tempo, legalmente, destinado ao planejamento do trabalho docente. Tendo os professores que administrar aulas para em torno de 20 a 24 turmas com quantidade entre 25 a 45 alunos.

1.2. QUESTIONÁRIOS

Analisando as respostas do questionário, pôde-se verificar diversos aspectos da prática dos professores de Educação Física escolar do 2º ciclo do ensino fundamental na zona urbana de Breves. Cada questão está, de alguma forma, relaciona às perguntas da entrevista, sendo, portanto, as perguntas da entrevista um complemento das perguntas do questionário e vice-versa. Os professores entrevistados serão, aqui, chamados de 'sujeitos'. E as respostas do questionário serão analisadas juntamente com as respostas da entrevista.

Questão nº 1: VOCÊ UTILIZA FUTEBOL NAS SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Respostas: 100% dos professores responderam que trabalham futebol em suas aulas.

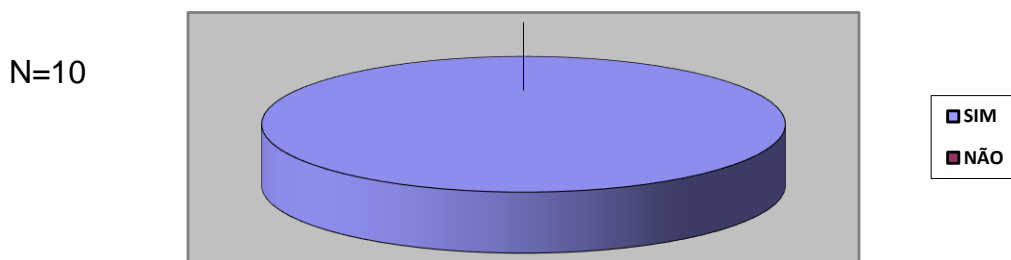


GRÁFICO 1:

Questão nº 2: NA ESCOLA EM QUE VOCÊ TRABALHA POSSUI ESPAÇO ESPECÍFICO PARA REALIZAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Respostas: 70% responderam SIM, 30% responderam NÃO

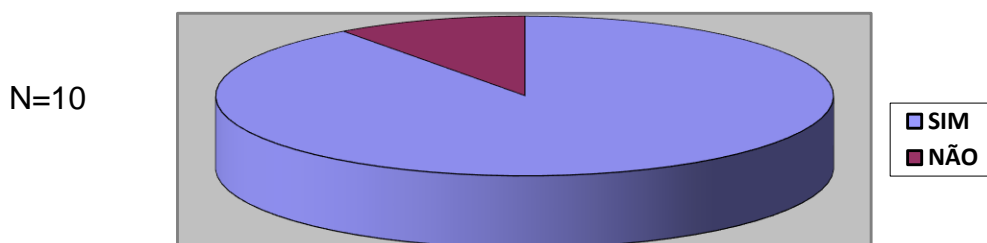


GRÁFICO 2:

Questão nº 3: POSSUI MATERIAL DIDÁTICO E ALTERNATIVO PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Respostas: 80% responderam SIM, 20% responderam NÃO

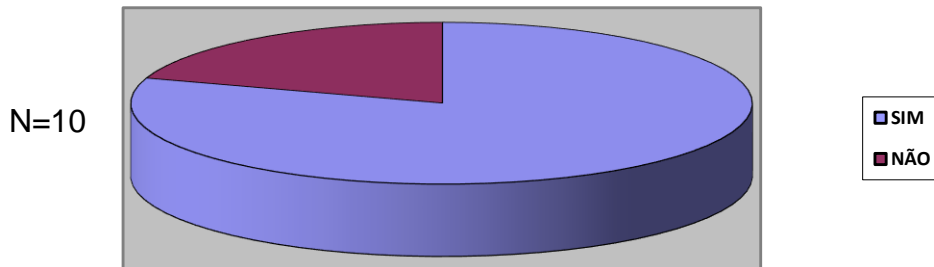


GRÁFICO 3:

Questão nº 4: HÁ PLANEJAMENTO, COM ANTECEDÊNCIA, DE SUAS AULAS?

Respostas: 90% responderam sim, 10% respondeu não

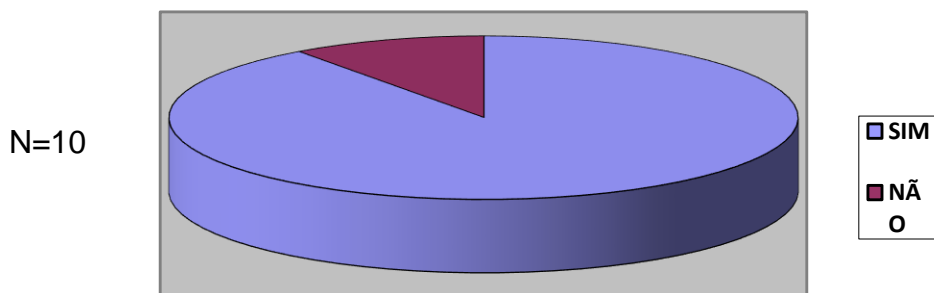


GRÁFICO: 4

Questão nº 5: A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA INTERAGE NA CONSTRUÇÃO DE PLANOS COM O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Respostas: 40% responderam sim, 60% responderam não

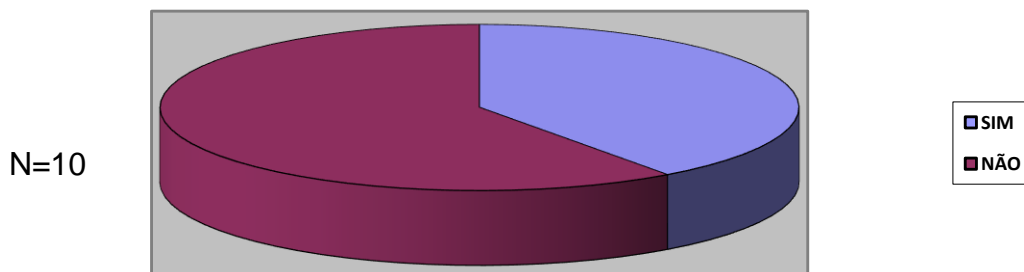


GRÁFICO:5

Questão nº 6: SÃO REALIZADAS REUNIÕES PEDAGÓGICAS PARA DISCUSSÕES INTERDISCIPLINAR QUE ENVOLVAM A EDUCAÇÃO FÍSICA?

Respostas: 6 responderam SIM, 4 responderam NÃO

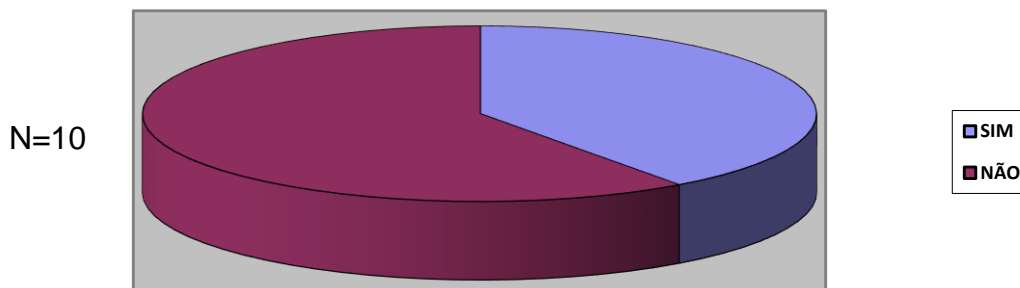


GRÁFICO: 6

1.3 ENTREVISTAS

No que concerne às entrevistas aqui transcritas denominaremos os 10 professores de Educação Física escolar do 2º ciclo do ensino Fundamental da zona urbana de Breves/ PAdeSUJEITOS: **SUJEITO 1; SUJEITO 2; SUJEITO 3; SUJEITO 4; SUJEITO 5; SUJEITO 6; SUJEITO 7; SUJEITO 8; SUJEITO 9; SUJEITO 10**. As respostas das entrevistas foram as seguintes:

QUESTÃO A) Quando arguidos sobre qual abordagem do futebol eles utilizavam em suas aulas, se era futebol jogo/ brincadeira, voltado ao lúdico ou futebol jogo/esporte voltado a performances, e porque o faziam, os sujeitos responderam.

O Sujeito 1 respondeu: O futebol em forma de brincadeira, de forma lúdica. Devido à faixa etária e o ciclo.

O sujeito 2 respondeu: Uso futebol jogo voltado pra brincadeira, devido a não ter um espaço adequado pra se trabalhar o futebol em si, então o futebol desenvolvido é de uma forma recreativa, numa visão recreacionista, então é assim.

O sujeito 3 respondeu: Me volto mais pra parte do jogo e da brincadeira, pra parte lúdica onde você cria várias opções de atividades e futebol de forma lúdica, principalmente quando você tem alunos que precisam estar interagindo com alunos especiais, então não é voltado pro rendimento, até porque deve-se trabalhar toda a base, não dá pra trabalhar o rendimento, é uma iniciação pré-desportiva ainda.

O sujeito 4 respondeu: Uso mais o futebol/ jogo com a brincadeira, o lúdico, porque essa parte de jogos e desporto já deixo mais específico pra outro momento, no caso dos jogos escolares e dos jogos internos, mas durante as aulas de Educação Física são futebol na forma de jogos e brincadeiras, mais o lúdico mesmo.

O sujeito 5 respondeu: Na escola é mais o lúdico mesmo, mas, no final tem que dar a recreação, aí uns vão pular corda outros vão para o futebol, uns 15 minutos, 20 minutos mais ou menos. Falou em ter Educação Física tem que ter o futebol, tanto é que quando eu chego na sala já vejo menino com luva de goleiro, meião, aí quando eu vou entrar na sala de aula aí eles gritam: “Oba! Hoje vai ter futebol!”. Eles já vão querendo direcionar a aula, não esperam nem eu dizer o que vou fazer com eles. Eles querem a aula toda só de futebol, aí a gente explica que não é assim, que preciso mostrar outras formas de brincar, tem que estar quebrando esse vício deles aos poucos, senão eles se aborrecem e dizem: ”e não vou mais pra sua aula professor, porque não tem futebol!”

O sujeito 6 respondeu: Bom, nas minhas aulas eu utilizo muito futebol jogo/ brincadeira voltado pro lúdico, eu exploro os movimentos deles, coordenação motora, flexibilidade. Já o esporte de rendimento eu não utilizo nas minhas aulas de 4º e 5º ano não, acho q ele deve ser utilizado para os alunos que já pratiquem aulas competitivas, jogos de competição, então eu utilizo mais tudo que envolva o corpo de maneira global do aluno.

O sujeito 7 respondeu: eu trabalho mais o futebol do tipo jogo, brincadeiras e lúdico mesmo, por que não é indicado trabalhar o futebol esporte de rendimento nesse ciclo.

O sujeito 8 respondeu: eu trabalho mais com futebol jogo/brincadeira, como lúdico, eu não trabalho com esporte de alto rendimento na escola, então eu vejo o futebol como uma abordagem mais lúdica, como brincadeira, claro que temos que ensinar os fundamentos, mas de uma forma lúdica, pois o aluno ainda está em fase de desenvolvimento, tá na fase de crescimento. Tu tens que avaliar tua turma, como é a diversificação da turma, pois a turma é bastante mista, tem meninos, tem meninas, tem aqueles que são mais aptos, tem aqueles que são menos aptos, que gostam da modalidade futebol, tem uns que não gostam, então sempre gosto de trabalhar de forma lúdica, que envolvam todos.

O sujeito 9 respondeu: uso mais o futebol/brincadeira, porque é o que se deve ensinar no ensino fundamental.

O sujeito 10 respondeu: Utilizo futebol na forma de jogo e brincadeira. Por que não se usa o futebol competição, o futebol jogo esporte. Só em forma de brincadeira.

ANÁLISE DE RESPOSTAS DOS SUJEITOS SOBRE A QUESTÃO -A- CRUZANDO COM DADOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO:

No Gráfico 1 do questionário, 100% dos sujeitos confirmam que utilizam o futebol, estabelecendo a certeza de que o mesmo existe dentro da escola, levando a imaginar que os alunos realizam essa atividade nos moldes padrões, de campo ou área, de regras estabelecidas, de arbitragem, de equipes formadas, de fundamentos e bola nos pés, ou nada disso. Levantando o próximo questionamento sobre de que forma é esse futebol? Futebol da escola ou futebol na escola? Rendimento ou Lúdico? Questão que será facilmente respondida na entrevista.

Pode-se perceber que todos os 10 sujeitos entrevistados confirmam que utilizam a prática de futebol na escola e que essa prática é contextualizada. Eles entendem e definem bem futebol jogo/brincadeira e confirmam que utilizam essa abordagem como forma de brincar de jogar futebol ensinando os conteúdos propostos pela disciplina Educação Física escolar, porém, não parecem compreender muito a abordagem do futebol jogo/esporte em contextos escolares, muitos nem mencionam a nomenclatura.

Todos os 10 sujeitos entendem o lúdico como uma prática inerente e indispensável à faixa etária de 9 a 10 anos e ciclo de escolarização, entendem como atividade que libera sensações de alegria e liberdade espontâneas, Segundo Oliveira, I SoléFortuna(2010); os sujeitos não parecem entender que nesse ciclo se faz necessário abordar elementos sobre o futebol ou os esportes, que já se faz necessário algumas abordagens de forma reflexiva sobre esportes e a realidade local ou brasileira.

O sujeito 2 e o sujeito 5, mencionam que acabam por trabalhar o futebol na forma de recreação, e a numa concepção recreacionista, a qual pelos conceitos de Kunz(1994) e Darido e Rangel (2005), se assemelha ao “dar a bola” para as crianças brincarem e passarem o tempo distraído-se. Essa prática pode ou não ser recomendada dependendo de como o professor conduz o conhecimento na atividade.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

O sujeito 4, 7 e 8 são taxativos ao afirmarem que não trabalham esporte de rendimento e que não é indicado trabalhar o futebol jogo/esporte no 2º ciclo do fundamental, contrariando as formas de trabalhar o esporte educacional e os estudos de Tubino (2011). Porém, o PCN (1997) diz que, nesse ciclo, as crianças geralmente estão muito motivadas pelo esporte porque os conhece por meio da mídia e pelo convívio com crianças mais velhas e adultos. Por isso, os jogos pré-desportivos e os esportes coletivos e individuais podem predominar nesse ciclo. Outros responderam em entrelinhas que não havia esporte de rendimento em suas aulas. Eles parecem rotular o futebol jogo/esporte como algo negativo, por não terem conhecimento do universo de metodologias possíveis para se trabalhar o jogo/ esporte na escola.

O sujeito 1 e 3 mencionam abranger futebol jogo/ brincadeira para atender às classes heterogêneas, incluindo alunos especiais, entende-se como levar em conta questões de inclusão, numa perspectiva de Moreira (2009).

Ao mencionar “iniciação pré-desportiva”, o sujeito 8 diz que trabalha fundamentos do futebol de forma lúdica, entende-se que são pré-desportivos, sujeito 3 menciona trabalho na mesma perspectiva, portanto, fazem coerência com Alves em Scarpato org. (2011), pois, o esporte na forma educacional para o 2º ciclo (3ª e 4ª série/ 4º e 5º ano) é denominado Iniciação esportiva I, que refere-se a trabalhar em forma de atividades recreativas-formativas ou atividades pré-desportivas, onde as técnicas básicas dentro de uma coordenação mais grosseira deverão ser aperfeiçoadas.

O sujeito 5 menciona o fato do aluno aparecer em sua aula usando luvas de goleiro e outro aluno meião, caracteriza, segundo Scaglia (2003) e Freire (2006), isso a imitação do esporte-espetáculo. Havendo, segundo os autores, necessidade de discussão sobre o assunto com os alunos.

Conclui-se que os professores de Educação Física escolar do 2º ciclo do ensino fundamental da zona urbana de Breves/PA, em geral, tem receio de mencionar que trabalham o futebol jogo/esporte, dizem até que não trabalham, portanto, parecem não saber diferenciar esporte educacional, de esporte escolar, vistos nos conceitos de Tubino (2011); os sujeitos parecem desconhecer que no 2º ciclo, que anuncia a saída do aluno do ensino fundamental menor para ingresso no fundamental maior, há uma necessidade de preparar o aluno para abordagens mais amplas do esporte, como fenômeno de esportivização, esporte-espetáculo, entre outros (Tubino 2011). Os professores de

Educação Física de 2º ciclo precisam aprender a não subestimar seus alunos, visto que a mídia não subestima, ela joga informações e as crianças compreendem e, inclusive, as leva para a escola a serem compartilhadas entre todas outras crianças, o professor precisa saber ensinar o aluno a filtrar informações e analisá-las.

QUESTÃO B) Os sujeitos entrevistados foram solicitados a descrever a forma como eles organizam o futebol em suas aulas:

O sujeito 1 respondeu: Dentro das aulas eu procuro interagir os meninos com as meninas, não separando, são questões de gênero, não os separando, sempre procuro fazer com que todos se envolvam na atividade, então eu vou organizando, principalmente quando faço de modo cooperativo o futebol, tento fazer atividade em que envolva toda a turma, para não haver exclusões, de forma lúdica.

O sujeito 2 respondeu: Os alunos acabam forçando o professor a trabalhar o futebol. Trabalhamos valores de formação, o professor como mediador, árbitro e organizador. Faço a chamada e uma conversa, o professor pergunta qual é a atividade eles querem utilizar e eles sempre escolhem o futebol. Ai a gente organiza e trabalha o futebol, às vezes tento trabalhar o futebol de outras formas, como em dupla, futebol do caranguejo, futebol jogado com as mãos, então, não é o futebol em si, é o futebol jogo brincadeira, o objetivo é brincar, mais lúdico, o nome futebol a gente usa como uma maneira simbólica.

O sujeito 3 respondeu : A partir do momento em que os alunos já tem a noção básica do futebol você o aborda de várias formas lúdicas, você seleciona os alunos de forma mistas, fica o número de meninas e de meninos que querem participar da atividade já que ela não é obrigatória, mas você pode fazer variações, por exemplo, o futebol em pares, que é legal, sempre a gente arranja uma forma de que os alunos interajam, mas tem aqueles que, por algum motivo, não podem participar aí a gente arranja outra estratégia: cara ou coroa, par ou ímpar, porque quando os alunos mesmos se escolhem eles vão por afinidade e amizade e acabam eliminando ou muitas vezes pelo lado do preconceito, por que a criança já aprende a ter isso, o mais gordinho ele não escolhe, a menina ele não escolhe, aí o professor precisa intervir pra fazer essa divisão, para que a aula funcione.

O sujeito 4 respondeu: Eu chamo eles e aviso que vai ter uma forma legal de jogar futebol, eu utilizo muito futebol com balão nos pés, eu amarro o balão nos pés da criança e mando elas correrem com balão amarrado no pé direito e “vai correndo!”, depois amarra no pé esquerdo e “vai correndo!” agora vamos tentar estourar o balão no pé do outro.

O sujeito 5 respondeu: Geralmente são 20 minutos de atividade futebol jogo/ brincadeira, como a quadra é só uma, ficam meninos e meninas juntos, eu digo: “olha, vamos dividir o horário?” serão 10 minutos para as meninas e 10 minutos pros meninos, ou 15/15, dependendo do horário, às vezes não tem merenda e tem que correr com a aula, pois saem mais cedo, então tem que dar o conteúdo rapidinho, sobra aquele tempinho, eu divido a turma. Eles perguntam: “O senhor quer brincar junto? Então a gente vai brincar juntos, meninos e meninas. Várias vezes eles dizem: “Não, menina não joga futebol, só os meninos”, aí eu digo que não, não pode ser assim, senão não vai ter futebol, então eles aceitam”. Eu marco o tempo e eles brincam. Eu não dou futebol na forma de esporte aos meus alunos.

O sujeito 6 respondeu: Eu organizo de forma bem direcionada. Às vezes eles mesmos criam as regras deles, é muito educativo meu futebol.

O sujeito 7 respondeu: Num primeiro momento eu organizo um grupo e trabalho diversas atividades envolvendo o toque, o passe, movimentação, todas as características do futebol.

O sujeito 8 respondeu: Primeiro tu vai explicar, vai demonstrar e pergunta quem é que gosta da atividade. Vai preparar aula, colher informações pra conhecer cada aluno, eu trabalho com Datashow e imagens. Gosto de saber do que o aluno gosta primeiro e através disso pegar os fundamentos e perguntar pra eles o que eles conhecem sobre o futebol, sobre a quadra de futsal e futebol de campo. Mas de maneira geral se trabalha o futebol através de joguinhos, acaba sendo pra eles uma forma de entretenimento, claro que tem que ter um objetivo, tem que entender pra que servem os fundamentos, o chute como é dado, ensinar regras básicas, mesmo porque é uma iniciação, tem que ensinar obásico pra eles.

O sujeito 9 respondeu: Geralmente a gente começa com atividades de conversas sobre a modalidade que vai ser trabalhada, a brincadeira, o jogo, depois a gente coloca atividade propriamente dita em prática e finaliza depois fazendo uma reflexão, uma avaliação sobre aquela dinâmica e sobre a aula que foi ministrada.

O sujeito 10 respondeu: Começo com uma conversa, faço um aquecimento, faço minha atividade abordando o conteúdo escolhido pra aula, depois deixo eles jogarem à vontade o restante da aula, que dá uns 20 minutos mais ou menos. É inclusive o tempo que uso pra fazer os registros daquela aula.

ANÁLISE DE RESPOSTAS DOS SUJEITOS SOBRE A QUESTÃO “B”, CRUZANDO COM DADOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO:

No questionamento do Gráfico 4 sobre se há planejamento do trabalho docente com antecedência de suas aulas, 90% dos arguidos responderam que sim. Portanto, se há planejamento, então, há preparação, há uma sequência organizada, adequada e pensada no aprendizado dos alunos. Apenas 10% responderam que não planejam.

Os sujeitos durante a entrevista, apresentaram algumas respostas em comum no que se refere ao questionamento sobre como eles planejam as atividades que envolvem o futebol. Os sujeitos 2, 4, 7, 9, 10, responderam que não iniciam diretamente com um jogo de futebol, eles iniciam com uma roda de conversa sobre o objetivo da aula. Sujeito 5 e 9 mencionaram o tempo da atividade, destinam de 10 a 20 minutos de futebol jogo/brincadeira.

Sujeitos 1, 3 e 5 mostraram preocupações com questões de gênero e alunos especiais, questões de inclusão, evitam praticar o sexismo, ou seja, evitam separar os meninos das meninas. MOREIRA (2009) diz que, os meninos e as meninas tem poucas brincadeiras em comum. Por questões de gênero, tendem a se afastarem, a terem falta de integração e os meninos tendem a deixarem não só as meninas de lado numa brincadeira de futebol, como a excluírem os menos habilidosos. Para essas situações, o professor deve fazer alguma transformação na brincadeira para que o futebol fique na forma de jogo cooperativo, acredita-se que diminuam as incidências de conflitos entre os alunos. Porém, o sujeito 5 mencionou que não trata o futebol na forma de esporte. Logo se vê que esses

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

alunos compreendem o esporte da forma que a mídia os mostra, o professor parece não intervir nesse conhecimento.

Em relação às ressignificações do futebol jogo/ brincadeira, os sujeitos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10 são coerentes à literatura pesquisada SCAGLIA 2003, DARIDO e RANGEL 2005, SCARPATO 2007, FREIRE 2006, entre outros, sobre a necessidade de se mostrar ao aluno novas possibilidades de jogar futebol, transformando o futebol na forma da brincadeira que ele quiser, o professor realizando seu papel de sistematizador, focando nos objetivos, ampliando o aprendizado de condutas morais e motoras e os alunos mantendo a bola nos pés. O sujeito 8, faz uso de recursos audiovisuais, levando em conta os contributos que a tecnologia oferece na sistematização e na metodologia para Educação Física.

O sujeito 10 diz que, depois que os alunos já estão realizando o futebol jogo/brincadeira é que ele aproveita para fazer os registros daquela aula, logo se questiona e percebe que esses professores não possuem horário específico para planejamento do trabalho docente, tempo esse, de fundamental importância para o crescimento e aprimoramento das aulas. Pode-se analisar que, os professores apresentam uma sequência de atividades, uma pequena organização de seu trabalho, um raciocínio de ordem das atividades para encaixar o futebol jogo/ brincadeira, mas, entretanto, não foi relatado ou mencionado 'planos' escritos e fundamentados do trabalho docente, não pareceram registrar essas atividades por escrito, pelo contrário, essas atividades foram relatadas, constantemente, como sendo planejadas em forma de bônus.

Conclui-se, ao analisar a descrição dos sujeitos professores, sobre suas atividades de futebol jogo que os professores compreendem a necessidade do brincar e do jogar dos alunos, compreendem que devem repassar conteúdos e sistematizar os conhecimentos, mas o planejamento não parece bem sistematizado por todos os sujeitos.

Parece haver momentos de reflexão na prática e sobre a prática, ou seja, segundo Shön, essas reflexões aconteciam, durante as atividades com professor e alunos, e após a prática, refletindo em grupo o que foi realizado, respectivamente. Entretanto, momentos rápidos e parecendo não muito trabalhados e explorados. O planejamento da atividade pareceu um tanto mecânica, até mesmo intuitiva.

Não há relatos sobre um momento de reflexão mais aprofundada do trabalho docente, como por exemplo, a *reflexão sobre a reflexão da prática*, quando o professor interpreta-a, compreende a ação e depois a ressignifica, consciente, sendo este um

processo mais elaborado (Wünsh, 2008). Deduz-se, por questões óbvias, que o professor não possui tempo para esta reflexão. Visto que na tabela de dados gerais, eles apresentam carga horária extensa de 200h a 240h, tendo 20 a 24 turmas com 30 a 45 alunos cada turma.

QUESTÃO C) Quando arguido sobre porque *opta* pela aplicação do futebol. O que o leva a utilizar o futebol nas aulas, os sujeitos responderam:

O sujeito 1 respondeu: Primeiro porque o futebol é uma questão cultural, é o que eles veem na mídia, e todas as crianças já chegam com essa ideia de jogar futebol, mas eu procuro mostrar pra eles que existem outras formas de trabalhar, não só na questão do rendimento, “Ah! Eu vou ser o vencedor!”, mas pensar: o que que o futebol pode estar te ajudando? Quando você vai chutar a bola, o que você vai estar trabalhando? trabalhar as qualidades também, domínio, coordenação motora, tudo tu vai adaptando. Mostrar pra eles o trabalho em equipe, sempre mostrando que existe uma equipe que pode ganhar e outra perder. Pra eles não terem só aquela visão do futebol que eles veem na televisão, muitas crianças às vezes não querem participar porque dizem que não sabem jogar bola, então vamos ver de que formas esse aluno pode participar, **vamos juntos construir um futebol em que todos possam participar.**

O sujeito 2 respondeu: dentro do meu planejamento tento trabalhar o futebol nas aulas recreativas, os alunos já tem enraizado a cultura do futebol, ele te pressiona e chega ao ponto de eles sabotarem tua aula até tu dar a bola pra ele brincarem de futebol, tu tem que negociar com o aluno, coloca no início ou no meio ou no fim o futebol, 10 minutos, 15 minutos, 1 vez por semana, 2 vezes, mas não necessariamente todas as turmas fazem isso. A forma como você organiza a aula é que é o verdadeiro diferencial, se você faz de forma consciente na sua aula, se tem referencial de autores que te dão possibilidades de fazer isso ou se você tá jogando simplesmente a bola de uma maneira que o aluno fique lá pra passar o tempo porque você tá saturado, eu não concordo dessa forma, eu organizo de forma estruturada mesmo que seja de forma recreativa.

O sujeito 3 respondeu: Bom, o primeiro princípio é o ter uma interação maior. Há um interesse das crianças na atividade física de futebol, porque é o que eles mais consomem através da mídia. **Pra eles, qualquer brincadeira de jogo de bola está relacionado ao futebol**, seja travinha, bobinho, tá tudo relacionado. Mesmo que seja numa quadra quando vão jogar brincando de futsal, eles falam pra gente assim: “professor, a gente vai jogar bola”, “Ah! Professor, me empreste o pneu”. Tudo pra eles está relacionado ao futebol.

O sujeito 4 respondeu: Por que eles gostam muito! Se tu for passar só a tua atividade é complicado. Tu usar a dinâmica do pedagógico, fica complicado, enjoativo pra eles, mas tem que ter o futebol em toda aula.

O sujeito 5 respondeu: nossa quadra é poliesportiva, então dá pra tu jogar futsal, handebol, voleibol, basquete, só que é muito difícil você quebrar a questão das outras modalidades, a gente não vai lá formar atletas, por exemplo de basquete, mas a gente vai fazer a iniciação desse basquete, só que tá muito incutido na cabecinha deles que só existe o futebol, ai você vai fazer uma aula voltada ao basquetebol, na forma de uma recreaçõzinha, numa turma de 30, só uns 3 ou 4 querem participar dessa atividade, não querem mesmo, e isso é uma coisa muito frequente.

O sujeito 7 respondeu: Bem, primeiramente pelo nosso país ser o país do futebol e pela cultura do nosso povo, então os alunos já trazem isso de casa, o futebol, então a gente tenta adaptar, tenta mostrar pra eles as regras, como se joga, como é que ele pode melhorar a funcionalidade dele.

O sujeito 8 respondeu: futebol é um esporte de massa no Brasil, as crianças perguntam : “tem bola hoje?”, se disser não, elas querem ir embora, você é obrigado a colocar o futebol nas aulas de Educação Física, eu deixo bem claro que quem quer fazer futebol tem que se inscrever numa escolinha de futebol por que a escola tem a Educação Física que é uma disciplina igual as outras e tem que ser abordado vários conteúdos, vários temas, e não estou ali pra selecionar os melhores a participar e eu misto bastante as equipes, sempre escolho os menores pra serem o capitão da equipe, os menos aptos pra participarem. Tens que fazer com que a criança entenda que ela está numa escola que ela precisa vir sim na Educação Física, que é uma prática, que não é seletiva, é independente de cor ou de qualquer diferença.

O sujeito 9 respondeu: Eu encaro a atividade futebol como uma atividade lúdica, no 2º ciclo voltado ao brincar, predomina o lúdico, o futebol brincar no jogo, tem sua grande característica da interação, onde levamos em consideração nas aulas vários aspectos, o brincar te traz isso, brincando o aluno acaba realizando, sem perceber aquilo que é nosso objetivo, que é a parte física, cognitiva também, está presente e principalmente a social e afetiva, além do prazer.

O sujeito 10 respondeu: Porque é a paixão do brasileiro, os alunos só pensam nisso e só pedem isso. Às vezes é só numa aula que eu passo, tem período que tu acaba dando o futebol em todas as aulas, principalmente no período de jogos intercolegiais.

ANÁLISE DE RESPOSTAS DOS SUJEITOS SOBRE A QUESTÃO “C” CRUZANDO COM DADOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO:

De acordo com o Gráfico 1, os 100% de sujeitos entrevistados utilizam o futebol nas suas aulas, então compreende-se ao analisar as respostas deles na entrevista da questão C, pois eles reconhecem o futebol como cultura de massa e que os alunos pedem muito para brincar de jogar futebol.

A resposta da Questão C, na entrevista, os sujeitos 1, 2, 7, 8, 10 reconhecem que opta pelo futebol porque é uma questão cultural, está entranhado nas raízes brasileiras, futebol faz parte da identidade do brasileiro (SOUSA e ARAÚJO,2007).

Segundo os sujeitos 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, são os alunos que chegam nas aulas pedindo para brincar de jogar futebol, é de se compreender as crianças brasileiras já nascem encantadas pelo futebol (SCAGLIA 2003). Para ensinar crianças e adolescentes, sempre devemos levar em consideração, acima de tudo, a cultura popular relacionada ao futebol (FREIRE 2006 p .7).

Os sujeitos 1, 3, 6, 9, optam por trabalhar o futebol pela riqueza e potencial de educar que ele possui, pelos valores de formação e pelo valor de trabalho de coletividade ele possui. Através do futebol jogo/brincadeira pode-se abordar questões inerentes aos valores de formação do indivíduo (SCAGLIA 2003).

Conclui-se que os professores de Educação Física escolar do 2º ciclo do ensino fundamental das escolas de Breves optam por utilizar ou liberar o futebol jogo/brincadeira

por que são forçados a liberar o jogo de bola, independente de gênero, meninos e meninas compartilham da mesma paixão pelo futebol. O professor inclui-se nesse universo, ele também está inserido na sociedade do futebol, precisa compreender esse fenômeno cultural e aprender a cumprir seus objetivos pedagógicos, ao mesmo tempo que contorna o futebol.

Ao perceber que é pressionado a permitir o brincar de jogar futebol, o professor se readapta, realiza jogos e atividades que utilizam fundamentos do futebol, mas ao mesmo tempo deixa os alunos conduzirem a brincadeira e se divertirem.

D) Questionou-se sobre quais as insatisfações ou dificuldades encontradas pelo professor de Educação Física em relação ao desenvolvimento pedagógico nas aulas.

Resposta do sujeito 1: Apesar da escola ter o espaço adequado, ter uma quadra, ter uma pequena arena pra brincar, mas o que incomoda é que a escola já se tornou pequena pra tantos professores de Educação Física, são 6 na escola que trabalho, no dia em que vão os seis, você não consegue dar uma aula de qualidade porque não tem mais espaço, principalmente quando se trabalha as modalidades. Com relação à parte pedagógica, a gente não tem o acompanhamento pedagógico relacionado à coordenação e o professor de Educação Física. Até mesmo pra fazer o acompanhamento de um aluno, por exemplo, às vezes um aluno não está bem na escola então “vamos ver como ele está na Educação Física”, ou então para verificar se esse aluno tem condições de participar dos jogos. Com relação aos materiais, nós temos na medida do possível e tentamos fazer as adaptações com criatividade.

Resposta do sujeito 2: O problema maior acredito, que seja, em Breves, é a falta de espaço adequado pra elaborar e desenvolver as aulas. Algumas escolas saíram dessa problemática quando ganharam uma quadra. Mas se tivéssemos um espaço amplo, coberto e destinado à prática com crianças, são 35 a 40 alunos e necessita de material também, ele é comprado por pessoas que não conhecem a realidade da Educação Física, sempre os mesmos materiais. São números exagerados de turmas, muitas cadernetas pra preencher, muitos alunos, professor tem q trabalharem mais de uma escola, a falta de espaço adequado e principalmente a falta de incentivo à falta de formação continuada. O professor trabalha de maneira isolada, não em conjunto com outros professores de Educação Física, *coordenação ou professores de sala de aula.*

Resposta do sujeito 3: “...Nossa dificuldade é na questão de espaço físico pra que realmente a aula possa fluir, por exemplo na aula de futebol, nossas escolas não possuem uma área aberta, ou elas tem quadra ou elas tem um salão, os salões são espaços fechados, baixos, muitas vezes com esteios que impedem o fluxo normal da atividade, então isso aqui já nos complica bastante. “...gostar todo mundo gosta do futebol, mas saber suas origens, geralmente não sabem...”, “...os alunos tem aversão á teoria, parece que eles só querem a prática pela prática, ainda não conseguem desenvolver o sentido da pesquisa, mas é importante que o professor consiga leva essa visão de histórica ou teórica do futebol aos alunos.” Temos problema de materiais, usamos bola atacante e quando o aluno vai pros eventos esportivos ele estranha a bola oficial de futebol de campo, de futsal, pois é outro peso, outro tamanho, então vai precisar de outra estratégia pro chute.

Resposta do sujeito 4: Sinceramente, tenho a quadra, tenho a sala de aula, e tenho materiais adequados, aí eu não tenho nenhum problema, de dificuldade, de fazer planejamento pra “mim” trabalhar com eles na sala de aula, não tenho nenhum tipo de crítica a fazer a respeito disso. É fácil as questões de planejamento.

Resposta do sujeito 5: Meu problema é a falta de material esportivo, meu material didático, pedagógico, no caso, que é pra poder dar as aulas, por exemplo, falta corda, falta cone, falta arco, falta material pra diversificação das aulas, isso dificulta muito.

Resposta do sujeito 6: As insatisfações e os problemas; (tempo) acho q o maior problema ainda da Educação Física é que ele ainda está meio perdido na sua identidade, é que o professor tem que perceber qual a importância dele no contexto social, ele ainda não percebeu, quando perceber, ele se valorize mais, ele busque mais. Por exemplo, quando o coordenador pedagógico chama pra fazer plano de aula, se existe isso em alguma escola, na minha ainda não, ele se retém, por medo, eu não sei por que, por não gostar, o professor precisa buscar mais conhecimento, se valorizar.

Resposta do sujeito 7: As dificuldades aqui no nosso município, primeiramente, é material e o espaço adequado, agora que na escola tem a quadra que é o espaço melhor pra fazer prática de qualquer atividade. Então esse é o essencial né? A falta de recursos materiais e de espaço físico.

Resposta do sujeito 8: No nosso município já melhorou bastante, há um tempo atrás na escola que trabalho o espaço era improvisado, e agora temos quadra coberta e outros espaços. Alguns reclamam sobre a questão do horário, porque tem turmas que fazem Educação Física no mesmo horário da aula e voltam pra sala suados, sujos. Tenho

Resposta do sujeito 9: "... A questão do espaço físico, material e o reconhecimento dos próprios profissionais da área em relação ao próprio professor de Educação física, ainda há o que evoluir muito em relação às atividades motoras". Quando você está numa atividade voltada a corporeidade, muitas vezes outro professor olha que isso é apenas uma brincadeira, ele não tem a visão da importância da corporeidade e desenvolvimento motor da criança. "Uma dificuldade encontrada é essa desvalorização do mesmo durante suas práticas, eu acredito que as práticas corporais são reduzidas em relação às práticas cognitivas, vale o aluno sentar em sala de aula e aprender a ler e escrever, quando se trata da parte corporal, ainda são práticas discriminadas..."

Resposta do sujeito 10: Uma das grandes dificuldades que o professor de Educação Física passa é a de saber a importância dele, a disciplina promove a formação humana de uma forma tão completa que se torna uma das que mais pode educar uma criança. Ele não se reconhece, tipo que precisa se conhecer.

ANÁLISE DE RESPOSTAS DOS SUJEITOS SOBRE A QUESTÃO "D" CRUZANDO COM DADOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO:

Os sujeitos apresentam como suas dificuldades, alguns fatores que influenciam diretamente na qualidade de suas aulas, e estas devem urgentemente ser refletidas a fim de superá-las, em prol da melhora da qualidade do ensino-aprendizagem em geral.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

A princípio, no Gráfico 2, os sujeitos são questionados se na escola em que trabalham possui espaço específico para realização das aulas de Educação Física. O percentual de 70% dos sujeitos responderam que sim, de fato, possuem algum lugar que podem dar sua aulas, resta saber se é apropriado para as atividades, ou se eles se contentam e, já se habituaram a dar aulas em espaços improvisados, afinal, a realidade do professor de Educação Física é a de se contentar em ocupar os espaços possíveis da escola, principalmente quando não tem quadra. 30% responderam que não possuem, são desprovidos de espaço, ou consideram não ter espaços por serem lugares inapropriados.

Os sujeitos 1, 2, 3, 7, 9, declararam na entrevista que o Espaço Físico teve uma pequena melhora nos últimos anos, porém, a maioria das escolas ainda possuem espaços inapropriados para as práticas.

No terceiro gráfico, os sujeitos são arguidos se possuem material didático e alternativo para as aulas de Educação Física, 80% disseram que sim, 20% afirmaram que não. Então, quem possui materiais tem a chance de diferenciar suas aulas, proporcionando vivências diversificadas. Mas, como seriam estes materiais? Bolas e bolas, sempre mais do mesmo? Os sujeitos estariam se contentando com materiais sucateados, resultando em aulas deficientes em diversificações?

Material didático-esportivo também se caracteriza como entraves, visto que foi relatado compra de materiais semelhantes todos os anos, material frágil e sucateado, relatado pelos sujeitos 2, 3, 5, 7, 9.

Apenas o sujeito 3, relatou dificuldades de explanar o assunto futebol de outras formas, como por exemplo na teoria, explicando histórico ou outras questões do futebol, considera-se que os demais não possuem porque não visualizam possibilidades de trabalho do futebol jogo/ esporte para o 2º ciclo, negligenciando o potencial de utilização de recursos tecnológicos para as diversas abordagens sobre o futebol esporte. O sujeito 8 relatou problemas com horários de aulas, afirmando que os professores de sala de aula reclamam dos alunos de Educação Física voltarem suados e sujos para aula.

Sujeito 2, 9, 10, relataram pensar que problemas de identidade do professor e questões de formação profissional, são os principais problemas que perturbam o trabalho docente na Educação Física. A necessidade de reconhecer-se, como diz o sujeito 10, perpassa por questões de valoração profissional. Sabe-se que fazer cursos, pesquisas e a prática de ação-reflexão-ação desenvolve positivamente a qualidade do trabalho

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

profissional, e eles tem razão quando reclamam sobre a falta de cursos que atualize seus conhecimentos. Motivos estes que podem estar influenciando diretamente na auto-imagem, auto-estima e motivação dos professores, tirando deles a postura proativa que deveria ser um comportamento natural de quem trabalha Educação Física escolar para 2º ciclo do ensino fundamental.

Na tabela 2, observa-se que os professores possuem um tempo expressivo de graduação, apenas 1 possui 2 anos de formado, 6 apresentam de 10 a 18 anos de graduação, e admira-se de ver que 3 professores dentre o grupo não fizeram cursos de formação nos últimos 2 anos. Isso é fato grave a ser considerado pela pesquisa, pela escola e pelo governo, Apesar de o trabalho docente ser um sacerdócio encantador, os problemas existem de fato e aumentam na medida em que estão ausentes as reflexões teóricas sobre a prática e as tentativas de transformação são pouco estimuladas (NEIRA 2009).

De modo geral, as considerações que se obtém através deste questionamento sobre quais as insatisfações ou dificuldades encontradas pelo professor de Educação Física em relação ao desenvolvimento pedagógico nas aulas é de que os sujeitos entrevistados se contentam com os espaços inapropriados ou instalações despreparadas para a prática da Educação Física, procurando adaptar e adequar sua prática dentro das possibilidades.

Percebe-se que eles necessitam de mais respaldo teórico em seus argumentos. Tal fato deve ser considerado urgente a ser buscadas possíveis soluções em busca de oferecer melhores condições para que o professor ministre aulas com melhores qualidades. Embora relatem dificuldades com espaço físico, material, valoração profissional, etc., os sujeitos parecem conseguir reunir esforços para ministrar suas aulas da melhor forma possível embora existam as adversidades, e a Escola precisa saber observar esses pontos positivos e dar um suporte ao trabalho docente.

2. POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO PARA POTENCIALIZAR O TRABALHO DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM QUE SE UTILIZE O FUTEBOL PARA O 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Partindo do pressuposto de que, toda crítica, para se tornar contundente, deve vir acompanhada de sugestões para superação do determinado fator criticado, pensou-se em algumas possibilidades de intervenção para potencializar o trabalho do professor de Educação Física escolar do 2º ciclo do ensino fundamental.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Primeiramente, para ministrar aulas em que se utilize ou aborde o futebol sem levar a prática pela prática, deve-se ter em mente com clareza, objetivos no plano conceitual, procedimental, atitudinal e competências, cujos conceitos abaixo, são baseados em NEIRA (2009). Objetivos conceituais referem-se ao que é preciso saber, procedimentais é o que é preciso saber fazer e, atitudinais é o que se admitem ser. No plano conceitual, refere-se ao professor buscar desenvolver competências. Levar o educando a compreender símbolos, expressões, ideias, imagens, representações e nexos, com os quais o aluno aprende e ressignifica a realidade. As competências a serem desenvolvidas geralmente são de enumerar, identificar, reconhecer, classificar, descrever, comparar, conhecer, explicar, relacionar, situar, analisar, interpretar, concluir, indicar, assinalar, resumir, diferenciar, aplicar, lembrar, etc.

No plano procedimental, é focado 'como fazer', envolve o processo ensino-aprendizagem, articulando a construção de uma lógica, uma pedagogia e uma área específica de conhecimento. As competências a serem desenvolvidas geralmente são as de aplicar, construir, simular, observar, experimentar, testar, demonstrar, representar, planejar, executar, confeccionar, manejar, utilizar, coletar, elaborar, reconstruir, compor, etc.

No plano atitudinal envolve valores, atitudes, normas, posturas que influenciam nas relações e interações da comunidade escolar numa perspectiva educacional responsável e valorativa. As competências a serem desenvolvidas, geralmente, são as de respeitar, perceber, comportar-se, ponderar, tolerar, aceitar, praticar, sensibilizar, motivar, agir, sentir, conhecer, atentar à, interessar por, obedecer, permitir, recrear, ter autonomia, pesquisar, estudar, etc.

Os professores de Educação Física de 2º ciclo do ensino fundamental de Breves precisam desenvolver um 'know-how' de atividades físico-recreativas, de dinâmicas, de brincadeiras, de novas formas de jogos pré-desportivos, de jogos transformados, de atividades lúdicas, ou de atividades físicas com bola nos pés. Em suma, são jogos e brincadeiras diferenciados que mantêm traços, fundamentos, elementos do futebol entremeados de outros conteúdos, de outros com metodologias diversificadas, com temas transversais e conteúdo de caráter atitudinais. O professor de Educação Física pode aprender a criar suas próprias atividades, adequadas às suas realidades, ou mesmo como sugere os teóricos mencionados no Capítulo I, deixar os alunos criarem suas atividades e ajudá-los nos desenvolvimentos das mesmas, o importante é haver ressignificações de conceitos e etc.

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Em relação ao futebol jogo/esporte, ele deve ser utilizado como um meio de aprendizado dos vários conteúdos da Educação Física, pode-se utilizá-lo para vivenciar, por exemplo, questões de relacionamento e solução de problemas em grandes grupos. Pode-se aproveitá-lo para proporcionar aos alunos o entendimento de questões de supremacia racial, observada no contexto histórico-social no futebol/ esporte no mundo e compará-lo com discriminações sociais observadas na região do Marajó. O professor pode e deve apresentar a dimensão do futebol/ esporte para os alunos de 2º ciclo através dos recursos audiovisuais, atividades extraescolares, apresentação e reconhecimento de atletas e ex-atletas, clubes e associações existentes na cidade de Breves. Porque a maioria dos professores enxerga o futebol/ esporte somente pelo mais comum? Ou pelo que vê na TV? Ou da mesma forma que enxerga os alunos? O professor precisa lançar o olhar mais além de uma abordagem curta, simples e comum. Em anexo, vão contidas algumas sugestões de atividades propostas para utilização do futebol jogo/esporte, lembrando que são apenas pontapés iniciais para criação de suas próprias atividades.

Faz-se necessário firmar mais o elo entre jogos cooperativos com o 2º ciclo do ensino fundamental e o brincar de jogar futebol. Visto que, na sociedade brevesense se nota o alto espírito esportivo-competitivo cultivado desde cedo nas crianças e tornando-se visivelmente exagerado nos adultos. A proposta é criar projeto intra-escolar e/ou interescolar de jogos cooperativos com futebol jogo/ brincadeira e futebol jogo/esporte, evidenciando, sobretudo, os aspectos atitudinais da Educação Física, envolvendo toda a comunidade escolar a fim de difundir a imagem do futebol/ esporte da escola, a imagem que deve realmente ser difundida na escola, o esporte educacional. Desmistificando, conseqüentemente, questões desconfortáveis entre o professor de Educação Física, a brincadeira, o jogo e o esporte.

Há muito mais com o que contribuir, porém, este trabalho se sustenta na proposta de lançar novos olhares e novas criações, apenas centelhando ideias para que cada professor, ou melhor, grupos de professores, busquem ressignificações de suas práticas.

CONCLUSÃO

Após avançar um longo percurso de pesquisa bibliográfica e de campo, chego às conclusões desta pesquisa.

Os professores de Educação Física escolar do 2º ciclo do ensino fundamental da zona urbana de Breves/PA, estão, de fato, utilizando o futebol em suas aulas e esse futebol é na forma e conceito de futebol jogo/brincadeira por ser lúdico. Percebi certa impotência do professor diante da vontade e fanatismo dos alunos pelo jogar bola, arrisco dizer até certa angústia por parte dos docentes. Essa pressão psicológica exercida pelo aluno ao professor foi confirmada. Os professores são pressionados pelos alunos a deixarem os mesmos jogarem bola de forma autônoma e livre, e, mesmo assim, ele se esforça para transmitir um conhecimento, para repassar um conteúdo e cumprir seus objetivos. Os alunos são fanáticos, entretanto, negar à eles esse prazer de brincar de jogar futebol não faria sentido, seria como acorrentá-los, castigá-los ou mais nocivo ainda, privá-los da riqueza cultural e de aprendizado que eles podem ter através de brincar de jogar futebol, seria negá-los a infância e isso já é um bom argumento para a ser dito para aqueles que ainda acham sensato retirar qualquer forma de futebol de dentro da escola.

A direção, coordenação pedagógica e professores do ensino regular pressionam o professor para apresentar alunos aptos nos fundamentos do esporte e especialmente no futebol, sendo conhecedores de regras, técnicas e táticas, mas como ele pode fazer isso, se a Educação Física escolar defende o esporte educacional?

Vale ressaltar, que considero possíveis a atitude do professor se ausentar do local da atividade, deixando os alunos brincarem sozinho, confundindo a autonomia que tem que ser dada ao aluno com deixá-los no ambiente, sozinhos. Não confundir autonomia com agir sem intervenção do professor, extrapolando os limites da liberdade, deixando os alunos fazerem sozinhos o que quiserem.

Um ponto que observei e que é de extrema importância ressaltar nesta conclusão, o qual considero gravíssimo, é o fato de 9 professores dentre os 10 entrevistados, afirmarem não abordar o futebol jogo/esporte em suas aulas, sob o argumento de não poderem trabalhar esporte de rendimento nas aulas para o 2º ciclo. O que confirma que os mesmos não devem estar com suas leituras atualizadas sobre como abordar o esporte na escola, ou pelo menos estão se prendendo à aspectos conceituais, ou então, por um lapso de

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

memória, não lembraram que em períodos de eventos desportivos na escola e a nível de município, é o esporte de rendimento que se vive, é o futebol jogo/esporte que se fala noite e dia dentro da escola. Os alunos de 2º ciclo necessitam conhecer o esporte de rendimento, não só na prática, não só mostrando à eles os fundamentos, não só em épocas de jogos internos ou intercolegiais. O professor de Educação Física do 2º ciclo não precisa ter receio de afirmar que trabalha o futebol jogo/ esporte, não é proibida essa abordagem, ela só não pode ser resumida na prática pela prática, ela é bem discutida e apoiada no meio científico da Educação Física escolar. Porém, o professor tem que saber fazer abordagens a nível conceitual, procedimental e atitudinal para apresentá-lo aos alunos com idades entre 9 e 10 anos.

Compreendi plenamente que o futebol jogo/esporte pode ser abordado numa perspectiva de prevenção aos aspectos manipulativos do esporte-espetáculo ou futebol-espetáculo, pode ser abordado numa contextualização histórico-crítica, assim, os alunos poderão passar de meros repetidores dos gestos mecanizados de seus ídolos futebolísticos para bons observadores críticos das realidades do futebol. Assim, não tirarão do futebol apenas os proveitos do brincar, pois, essa também é uma grande conclusão desta pesquisa, que apesar da existência da grande riqueza educacional que o brincar e o jogar possuem, ainda é pouco que o professor tire proveitos apenas disso, negligenciando os proveitos do esporte.

Considero possível e necessário abordar o esporte para o 2º ciclo do ensino fundamental, é urgente inclusive, pois os alunos logo farão uma importante transição para o ensino fundamental maior, passando para o 6º ano, onde a complexidade da abordagem dos conteúdos será maior. Faço uma breve reflexão: como o aluno pode construir uma linha positiva e contínua de raciocínio sobre o universo do esporte competitivo e de rendimento se ele somente passa a discuti-lo a partir do 6º ano? Se ele vem construindo a imagem do esporte unicamente com o que ele absorve das mídias?

O professor fala que não trabalha em suas aulas o esporte de rendimento, mas ele trabalha essa abordagem sim, em vivências gerais no contexto escolar nas épocas de jogos competitivos na escola e município. Ele considera que esses momentos esportivos na escola e no município não são momentos de aprendizado? Não são aulas? Não faz parte da prática docente dele? Os eventos esportivos que a escola possui são formas de abordar o esporte de rendimento para a Educação Física, mas equivocadamente, na cidade de

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Breves, é incluído 2º ciclo pra vivenciar o esporte de forma brusca e altamente competitiva. Portanto, incluindo alunos despreparados para essa abordagem.

Penso que refletir o futebol jogo/esporte não é tratar do simples ato de debater com os alunos em rápidas rodas de conversas ou após as aulas, nem destinar comentários sobre o esporte somente nos períodos que antecedem essas competições esportivas da escola, trata-se de criar uma esfera constante de uma nova visão de futebol jogo/esporte, de não competir por competir, de tratar o futebol como fenômeno cultural, trata-se de discutir em vários e constantes momentos a nível de comunidade escolar. Se por um lado o professor está estigmatizando o futebol/esporte, por outro o jogo/esporte domina a Educação Física escolar, é só observar o comportamento das escolas em épocas de competições esportivas, indiscutivelmente, em Breves, impera o espírito desportivo e das competições acirradas.

Outra importante conclusão feita por mim após a pesquisa é a de que os professores parecem trabalhar isoladamente. Cada professor faz seu trabalho na escola, tem suas realidades e seus problemas, ficando fechado pra si todas as suas experiências, observações e descobertas. Enquanto que, analisando sob a ótica da autora portuguesa Maria do Céu Roldão, para esses tipos de situações o trabalho colaborativo é um excelente meio de desenvolvimento e aprimoramento do trabalho docente, aumentando a qualidade do processo ensino aprendizagem. Tenho a certeza de que todos tendem a ganhar com o trabalho colaborativo, mas eles não têm conhecimentos sobre isso.

Os professores têm, talvez sem perceber, dificuldades semelhantes, realidades muito próximas, afinal, mesmo estando em escolas diferentes, estão compartilhando da cultura de uma mesma cidade e região. Trabalhar isoladamente na montagem de planejamentos, sejam anuais, sejam de aula, ou eventos que envolvem a Educação Física, é algo extremamente ultrapassado. Resulta em professores com visões limitadas e trabalho limitado. O trabalho feito entre pares resulta num ambiente propício para reflexão, para ressignificações, favorece o companheirismo, a cooperação, a superação de desafios, entre outros atributo do trabalho docente colaborativo. Os professores de Educação Física precisam se dar conta de que a união favorece a classe.

Suponho que durante a formação acadêmica desses professores não tenham sido evidenciadas questões sobre o trabalho colaborativo na atuação profissional, por isso, tenho a certeza de que uma Supervisão de professores de Educação Física na zona urbana de Breves, poderia contribuir para amenizar ou solucionar alguns problemas. Os instigariam a

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

refletir suas ações docentes, fariam perceber suas problemáticas, a fim de melhorar a qualidade de ensino de Educação Física, porém, a realidade é que não parecem ter conhecimentos sobre a importância da existência de um trabalho em Supervisão de professores para a organização e qualidade do trabalho docente em Educação Física.

Um problema puxa o outro, quanto à formação, os professores de Educação Física de Breves precisam de formação continuada e de prática de leitura, estudo, pesquisa e de reflexão, pois os visionários que usufruem de momentos de formação apresentam a capacidade de “reorganizar” o entendimento da sua realidade, como já foi dito, existem dificuldades, mais existem soluções para estas dificuldades, ou temos que aceitar e ser refém do sistema sociopolítico e econômico que estamos inseridos? Não é dado o devido valor à determinadas adversidades da Educação Física escolar de Breves, inclusive do Brasil, e por este motivo não se destinam investimentos de maneira adequada.

Acredito no esforço dos profissionais de Educação Física de 2º ciclo do ensino fundamental de Breves em fazer de sua prática um ensino voltado à formação de cidadãos, mas que apesar desse esforço, o trabalho docente ainda parece alienado, individualista, não embasado e afastado dos objetivos que a Escola deve atingir. Os professores precisam rever os conceitos, quebrar paradigmas que os impedem de desenvolver novas práticas e ressignificações do trabalho docente. Considero importante procurar multiplicar momentos de trabalhos coletivos entre eles da mesma profissão de Educação Física, para que haja troca de experiências, confronto saudável de ideias e conhecimentos, devem transformar suas práticas docentes para desencadear modificações, de fato, em suas sistematizações.

A Escola por sua vez, diretores, professores, funcionários, pais, conselhos, etc, precisam tomar consciência de suas ações de só julgar o professor. O problema de um deve ser de interesse de todos a ser solucionado, pois todos estão num mesmo processo. Penso que professores devem aprender a respeitar professores. Lançar um olhar com mais valorização profissional ao professor de Educação Física escolar, com mais respeito, ética e humildade, contribuindo com seu trabalho, dando-lhe o suporte necessário, trabalhando em conjunto com o mesmo, compreendendo as especificidades da profissão e crescendo junto.

Ao finalizar este trabalho de pesquisa, dois sentimentos me vem à tona, um é de satisfação pelo término do mesmo, e o outro é de saber que ele abre portas para novos questionamentos, que isto é apenas o primeiro passo de um processo de ressignificação do trabalho docente em Educação Física em Breves. Muitos irão criticar de forma construtiva,

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

outros de forma negativa, é o natural do ser humano, mas, o que vai ficar de mais importante, são as reflexões, são as descobertas, a contribuição para a formação de novos professores, são as novas articulações que serão feitas a partir desta pesquisa e isso, por si só, já é gratificante, só tem a contribuir com a Educação brevese e brasileira, a somar valores de formação do ser humano cidadão, fazendo manter viva e alimentada a chama da paixão de ser professor de Educação Física, com muito orgulho.

Flávia Ferreira Barbosa da Silva

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo. Cortez, 2003.

_____, **Formação reflexiva de professores – estratégias** de supervisão. Editora Porto. 1996

ALMEIDA, P. N. **Educação lúdica : técnicas e jogos pedagógicos**. 11ª. EDIÇÃO. . SÃO PAULO: LOYOLA. 1990

ARANTES, A. C. **A História da Educação Física escolar no Brasil**. Revista Digital – Buenos Aires – Año 13 – nº 124. 2008 - Brasil. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>

BECKER, L. **Do fundo do baú. Pioneirismos no futebol brasileiro**. 2ª edição. Curitiba – Almanaque. 2012.

BETTI, M. **A janela de vidro: Esporte, televisão e Educação Física**. Coleção Fazer/ lazer Ed. Papirus. 1998

BOCK, A. M.; Bahia, O. F. Teixeira, M. L.; Teixeira, T. (1999). **Psicologias, uma introdução ao estudo de psicologia**. Editora Saraiva São Paulo.

BOSSLE, F. Movimento, Porto Alegre, V. 8. N. 1. P. 31 – 39. 2002

BRACHT, V. **IDEIAS. EDUCAÇÃO FÍSICA: A BUSCA DA AUTONOMIA PEDAGÓGICA**. Revista da Fundação de Esporte e Turismo 1(2). 1989

CASTILHO, M. M. **FUTEBOL NA ESCOLA: SUA CULTURA, ESPAÇO E ELEMENTOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**. 2010. 41 folhas. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário Ítalo Brasileiro. São Paulo. 2010

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo SP: Ed. Cortez, 2012

DARIDO, S. C, **Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática ...** - Unesp de SC. *Motriz*, 2002. A escola deve ser um espaço privilegiado de construção. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/Darido.pdf>

DARIDO, S.C.; RANGEL. I. C. A. **Educação física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. (Coleção Educação Física no Ensino Superior).

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

DAÓLIO, J. **Educação física e conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do Futebol**. Autores associados, Coleção Educação Física e esportes. 2ª ed. Campinas – SP. 2006.

_____, **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. Campinas: Scipione. 1989.

FREYRE, G. **Casa-grande e Senzala**. 48ª edição. Global Editora. São Paulo. 2003.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2005.

GASTALDO, Dr. É. L. **Futebol, mídia e sociedade no Brasil**: reflexões a partir de um jogo. Caderno IHU ideias. Instituto Humanitas Unisinos. Ano – 1, nº 10. RS. 2003

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas S.A. 4ª edição. São Paulo. 2008

GONÇALVES, C. P. R. **Ludicidade e Contexto Cultural**: Sua importância no processo ensino aprendizagem. Brincar na educação infantil: Como? E por quê? – FADIRE – Faculdade de Desenvolvimento e Integração Regional. Programa especial de extensão Curso: pedagogia. 2012.

GRESPLAN, M. R. **Educação Física no ensino fundamental**: Primeiro ciclo. Editora Papirus. Campinas –SP. 2002.

GUERIERO, D. A.; ARAÚJO, P. F. **Educação Física escolar ou esportivização escolar?** 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - Nº 78.

HERDEIRO, R. C. **A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE ESCOLAR E ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO**: recreação, reprodução e distinção. 2013. Dissertação. Universidade de Brasília Faculdade de Educação Física, programa pós graduação Strictu Sensu em Educação Física. Brasília DF. Disponível em: http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/14728/1/2013_RafaelCorreiaHerdeiro.pdf

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo.1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidade de Breves**. 2014. Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=150180&idtema=16&search=para|breves|sintese-das-informacoes>

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança, e a educação**. Ed. Vozes. Petrópolis – RJ. 1993.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. Ed. Pioneira. São Paulo – SP.1998

KUNZ, E. **O esporte enquanto fator determinante da Educação Física**. *Contexto & Educação*, v.15, p.63-73. 1989.

LAKATOS, E. Maria; MARCONI, M. de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica: Técnicas de pesquisa**. 7 ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar**. Artmed 2ª ed. Porto Alegre. 1978

LE BOULCH, J. **A educação pelo movimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

LE BOULCH, J. M. **O corpo na escola do século XXI: práticas corporais**. Editora Phorte. São Paulo. 2008

LIBÂNEO, J. C. **O essencial da didática e o trabalho de professor** - UCG. 2012 - Disponível em: http://www.ucg.br/site_docente/edu/libaneo/pdf/didaticadoprof.pdf

MANZINI, E. J. **Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação**. *Revista percurso* - NEMO Maringá, v. 4, n. 2 , p. 149-171. 2012.

MARA, T. **Esporte educacional, de desenvolvimento, participação e lazer**.2008. Disponível em: <http://codef-ren.blogspot.com.br/2008/06/esporte-educacionalde.html>

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

MATTA, D. F. Educação física no Brasil: com uma visão transformadora na Educação Básica, transpirando menos e pensando mais. Lato & Senso. V.2, n.3, p.30 – 33. 2001.

MÁXIMO, J. **Memória do Futebol Brasileiro**. 1999

MELHEM, A. A prática da Educação Física na escola. Editora Sprint. Rio de Janeiro-RJ. 2009.

MOREIRA, E. C. Educação Física escolar: desafios e propostas 1. Ed. Fontoura, 2ª edição. Jundiaí – SP. 2009

MULTICURSO GRUPO DESAFIO PIO XII. **entrevista com Antônio Nóvoa - o professor ... - desafio - O paradigma do professor reflexivo. 2008.** Disponível em:<http://desafiopio.blogspot.com.br/2008/06/entrevista-com-antnio-nvoa-o-professor.html>.

NEIRA, M. G. **Educação Física: desenvolvendo competências** 3ª edição. Ed. Phorte. São Paulo –SP. 2009.

NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. Coleção Ciências da Educação. 2ªed. Porto Editora. 2009.

OLIVEIRA,V. B.; I SOLÉ, M. B. FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar com o outro: caminho de saúde e bem-estar**. Editora Vozes. Petrópolis – RJ. 2010.

OLIVEIRA, V. Paes,R. R.**A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos**.Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - Nº 71. 2004 – Disponível em:<http://www.efdeportes.com>

REVISTA E. F. – CONFEF. **Qual o legado para a Educação Física?**Nº 23 - MARÇO DE 2007. Disponível em: <http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=3654>

ROLDÃO, M. C.**Colaborar é preciso. Questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores**. Dossier trabalho colaborativo dos professores. Revista questões e razoes. P 24 a 29. – Portugal – PT. 2005

SANTOS, E. C. (2004). **O que Vygotsky disse sobre a Brincadeira** - UFRGS. Um estudo sobre a brincadeira entre crianças em situação de rua. Dissertação de Mestrado - PPG em

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

Psicologia do Desenvolvimento, *UFRGS*. 2004. Disponível em:
<http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo3/ludicidade/vygotsky2.htm>

SANTOS, J.M.C.M.; DRUMOND, M. **A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões**. Revista Tempo. Vol 17. n. 34. Dossiê uma história do esporte para um país esportivo. 2013

SAULO, C. B.; /MATOS, D. G.; SAVÓIA, R. P.;ZANELLA, A. L.; BELLONI, D. T.; Mauro, L.M. F. **A esportivização da Educação Física no ambiente escolar**. 2009. Disponível em:
<http://www.efdeportes.com> Revista Digital – Buenos Aires – Ano 14 – nº 133.

SCAGLIA, A. J. **O FUTEBOL E OS JOGOS/BRINCADEIRAS DE BOLA COM OS PÉS: TODOS SEMELHANTES, TODOS DIFERENTES**. Universidade Estadual de Campinas- Faculdade de Educação Física- Campinas-SP. Tese de doutorado, orientado por João Batista Freire. 2003.

SCARPATO, Org. **Educação Física – como planejar as aulas na Educação Básica**. Editora Avercamp, São Paulo. 2011.

SCHÖN, D. A. **TinkerBelle | Never go to bed without learning something new. Professional learning and the reflective practitioner** (Chapter 1). In Dymoke, S. (ed) 1983. Disponível em: [http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Formação/Continuada/Artigos Diversos/reflectivepractitioner - schon.pdf](http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Formação/Continuada/Artigos%20Diversos/reflectivepractitioner%20-%20schon.pdf)

SILVA, A. X. **HISTÓRIA DO FUTEBOL NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO**. 2011. 57 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina.

SOARES, E. R. **Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais**. Revista Digital – Buenos Aires – Año 17 – nº 169. (Brasil).2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>

SOUSA, L. R. M.ARAÚJO, D. M. E. **O futebol na escola: uma abordagem cultural**. Anais do II Encontro de Educação Física e Áreas Afins Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação Física (NEPEF) / Departamento de Educação Física / UFPI. 2007.

SOUZA, J.;JÚNIOR, W. M. **Anotações para uma sociologia reflexiva do esporte**. XII simpósio internacional processo civilizador. Recife – Brasil Civilização e contemporaneidade. 2009

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

TEIXEIRA, D. **O corpo no contexto escolar, de lazer e de alto nível. Um diálogo na busca de significados.** Ed. Eduem. Maringá-PN. 2001

TOMAZETT, L. C. **A paixão pelo futebol e a construção de uma nova identidade:** indústria cultural excita, Freud explica. Revista Esporte e Sociedade ano 4, n.11, Mar./Jul. 2009

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** Col. Questões da nossa época. Vol 25. 3ªed. Ed. Cortez. 2011.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. **Estreito de Breves:** formado por um conjunto de pequenos rios e ilhas. 2015 .Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Breves>

WÜNSH, L. P. **“O que fiz bem, o que fiz mal?”** Desenvolvimento de competências reflexivas na formação inicial dos professores. Universidade de Lisboa. Faculdade de psicologia e ciências da educação. Mestrado em ciências da educação Área de especialização em formação de professores Orientadora Maria Manuela Franco Esteves. 2008.

Flávia Ferreira Barbosa da Silva

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

ANEXO

ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O FUTEBOL
JOGO/ BRINCADEIRA E FUTEBOL JOGO/ESPORTE
NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE
BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO - ESEAG
CURSO DE MESTRADO EM SUPERVISÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES
ORIENTADOR: PROF. DR. RICARDO FIGUEIREDO PINTO

PESQUISADORA: FLÁVIA FERREIRA BARBOSA DA SILVA

PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA: NOV/ 2014 A DEZ/ 2014;

JANV/2015 A MAR/2015.

Prezados professores de Educação Física. Eu, **Flávia Silva**, aluna do curso de mestrado em Supervisão e Formação de professores, estou na fase de observação e pesquisa de campo do processo de elaboração de minha dissertação cujo tema é **“ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.”** Nesse sentido, e atendendo o que prescreve a Resolução CNS 196/96, que determina que todo e qualquer trabalho realizado com seres humanos necessita de autorização, venho através deste documento solicitar sua participação neste processo. Caso esteja disposto em colaborar conosco, solicito a V. Sa responder as questões abaixo. Lembrando que todos os dados coletados serão trabalhados dentro da ética, resguardando as informações e identificação pessoal.

Idade: _____ Sexo: _____ Tempo de formação: _____ CH Total/Mensal: _____

Quantidade de turmas: _____

Média de alunos por turma: _____

Quantos cursos de formação nos últimos 2anos? _____

(Graduação/especialização) _____

QUESTIONÁRIO OBJETIVO

De acordo com PCN – Ed. Física, Coletivo de autores 2ª ed. (2012), Darido e Rangel (2005), Freire (1989), Scarpato (2011) e outros, o Futebol pode ser abordado em contextos escolares, no ensino fundamental, portanto, questiona-se:

1. VOCÊ UTILIZA FUTEBOL NAS SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?
() SIM () NÃO
2. NA ESCOLA EM QUE VOCÊ TRABALHA POSSUI ESPAÇO ESPECÍFICO PARA REALIZAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?
() SIM () NÃO
3. POSSUI MATERIAL DIDÁTICO E ALTERNATIVO PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?
() SIM () NÃO
4. HÁ PLANEJAMENTO, COM ANTECEDÊNCIA, DE SUAS AULAS?
() SIM () NÃO
5. A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA INTERAGE NA CONSTRUÇÃO DE PLANOS COM O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA?
() SIM () NÃO
6. SÃO REALIZADAS REUNIÕES PEDAGÓGICAS PARA DISCUSSÕES INTERDISCIPLINAR QUE ENVOLVAM A EDUCAÇÃO FÍSICA?
() SIM () NÃO

ENTREVISTA

7. QUE TIPO DE ABORDAGEM MAIS FREQUENTEMENTE VOCÊ USA EM SUAS AULAS:
FUTEBOL JOGO/ BRINCADEIRA OU FUTEBOL JOGO/ ESPORTE?
8. DESCREVA COMO VOCÊ ORGANIZA O FUTEBOL EM SUAS AULAS
9. POR QUE VOCÊ OPTA PELA APLICAÇÃO DESTA ATIVIDADE? OU SEJA, O QUE LEVA VOCÊ A APLICAR O FUTEBOL NAS AULAS?
10. QUAIS AS INSATISFAÇÕES OU DIFICULDADES ENCONTRADAS POR VOCÊ EM RELAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO PEDAGÓGICO DAS AULAS?
(CONTEÚDOS, METODOLOGIAS, REGISTRO DE DADOS, AVALIAÇÃO, ETC)

OBRIGADA!

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO - ESEAG

CURSO DE MESTRADO EM SUPERVISÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ORIENTADOR: PROF. DR. RICARDO FIGUEIREDO PINTO

PESQUISADORA: FLÁVIA FERREIRA BARBOSA DA SILVA

**PERÍODO DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA: NOV/ 2014 A DEZ/ 2014;
JAN/2015 A MAR/2015.**

Prezados colaboradores. Eu, **Flávia Silva**, aluna do curso de mestrado em Supervisão e Formação de professores, estou na fase de observação e pesquisa de campo do processo de elaboração de minha dissertação cujo tema é **“ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ZONA URBANA DE BREVES – MARAJÓ – PARÁ – BRASIL.”** Nesse sentido e atendendo o que prescreve a Resolução CNS 196/96, que determina que todo e qualquer trabalho realizado com seres humanos necessita de autorização, venho através deste documento solicitar sua participação neste processo. Caso esteja disposto em colaborar, solicito a V. Sa responder as questões abaixo. Lembrando que todos os dados coletados serão trabalhados dentro da ética, resguardando as informações e identificação pessoal.

1. QUANTOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESTÃO LOTADOS NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL DA ZONA URBANA DE BREVES, REFERENTE ÀS SEGUINTE SÉRIES?

→ 4º e 5º ano:

2. QUAIS SÃO AS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL EXISTENTES NA ZONA URBANA DE BREVES NAS SEGUINTE SÉRIES?

→ 1º ao 5º ano:

→ 6º ao 9º ano:

OBRIGADA!